UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Matheus Almeida Coelho

**O comportamento prosódico de
siglas, nomes próprios e compostos
no português brasileiro:
evidências para o grupo de palavras prosódicas**

(Versão corrigida)

São Paulo
2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Matheus Almeida Coelho

**O comportamento prosódico de
siglas, nomes próprios e compostos
no português brasileiro:
evidências para o grupo de palavras prosódicas**

(Versão corrigida)

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Mestre em Letras.

Área de Filologia e Língua Portuguesa.

De acordo:

Orientadora: Professora Doutora Flaviane
Romani Fernandes Svartman

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C672c Coelho, Matheus
O comportamento prosódico de siglas, nomes próprios e compostos no português brasileiro: evidências para o grupo de palavras prosódicas / Matheus Coelho ; orientadora Flaviane Svartman. - São Paulo, 2018.
128 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Português Brasileiro. 2. Fonologia. 3. Prosódia. 4. Hierarquia prosódica. 5. PWG. I. Svartman, Flaviane, orient. II. Título.

Agradecimentos

É frustrante perceber que, dentro de toda a infinitude de mensagens que o dom da linguagem nos permite transmitir, ainda assim é impossível comunicar todo o amor e a gratidão que tenho pela minha família. Mãe e pai, obrigado não apenas por me darem a vida, mas por todos os dias cuidarem para que eu ache bom viver. Obrigado pelo amor, pelo zelo e pelo respeito tão grandes que conseguem ultrapassar todas as minhas complexidades, dificuldades e birras. Isso é heróico. Se o Mestrado foi até agora a aventura mais difícil da minha vida, este parágrafo foi a maior aventura do Mestrado. Eu amo vocês muito.

Sá, obrigado pelo chá mate com açúcar que você preparava pra mim todos os dias antes de irmos para a escola e por ter feito minha infância tão doce. Ana Clara, obrigado por ressignificar meu conceito de *vida* não com palavras, mas com o choro mais bonito. Obrigado às minhas tias, por terem sido uma extensão da minha mãe tanto nas caronas e nas comidas como também na paciência e no amor incondicional.

Obrigado aos meus amigos – para todos os fins, irmãos – Agnaldo, Caio, Renato e Tarsis por terem escolhido desbravar a vida ao meu lado e por fazerem questão da minha presença ao nos depararmos tanto com as feras como com as novas cores dessa floresta. Obrigado às minhas amigas Marcella, Mayara, Melissa, Patricia, Sarah, Thaís e Vivian por serem meus diálogos mais seguros e por me ensinarem que ser forte não é não ter fragilidades, mas poder reunir a coragem necessária para assumirmos e enfrentarmos nossas fragilidades. E muito obrigado à Rafaela, porque se não fosse pelo Forest eu poderia nem ter terminado este trabalho e escrito essas linhas.

Obrigado ao André, meu psicólogo, por cuidar da minha principal ferramenta de trabalho. Obrigado por respeitar meus medos e por me ajudar a decodificá-los e domá-los. Obrigado por me ajudar a ser mais homem e menos saco de batatas.

Obrigado a todos os professores e divulgadores científicos que dedicam suas vidas a manter acesa, em nerds como eu, a paixão pelo conhecimento e pela descoberta. Agradeço especialmente aos professores Paulo Chagas, Gabriel Antunes de Araújo, Rosane de Sá Amado, Aline Fonseca, Waldemar Ferreira Netto, Luciani Ester Tenani e Carolina Ribeiro Serra por seus papéis como titulares ou suplentes das minhas bancas de qualificação ou de defesa. Muito obrigado pela dedicação dispensada na leitura, na reflexão e na crítica ao meu trabalho. É inestimável para o meu trabalho o valor das contribuições de profissionais tão brilhantes.

Obrigado a todos os integrantes do meu grupo de pesquisa por sempre solucionarem minhas dúvidas mais técnicas e por me fazerem companhia neste barco. Vinícius, obrigado por ir na frente abrindo o caminho para todos nós. Gabi, obrigado por nos mostrar que seriedade não é sinônimo de

cara feia. Carol, obrigado por ser excelente. A excelência do seu trabalho como pesquisadora foi, sem exageros, minha maior inspiração para trabalhar – uma excelência que está presente em tudo onde você põe o dedo, em especial na nossa amizade de já tantos anos.

Flavi, não existe outro ser humano como você. A força única com a qual você se desdobra para executar com perfeição seus papéis de mãe, de professora, de pesquisadora e de orientadora por si só já poderia ser objeto de estudo de uma dissertação. A paciência já poderia ser outro. A competência, outro. E por aí vai. Agradeço por você ter me escolhido como seu orientando, mas agradeço muito mais pela sua humanidade ao insistir e acreditar em mim mesmo quando essa sequer parecia ser a postura mais lógica, como a grande amiga que você é. É uma enorme honra lutar ao seu lado.

Finalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro concedido ao longo dos últimos dois anos deste trabalho.

Resumo

Neste estudo, investigamos a hipótese de que fenômenos fonológicos que ocorrem com certos elementos morfossintáticos, como palavras compostas, nomes próprios e siglas, em português brasileiro (doravante, PB) dão evidência para a proposição do domínio prosódico denominado Grupo de Palavras Prosódicas (PWG – *Prosodic Word Group* [Vigário, 2007, 2010]), o qual se situa na hierarquia prosódica entre a Palavra Prosódica (PWd) e o Sintagma Fonológico (PPh).

Esse mesmo nível tem sido denominado grupo clítico (C) (Nespor & Vogel, 1986, 2007; Hayes, 1989) e descrito como o domínio prosódico que compreende as palavras compostas e as palavras lexicais acentuadas eventualmente acompanhadas por clíticos. Contudo, não há consenso absoluto quanto à associação de clíticos a palavras lexicais acentuadas implicar realmente a existência de um nível prosódico distinto, uma vez que esse tipo de associação pode variar: em várias línguas já foi observada a associação de clíticos a níveis superiores e inferiores ao da PWd. Cabe ainda observar que palavras compostas e palavras lexicais acentuadas acompanhadas por clíticos não são os únicos elementos morfossintáticos do PB cujo domínio prosódico em que são mapeados consiste no nível da hierarquia prosódica situado entre PWd e PPh.

Para a nossa investigação, analisamos um *corpus* de PB no sentido de determinarmos de que forma a prosodização desses elementos em PWGs se difere ou se assemelha à prosodização de PWds e PPhs. Com esse objetivo, procuramos contrastes entre a a prosodização de elementos que, por hipótese, tenham PWG como domínio e a prosodização de elementos que tenham PPh como domínio. Ademais, procuramos, em contexto de foco contrastivo, contrastes entre o comportamento de PPhs e PWGs ramificados.

Com relação à marcação de foco contrastivo em PWG, observamos que, tanto em PPhs ramificados como em palavras compostas e nomes próprios, parece não haver possibilidade de ocorrência de proeminência fonológica de foco em uma PWd diferente da PWd núcleo da focalização. Para siglas, existe essa possibilidade, ainda que o fenômeno não seja frequente. Com relação ao bloqueio de SVE pelo acento de PWG em diferentes estruturas prosódicas, não observamos comportamentos sistematicamente distintos entre PWGs e PPhs ramificados com o mesmo número de PWds em estruturas frasais análogas. Por outro lado, observamos que o acento de PWG tem influência na ocorrência de SVE mesmo quando não coincide com o acento de PPh. Portanto, de acordo com os resultados que obtivemos, o PWG se mostra relevante para a descrição prosódica do PB.

Palavras-chave: Português Brasileiro; Fonologia; Prosódia; Hierarquia prosódica.

Abstract

In this study, we investigate the hypothesis that phonological phenomena that occur with certain morphosyntactic elements, such as compound words, proper names and acronyms, in Brazilian Portuguese (henceforth, PB) give evidence to the proposition of the prosodic domain denominated *Prosodic Word Group* (PWG [Vigário, 2007, 2010]), which, within the prosodic hierarchy, is located between the Prosodic Word (PWd) and the Phonological Phrase (PPh).

This same level has been called Clitic Group (C) (Nespor & Vogel, 1986, 2007; Hayes, 1989) and described as the domain which includes the compound words and the stressed lexical words eventually accompanied by clitics. However, there is not consensus as to if the association of clitics to stressed lexical words really implies the existence of a distinct prosodic level, as this kind of association can vary: in many languages the association of clitics has already been observed to levels above and below the PWd. It is also important to say that PWds and stressed lexical words accompanied by clitics are not the only morphosyntactic elements in PB whose prosodic domain in which they are mapped is the level of the prosodic hierarchy located between the PWd and the PPh.

For our investigation, we analyzed a *corpus* of PB with the objective of determining how the prosodization of these elements in PWGs differs or resembles the prosodization of PWds and PPhs. With this objective, we have looked for contrasts between the prosodization of elements which hypothetically have the PWG as domain and the prosodization of elements which hypothetically have the PPh as domain. Moreover, we have looked for contrasts between the behavior of branching PPhs and PWGs in context of contrastive focus.

As to the contrastive focus in PWG, we have observed that, both in branching PPhs, compound words and proper names, there seems to be no possibility of occurrence of phonological prominence of focus in a PWd different from the PWd that is the nucleus of the focalization. For acronyms, there is this possibility, despite the fact that this phenomenon is not frequent. As to the role of the PWG stress in blocking the phenomenon external vowel sandhi (SVE) in different prosodic structures, we have not observed systematically distinct behaviors between branching PWGs and PPhs with the same number of PWds in analogous phrasal structures. On the other hand, we have observed that the PWG stress does influence the occurrence of SVE even when it does not coincide with the PPh stress. Therefore, according to the results that we have obtained, the PWG seems relevant to the prosodic description of PB.

Key words: Brazilian Portuguese; Phonology; Prosody; Prosodic hierarchy.

A Liberdade é um pré-requisito para continuarmos o delicado experimento da Ciência. Ao mesmo tempo, a Ciência – ou melhor, a sua delicada mistura de abertura e ceticismo, e seu estímulo à diversidade e ao debate – é um pré-requisito para continuarmos o delicado experimento da Liberdade.

Carl Sagan

Lista de Figuras

Figura 1 – Segmentação (em fones, palavras prosódicas e clíticos) da sentença <i>Eu desenhei o planet' 'scuro</i> (elisões marcadas por apóstrofe), produzida pela falante VS.	48
Figura 2 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras e sílabas, da sentença <i>Não, a LM dominava a NL</i> , produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd <i>L</i> .	49
Figura 3 – Tendência geral de descendência do contorno de pitch com downsteps em pontos específicos da locução (Ladd, 2008)	52
Figura 4 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul) e segmentação, em palavras, da sentença <i>O monge velho desenvolveu a droga nova</i> , produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd <i>droga</i>	56
Figura 5 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>O monge velho desenvolveu a droga nova</i> , produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd <i>droga</i>	57
Figura 6 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>O velho monge desenvolveu a nova droga</i> , produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd <i>droga</i>	58
Figura 7 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>O velho monge desenvolveu a nova droga</i> , produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd <i>droga</i>	58
Figura 8 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>O mini-drone examinava as mega-lojas</i> , produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd <i>mini</i>	59

Figura 9 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>O mini-drone examinava as mega-lojas</i> , produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd <i>mini</i>	60
Figura 10 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>As mini-bombas abalaram as mega-vilas</i> , produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd <i>mini</i>	61
Figura 11 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>As mini-bombas abalaram as mega-vilas</i> , produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd <i>vilas</i>	62
Figura 12 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>As mini-bombas abalaram as mega-vilas</i> , produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd <i>vilas</i>	62
Figura 13 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>A Bruna Moira examinava a Vera Mendes</i> , produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd <i>Vera</i>	63
Figura 14 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>A Nina Braga examinava a Lara Veiga</i> , produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd <i>Lara</i>	64
Figura 15 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>A Nina Braga examinava a Lara Veiga</i> , produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd <i>Lara</i>	65
Figura 16 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>A LM dominava a NL</i> , produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd "ele" do PWG <i>LM</i>	66

Figura 17 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>A LM dominava a NL</i> , produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd "ele" do PWG LM	66
Figura 18 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>A LH dominava a NH</i> , produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd "agá" do PWG NH	67
Figura 19 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença <i>A LH dominava a NH</i> , produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd "agá" do PWG NH	68
Figura 20 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença <i>O TJF foi extinto</i>	72
Figura 21 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença <i>O TJF regional foi extinto</i>	73
Figura 22 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença <i>Ele transporta iscas exóticas</i>	76
Figura 23 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença <i>Ele tem porta-iscas exóticos</i>	76
Figura 24 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença <i>Ele sugere óculos caríssimos</i>	77
Figura 25 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença <i>Ele tem vale-óculos caríssimos</i>	77
Figura 26 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença <i>A quinta arma encontrada não chegou a ser apreendida</i>	80
Figura 27 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença <i>O mega-ágil felino não chegou a ser fotografado</i>	80
Figura 28 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença <i>Ele transporta óculos castanhos</i>	81

Figura 29 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença <i>Ele tem porta-óculos castanhos</i>	81
Figura 30 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença <i>Eu desenhei o planeta escuro</i>	87
Figura 31 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença <i>Eu inventei o planeta-estrela</i>	87

Lista de Quadros

Quadro 1 – Distribuição categorial, relacional e estrutural dos compostos do PB (Nóbrega, 2014)	15
Quadro 2 – Frequência de marcação de proeminência fonológica em elementos não focalizados	68
Quadro 3 – Tipificação das sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre PWGs coincidentes e não coincidentes com PPh	71
Quadro 4 – Frequência de ocorrência de SVE nas sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre PWGs coincidentes e não coincidentes com PPh	71
Quadro 5 – Tipificação das sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre interior e fronteira de PWG quando essa fronteira coincide com fronteira de PPh	74
Quadro 6 – Frequência de ocorrência de SVE nas sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre interior e fronteira de PWG quando essa fronteira coincide com fronteira de PPh	75
Quadro 7 – Tipificação das sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre interior e fronteira de PWG quando essa fronteira não coincide com fronteira de PPh	78
Quadro 8 – Frequência de ocorrência de SVE nas sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre interior e fronteira de PWG quando essa fronteira não coincide com fronteira de PPh	79
Quadro 9 – Tipificação das sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre PWG e PPh com o mesmo número de PWds	84

Quadro 10 – Frequência de ocorrência de SVE nas sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre PWG e PPh com o mesmo número de PWds	85
<hr/>	
Quadro 11 – Frequência de ocorrência de SVE nos tipos de sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre PWG e PPh com o mesmo número de PWds	86

Símbolos, abreviações e convenções utilizadas

U	Enunciado
IP	Frase Entoacional
PPh	Sintagma Fonológico
PWd	Palavra Prosódica
Ft	Pé
σ	Sílaba
Cl	Clítico
C	Grupo Clítico
GC	Grupo Composto
PWG	Grupo de Palavras Prosódicas
SLH	Strict Layer Hypothesis
ToBI	Tones and Break Indices
IPA	Alfabeto Fonético Internacional
SVE	Sândi Vocálico Externo
'	Elisão
V1	Primeira vogal de choque acentual em SVE
V2	Segunda vogal de choque acentual em SVE
Palavra sublinhada	Núcleo da focalização
Palavra em negrito	Palavra portadora de proeminência fonológica
Sílaba em cinza	Acento principal de PWG
Sílaba em negrito	Acento principal de PPh
Encontro vocálico sublinhado	Contexto para ocorrência de SVE

H	Tom alto
L	Tom baixo
T*	Tom central
T%	Tom de fronteira
!T	Degrau abaixo (<i>downstep</i>)
¡T	Degrau acima (<i>upstep</i>)
AT	Informante
MF	Informante
VS	Informante
PB	Português brasileiro
PE	Português europeu
N	Nome
A	Adjetivo
V	Verbo
Adv	Advérbio
Pron	Pronome
Num	Numeral
prep	Preposição
*	Agramaticalidade

Sumário

Agradecimentos	vi
Resumo	viii
Abstract	ix
Lista de Figuras	xii
Lista de Quadros	xvi
Símbolos, abreviações e convenções utilizadas	xviii
Sumário	xx
1. Introdução	1
1.1. Proposta de pesquisa e objetivos do trabalho	1
1.2. Estrutura da dissertação	2
2. Compostos, nomes próprios e siglas no português	3
2.1. Definição do termo <i>composto</i>	6
2.2. Modelos para a categorização de compostos	8
2.2.1. Categorização por combinações de categorias lexicais	8
2.2.2. Categorização pela relação gramatical entre os membros do composto	9
2.2.3. Categorização pela morfologia do composto	10
2.2.4. Categorização pela junção fonológica entre os membros do composto	11
2.2.5. Categorização pelo componente da gramática em que são formados	12
2.2.6. Segundo um critério semântico	13
2.2.7. Segundo um critério híbrido (relação gramatical e morfologia)	13
2.3. Possibilidades estruturais dos compostos conforme os diferentes critérios de categorização	14
2.4. Os padrões acentuais	15
2.5. O objeto de análise do presente trabalho	18
2.6. Síntese do capítulo	19
3. Fonologia prosódica, a controvérsia a respeito do constituinte intermediário entre PW e PPh e trabalhos prévios sobre a prosodização de elementos nesse nível em PB	21
3.1. A Fonologia Prosódica	21

3.2. A controvérsia a respeito do constituinte intermediário entre PW e PPh	24
3.3. Trabalhos prévios sobre a prosodização de elementos no constituinte intermediário entre PW e PPh em PB	26
3.3.1. Simioni (2008): Os 4 tipos de clíticos e a classificação do PB	26
3.3.3. Bisol (2005) e Brisolara (2008): evidências para a prosodização do clítico em um domínio específico	28
3.3.4. Vigário (2007, 2010), Vigário & Fernandes-Svartman (2010) e Coelho (2013): o PWG	29
3.3.5. Toneli (2014): Diagnósticos para a PWd e relevância do PWG	31
3.3.6. Guzzo (2015): O Grupo Composto e a Palavra Recursiva	35
3.4. Inserção teórica do presente trabalho	39
3.5. Síntese do capítulo	39
4. Materiais e métodos	43
4.1. Material	43
4.2. Métodos	46
4.2.1. Fonologia Entoacional	49
4.2.1.1. Conceitos fundamentais da Fonologia Entoacional	50
4.2.1.2. Análise e transcrição entoacional	52
5. Apresentação e análise de dados	54
5.1. A marcação de proeminência fonológica em elementos focalizados	54
5.2. O bloqueio de SVE por acento principal de PWG	70
5.2.1. Comparação entre PWGs coincidentes e não coincidentes com PPh	70
5.2.2. Comparação entre interior e fronteira de PWG	73
5.2.2.1. Fronteira de PWG coincidente com fronteira de PPh	73
5.2.2.2. Fronteira de PWG não coincidente com fronteira de PPh	78
5.2.3. Comparação entre PWG e PPh com o mesmo número de PWds	82
5.3. Síntese do capítulo	88
6. Considerações finais	90
Referências bibliográficas	93
Anexos	102

1. Introdução

1.1. Proposta de pesquisa e objetivos do trabalho

Neste estudo, investigamos a hipótese de que fenômenos fonológicos que ocorrem com certos elementos morfossintáticos, como palavras compostas, nomes próprios e siglas, em português brasileiro (doravante, PB) dão evidência para a proposição do domínio prosódico denominado Grupo de Palavras Prosódicas (PWG – *Prosodic Word Group* [Vigário, 2007, 2010]), o qual se situa na hierarquia prosódica entre a Palavra Prosódica (PWd) e o Sintagma Fonológico (PPh). Para isso, analisamos um *corpus* da variedade paulistana do PB no sentido de determinar de que forma a prosodização desses elementos em PWGs se difere ou se assemelha com a prosodização de PWds e PPhs. A partir dessa análise, procuramos determinar a relevância do PWG para a ocorrência de fenômenos fonológicos em PB.

Esse mesmo nível tem sido denominado grupo clítico (C) (Nespor & Vogel, 1986, 2007; Hayes, 1989) e descrito como o domínio prosódico que compreende as palavras compostas e as palavras lexicais acentuadas eventualmente acompanhadas por clíticos, isto é, elementos morfossintáticos átonos (como, em PB, os pronomes oblíquos átonos, artigos definidos, entre outros). Contudo, não há consenso absoluto quanto à associação de clíticos a palavras lexicais acentuadas implicar realmente a existência de um nível prosódico distinto, uma vez que esse tipo de associação pode variar: em várias línguas já foi observada a associação de clíticos a níveis superiores ao da PWd, como o PPh, por exemplo (e.g. Inkelas, 1990; Selkirk, 1996; Kleinhenz, 1996; Peperkamp, 1997; Hall, 1999), e inferiores ao da PWd (como estruturas mesoclíticas em Português [Vigário, 2003: cap. 6], e.g. *dar-lhe-ei*). Cabe ainda observar que palavras compostas e palavras lexicais acentuadas acompanhadas por clíticos não são os únicos elementos morfossintáticos do PB cujo domínio prosódico em que são mapeados consiste no nível da hierarquia prosódica situado entre PWd e PPh. Além desses elementos morfossintáticos, podem-se nomear pelo menos outros três exemplos que teriam o C/PWG como domínio prosódico: os nomes próprios, as siglas e as palavras formadas com afixos com status de PWd independente (e.g., *-mente*, *-zinho*, *pré-*, *pós-*, entre outros) associados a uma raiz.

Na investigação do PWG como domínio prosódico relevante em PB, verificamos no presente estudo eventuais contrastes, em contexto neutro, entre a prosodização de elementos que, por hipótese, tenham PWG como domínio (especificamente, nomes próprios, siglas e palavras compostas) e a prosodização de elementos que tenham PPh como domínio prosódico (por exemplo, conforme Nespor e Vogel, 1986, 2007, duas palavras lexicais que estabeleçam relação de complementaridade entre si, e.g., *menino americano*) e descrevemos o comportamento de PWGs

ramificados em contexto de foco contrastivo *versus* PPhs ramificados em contexto de foco contrastivo. Isso porque, segundo Toneli (2014), PWG é um domínio que apresenta um comportamento distinto de PPh quando se consideram contextos de focalização em PB.

1.2. Estrutura da dissertação

Este trabalho se encontra organizado em capítulos, da seguinte forma: no próximo capítulo, intitulado "2. Compostos, nomes próprios e siglas no português", teceremos algumas considerações sobre os objetos de análise desta pesquisa; no capítulo "3. Fundamentação teórica e trabalhos prévios", será apresentada a teoria da Fonologia Prosódica, quadro teórico no qual se desenvolve a presente dissertação, e os resultados de trabalhos prévios de tema relacionado ao desta pesquisa; no capítulo "4. Materiais e métodos", serão dados detalhes sobre o *corpus* e sobre a metodologia de coleta e de análise dos dados deste estudo; no capítulo "5. Apresentação e análise de dados", serão apresentados os resultados atingidos nesta pesquisa de Mestrado; e, no capítulo "6. Considerações finais", serão apresentadas as conclusões provenientes da análise dos nossos dados.

2. Compostos, nomes próprios e siglas no português

Segundo Vigário (2003, 2010), as construções que dão evidências para a existência de uma organização prosódica com características de composto são as seguintes: palavras derivadas com sufixos que portam acento independente de sua base; palavras com prefixos acentuados; compostos morfológicos (raiz + raiz), se não reanalisados como palavras simples; compostos morfossintáticos; alguns compostos sintáticos; construções mesoclíticas; acrônimos; sequências de letras (como as que encontramos em placas de carros); sequências de letras e numerais (como códigos de passaportes); combinações específicas de numeral+N. A autora acrescenta que o que todas essas estruturas têm em comum é que elas são todas dominadas por um único nó sintático terminal (X_0), e são compostas por mais que uma PWd. Neste trabalho, investigaremos especificamente em PB os elementos formados por mais de uma PWd do tipo: compostos morfossintáticos, nomes próprios e siglas (i.e., sequências de letras onde, diferentemente de acrônimos, cada letra é locucionada como uma palavra independente), uma vez que esses elementos dão evidências para a relevância do PWG na hierarquia prosódica.

Entre as línguas nas quais o PWG se revela um domínio prosódico relevante, está o baule, falado na Costa do Marfim, no qual a prosodização de compostos e nomes próprios difere da prosodização de estruturas que constituem PPh, como [sujeito + predicado] e [possuidor + possuído] (Leben & Ahoua, 1997). Nessa língua, há uma regra tonal que prediz que uma sequência de *upsteps*¹ tem como domínio a PWd ou agrupamentos específicos de PWds (como compostos N+N e nomes próprios) que se comportam de maneira distinta de outras sequências de palavras dentro de um PPh (como sequências [possuidor + possuído]). Cada sílaba do nome próprio Momlo Amlan, por exemplo, é produzida em um tom mais alto que a sílaba anterior, em uma sequência constante de *upsteps*. Em *bóli mángún* ("amigo do bode"), por outro lado, esse processo de *upstepping* é bloqueado.

(1) nome próprio	Mómló Ámlán	'Momlo Amlan'
	[_ – – –]	
possuidor + possuído	bóli mángún	'amigo do bode'
	[_ –][_ –]	

1. A definição de *upstep* será dada no quarto capítulo desta dissertação, no qual é apresentada a teoria da Fonologia Entoacional.

Em inglês e outras línguas germânicas como o holandês, o padrão acentual de compostos é sabidamente diferente do padrão de PPhs. Nessas línguas, enquanto o acento recai na palavra à esquerda em compostos, ele recai à direita em PPhs. Em inglês, Kenstowicz (1994) exemplifica essa distinção com a comparação entre o PWG *the teachers union* (exemplo 2a) e o PPh *the teachers friend* (exemplo 2b). Nestes exemplos, o acento fonológico é marcado com sublinha.

- (2) a. the teacher's union 'sindicato dos professores'
 b. the teacher's frend 'amigo dos professores'

Em húngaro, em compostos formados por duas PWds, o acento é mantido apenas na primeira PWd, enquanto os acentos das duas PWds são mantidas em PPhs. Vogel (1990) exemplifica essa distinção com a comparação entre o PWG *fürdőszoba* (exemplo 3a) e o PPh *sárga virágok* (exemplo 3b). Nestes exemplos, o acento fonológico é marcado com sublinha.

- (3) a. fürdő + szoba → fürdőszoba 'banheiro'
 b. sárga + viragok → sárga viragok 'flores amarelas'

Em francês, o *schwa* é obrigatoriamente realizado na sílaba final do penúltimo pé de PWGs e PWds, mas é opcional em sequências de palavras que não constituem composto, como PPhs. Hannahs (1995b) exemplifica essa distinção com a comparação entre o PWG *fermeté* (conforme exemplo 4a, onde a vogal sublinhada é obrigatoriamente realizada – como *schwa* –) e o PPh *bource pleine* (conforme exemplo 4b, onde a vogal sublinhada pode ser opcionalmente elidida).

- (4) a. fermeté → ferm[ə]té 'firmeza'
 b. bource pleine → bourc[ə] pleine / bourc' pleine 'bolsa cheia'

Hannahs (1995a) também ressalta que, nessa língua, PWGs se diferem de PWds no que se refere à aplicação de fenômenos como a formação de *glides*.

Em turco, o acento de PWd é marcado com referência à sílaba mais à direita da palavra, enquanto o acento de PWG é marcado com referência à palavra mais à esquerda do grupo. Kabak & Vogel (2001) exemplificam essa distinção comparando, de um lado, as PWds *kara* (exemplo 5a) e *deniz* (exemplo 5b) quando não dominadas por PWGs de que não são cabeça e, de outro lado, o PWG *kara deniz* (exemplo 5c), no qual *kara* é cabeça. Nestes exemplos, o acento fonológico é marcado com sublinha.

- (5) a. *kara* 'preto'
 b. *deniz* 'mar'
 c. *kara deniz* 'Mar Negro'

Kabak & Vogel (2001) também ressalta que, nessa língua, PWGs se diferem de PPhs porque, no caso de PPhs, o acento da palavra à direita é mantido.

Em português europeu (PE), em um choque de vogais em fronteira de duas palavras, a elisão é permitida caso as duas palavras componham um PPh, enquanto o mesmo fenômeno é frequentemente bloqueado caso as duas palavras componham um PWG. Vigário (2010) exemplifica essa distinção com a comparação entre o PWG *grande área* (termo técnico do futebol), onde a última vogal da primeira PWd é obrigatoriamente pronunciada, e o PPh *grande área* (uma *área* que é *grande*, genericamente falando), onde a última vogal da primeira PWd pode ser elidida.

- (6) a. grande área (terminologia esportiva) → grand[j] área / *grand' área
 b. grande área (uma área que é grande) → grand[j] área / grand' área

Ainda em PE, Vigário (2010) mostra que, em um choque de vogais em fronteira de duas letras de uma sigla, a elisão é bloqueada caso a segunda vogal desse choque for portadora do acento de PWG, mas praticamente obrigatória se essa vogal não portar esse acento. Vigário (2010) exemplifica essa distinção com a comparação entre os dois choques vocálicos presentes na sigla *SMS* (conforme exemplo 7, onde os choques vocálicos são marcados por sublinha). No primeiro choque vocálico, o primeiro /e/ é quase sempre elidido, enquanto, no segundo choque vocálico, esse fenômeno é bloqueado pelo acento de PWG.

- (7) *SMS* (esse eme esse) → ess' em[j] esse / ess[j] em[j] esse / *ess' em' esse / *ess[j] em' esse

Ademais, Vigário (2010) mostra que a comparação desse exemplo com a sigla *MRPP* indica que, ao contrário de siglas de três letras, siglas de quatro letras são quebradas em dois PWGs menores, de duas letras cada um. Isso é evidenciado pelo fato de que, no choque vocálico de (*eme erre*)_{PWG} (*pê pê*)_{PWG}, sublinhado no exemplo 8, o fenômeno de elisão é bloqueado pelo acento de PWG.

- (8) *MRPP* (eme errerê pê pê) → em[j] erre pê pê / *em' erre pê pê

2.1. Definição do termo *composto*

A definição da noção de *composto* não é unânime entre os autores. Villalva (2003) define a composição como "um processo de formação de palavras que consiste na concatenação de duas ou mais variáveis lexicais, que podem ser radicais ou palavras".

Segundo Lee (1995), os compostos apresentam as seguintes diferenças em relação às palavras comuns: (i) carregam dois ou mais acentos (como em *tóca-disco*); (ii) só podem se apresentar na forma de Nome, Adjetivo ou Advérbio (como em *disco*, *noturno* e *agora*), e nunca se apresentam na forma de Preposição ou Verbo²; (iii) podem ter flexões entre seus constituintes (como em *peixes-espada*, *hoteizinhos* e *guardinha-noturno*); e (iv) podem flexionar mais de uma vez (como em *surdos-mudos*).

Para Mattoso Câmara (1970), em um composto, "dois vocábulos fonológicos passam a constituir um só vocábulo formal". O autor distingue o conceito de *locução* do conceito de *composto* da seguinte forma: a locução estaria no plano mórfico e tem o vocábulo formal unitário como seu oposto, enquanto a justaposição está no plano fonológico em relação com o plano mórfico e tem a aglutinação como seu oposto. O autor define *vocábulo formal* como "a unidade a que se chega quando não é possível uma nova divisão em duas ou mais formas livres": em *guarda-chuva*, por exemplo, há apenas um *vocábulo formal*, pois a separação dos dois vocábulos fonológicos desse composto implicaria subversão semântica; já em *grande chuva* há dois vocábulos formais, pois a movimentação dos dois vocábulos fonológicos dessa *locução* não implicaria subversão semântica.

Para Monteiro (2002), "denomina-se composto o vocábulo formado pela união de dois ou mais semantemas³", mas aponta que há dificuldade em se distinguir a noção de *composto* da noção de *locução*. O autor afirma que nossas gramáticas citam, entre compostos, exemplos que, segundo seus critérios, consistem em locuções, como "dias da semana" e "hora-aula". A razão desse problema seria que a composição é tradicionalmente tratada como um mecanismo morfológico, mas que é, na verdade, segundo o autor, sintático-semântico. Evidências para essa afirmação são vocábulos com unidade semântica que apresentam estrutura interna de orações ou sintagmas, como *amor-perfeito*, que conserva concordância entre seus membros, e *maria-vai-com-as-outras* e *mama-na-égua*, que consistem em evidentes construções oracionais.

Para que seja possível uma distinção categórica entre os conceitos de *composto* e de *locução*, o autor sugere que sejam considerados compostos apenas aquelas uniões de semantemas

2. No presente estudo, porém, é importante mencionar o contra-exemplo como *pré-aprovar*.

3. O conceito de *semantema* é definido pelo Dicionário Michaelis como "parte de um vocábulo ou a menor unidade de significado de uma palavra, como, por exemplo, sua base ou raiz, que expressa um conceito ou uma ideia de caráter lexical".

onde eventuais sufixações façam referência ao composto como um todo (como em *mato-grossense*, em oposição à locução *mato grossinho*, por exemplo) e onde apenas o último componente pode ser flexionado (como em *guarda-chuva*, em oposição à locução *pés-de-moleque*, por exemplo). Com essa segunda característica, o autor considera como locuções, e exclui da noção de *composto*, aquelas uniões de semantemas chamadas por Lee de *pseudo-compostos* (como *fim de semana*, *hora-extra*, *presidente ministro*, *primeiro ministro*, *trem-bala* e *pão-de-queijo*), definindo locuções como "dois ou mais vocábulos com autonomia fonética e morfológica que apresentam uma unidade de significação". Para diversos autores (Bechara, 2006; Nóbrega, 2014; entre outros), por outro lado, o conceito de composto abrange, sem restrições, também os elementos classificados por Lee como pseudo-compostos.

Além desses dois traços categóricos, Monteiro (2002) aponta ainda três características comuns, mas não categóricas, dos compostos, e as problematiza. Em primeiro lugar, compostos não admitiriam liberdade na ordem de seus membros sem subversão de significado. Dessa forma, na sentença *O **Mato Grosso** ainda crescerá muito*, a ordem dos elementos em negrito não pode ser invertida: **O **Grosso Mato** ainda crescerá muito*. Por outro lado, na sentença *O **mato grosso** ainda crescerá muito*, tal inversão é possível: *O **grosso mato** ainda crescerá muito*. Contudo, o autor aponta que exceções como *cachorro amigo* vs. *amigo cachorro* demonstram que esse teste não é categórico: nesse caso, a inversão dos elementos subverte o significado da palavra *cachorro*, deixando de fazer referência ao animal e passando a denotar mau-caratismo. Em segundo lugar, compostos não admitem a intercalação de novos determinantes entre seus membros. Dessa forma, não são possíveis estruturas como **O **Mato verde e Grosso** ainda crescerá muito*, ao passo que esse processo é perfeitamente aceitável em locuções, como em *O **mato verde e grosso** ainda crescerá muito*. Contudo, o autor aponta que essa característica entra em conflito com uniões de semantemas consideradas locuções pelas duas regras categóricas, uma vez que há locuções que também não admitem a intercalação de novos determinantes entre seus membros, como **segunda-entediante-feira* e **obra-considerada-prima*. Em terceiro lugar, compostos não admitiriam a supressão de um de seus membros, como também sugere Mattoso Câmara (1970). Dessa forma, não são possíveis estruturas como **O **Mato Grosso** ainda crescerá muito* (onde o elemento traçado é suprimido), ao passo que esse processo é perfeitamente aceitável em locuções, como em *O **mato grosso** ainda crescerá muito*. Todavia, Monteiro (2002) aponta que essa restrição também é própria de uniões de semantemas considerados locuções pelas duas regras categóricas (como *pé-de-moleque* → **pé-de-moleque*) e não existe em alguns compostos alógenos (como *fotografia* → *foto*).

Monteiro (2002) critica a forma como compostos são tradicionalmente tratados pelas gramáticas da língua portuguesa argumentando que, uma vez que nem sempre há correspondência

perfeita entre os planos estruturais da língua (como se pode observar, por exemplo, em vocábulos morfossintáticos que podem comportar zero, um, dois ou mais PWds), não convém misturar critérios heterogêneos, para que haja coerência na descrição. Para o autor, a ruptura dos limites de cada estrato da língua, associada à mistura de critérios, cria por vezes contradições e equívocos na descrição de compostos pelas nossas gramáticas. Um desses equívocos generalizado nas gramáticas, por exemplo, seria a apresentação da aglutinação e da justaposição como aspectos exclusivos da composição. O autor lembra que: (1) esses processos são fonológicos, não morfológicos; e que (2) tais processos não existem apenas na composição, mas também na derivação (como a aglutinação em *centavo* (*cento* + *avo* → *centavo*) e a justaposição em vocábulos formados pelos sufixos *-zinho* e *-mente*). Como agravante, o autor afirma que a maioria dos exemplos de aglutinação dados nas gramáticas portuguesas tem por base interpretações puramente diacrônicas (como se pode observar em *fidalgo* e *embora*), e ironiza: "pelo jeito, os chamados compostos perfeitos seriam justamente aqueles que já não são compostos, mas apenas vocábulos simples."

2.2. Modelos para a categorização de compostos

Já foram sugeridas diversas formas de categorização dos compostos. Nóbrega (2014) identifica cinco tipos de categorização: (i) por combinações de categorias lexicais; (ii) pela relação gramatical entre os membros do composto; (iii) pela forma morfológica dos membros do composto; (iv) pela junção fonológica entre os membros do composto; (v) e pelo componente da gramática em que são formados. Lee (1995) aponta ainda a possibilidade de categorizarmos os compostos segundo um critério semântico, constituindo uma sexta categorização. Pois vejamos em detalhes, a seguir, cada uma dessas seis categorizações.

2.2.1. Categorização por combinações de categorias lexicais

Como aponta Nóbrega (2014), esta é a categorização mais recorrente. O autor aponta as seguintes combinações possíveis:

(9) Combinações categoriais dos compostos em PB

a. N-N:	peixe-espada, trem-bala, ator-cantor.
b. N-A:	mesa-redonda, pé-frio, obra-prima.
c. A-N:	puro-sangue, belas-artes.
d. V-N:	lança-perfume, porta-voz, beija-flor.
e. N-V:	sangue-suga.
f. A-A:	surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.
g. V-V:	vai-e-vém, corre-corre, pega-pega.
h. V-Adv:	pisa-mansinho, ganha-pouco.
i. Adv-N/V/A:	malcriação, benquerer, sempre-viva.
j. N-prep-N:	pé-de-moleque, baba-de-moça.
k. Pron-N:	seu-vizinho (dedo anular), nosso senhor, vossa excelência
l. N-Pron:	pai-nosso, João-ninguém.
m. Num-N:	segunda-feira, zero-quilômetro (carro novo), trigêmeos.

Dessas 13 combinações, nem todas são produtivas na língua. Alves (2007) indica como mais produtivas no PB as combinações N-N, V-N, A-N e Num-N, e que compostos do tipo N-prep-N são pouco frequentes, enquanto Guevara e Scalise (2009) mostram que translinguisticamente essa proporção pode variar.

2.2.2. Categorização pela relação gramatical entre os membros do composto

Concebida a partir das relações gramaticais de coordenação e subordinação, esta é, conforme comenta Nóbrega (2014), a categorização que suscita mais debate, com sua definição e interpretação variando de autor para autor.

Bechara (2006) sugere que dividamos os compostos com base em uma preposição implícita nos compostos formados por subordinação (como *porco[-de]-espinho* e *beira[-do]-mar*) – e sua ausência nos compostos formados por coordenação (como *peixe-espada* e *couve-flor*). O autor rotula cada um dos membros dos compostos formados por ambos os processos como "determinante" e "determinado". Nóbrega (2014) considera, contudo, que em uma relação conjuntiva, isto é, de coordenação, não seria esperado que um dos membros dominasse o outro.

Azeredo (2008), por sua vez, divide os compostos entre aqueles que constituem a simples união dos significados de seus membros (como *sócio-proprietário* e *infantojuvenil*) e aqueles onde o significado total do composto é distribuído de maneira desigual, com um deles figurando como

base (como em *hidromassagem* e *motosserra*).

Nóbrega (2014) propõe que os compostos sejam divididos não em duas, mas três relações gramaticais presumivelmente universais: além da relação de coordenação (onde se estabelece uma relação conjuntiva conectada por "e" ou disjuntiva conectada por "ou"), haveria também a relação de atribuição (que dá conta dos casos de modificação e que é tradicionalmente considerada uma relação de subordinação) e a relação de subordinação propriamente dita (em que há uma exigência predicado-complemento). São exemplos dessas três relações, respectivamente: *ator-diretor*, *peixe-espada* e *aracnofobia*.

2.2.3. Categorização pela morfologia do composto

Esse tipo de categorização faz referência ao caráter livre (como *navio* e *escola* em *navio-escola*) ou preso (como *hidro* em *hidromassagem*) dos membros do composto (cf. Sandmann, 1991; Moreno, 1997, 2002; Bechara, 2006; Alves, 2007; Azeredo, 2008; Bopp da Silva, 2010). As formas presas são tradicionalmente associadas aos chamados "compostos eruditos ou neoclássicos", e são associadas por Nóbrega (2014) à noção de "radical". Amiot e Dal (2007) elencam suas características gerais da seguinte forma:

- (10) Características gerais de compostos eruditos (adaptadas de Amiot & Dal, 2007)
- a. São formas livres nas línguas de origem, grego antigo e latim, e funcionam, nas línguas tomadoras, como constituintes presos de palavras, não recebendo morfemas gramaticais (e.g., **Eu tomei um copo de hidro*, **Eu vi dois antropos hoje*);
 - b. São formalmente aprendidas, sendo formadoras de termos técnicos e científicos;
 - c. Há a presença de uma vogal de ligação (o ou i) entre os constituintes do composto (e.g., *antrop-o-logia*, *pisc-i-cultura*).

Quanto à característica 10a, Nóbrega (2014) aponta que, na verdade, o caráter preso desses radicais pode ser atrelado não apenas aos radicais eruditos, mas a qualquer radical das línguas românicas. Isso é possível ser verificado pela presença de radicais vernáculos em compostos de estrutura [radical + radical] (e.g., *musicólogo*). O autor aponta também que a aceitação de morfemas gramaticais pelos radicais eruditos, de forma a serem licenciados fonologicamente como formas livres, é variável nos dados, havendo, sim, radicais eruditos licenciados (e.g., *psíque* e *bíblia*). Dessa forma, a distinção entre radicais vernáculos e eruditos se perde, uma vez que será a ausência de

informação de classe que condicionará sua realização como um radical.

Com relação à característica 10b, Nóbrega (2014) aponta que, na verdade, o uso dos radicais eruditos não se limita à terminologia técnica, científica e erudita (e.g., *psicopoeta*).

No que diz respeito à característica 10c, Bopp da Silva (2010), argumenta que as vogais de ligação seriam, na verdade, morfemas marcadores de classe e que, portanto, compostos como *historiografia* teriam a estrutura morfológica [palavra + radical]. Nóbrega (2014) contesta tal afirmação com o argumento de que, caso essas vogais fossem realmente marcadores de classe, formas como **historiografia* seriam perfeitamente aceitáveis em PB. Com isso, Nóbrega exclui tal estrutura morfológica das possibilidades no PB, restringindo as estruturas morfológicas para compostos em PB a apenas três: [palavra + palavra], [radical + palavra] e [radical + radical]. Villalva (2003), descreve que a vogal de ligação para esse tipo de composto é, em geral, -o- quando o radical da direita tem origem latina (como em *antropomórfico*) e -i- nos outros casos (como em *agricultor*), ainda que haja um número considerável de casos que fogem a essa generalização (como quando o radical da direita é iniciado por vogal, e.g., *pedagogia*), os quais fogem ao escopo do presente estudo.

Outra distinção relacionada à estrutura morfológica dos compostos, apontada por Nóbrega (2014), se refere ao fato de que compostos de estrutura [palavra + palavra] se distinguem por permitirem marcação de plural tanto no primeiro como no segundo elemento, a depender das categorias lexicais de seus membros, enquanto os compostos constituídos por pelo menos um radical permitem marcação de plural exclusivamente em sua borda direita.

Ralli (2013) propõe que a maior tendência que algumas línguas, como o grego moderno, têm de formar compostos com um ou mais radicais decorre de um sistema flexional rico nessas línguas. Línguas com um sistema flexional menos produtivo teriam uma tendência menor a formar compostos com radicais. No caso do inglês, por exemplo, os radicais possíveis para tais composições se restringem apenas aos neoclássicos (e.g., *Anthopology*, *hypothermia*).

2.2.4. Categorização pela junção fonológica entre os membros do composto

Esse tipo de categorização faz referência ao caráter justaposto (como em *passatempo*) ou aglutinado (como em *boquiaberto*) dos membros do composto (cf. Kehdi, 2002). Quando os membros se justapõem, os membros associados conservam sua individualidade e seus acentos tônicos – nesse caso, Villalva (2000) aponta que há uma lexicalização meramente semântica. Já quando os membros se aglutinam, o primeiro pode perder alguns elementos fonéticos e o composto gerado possui apenas um acentoônico – nesse caso, (Villalva, 2000) aponta que, além de semântica, a lexicalização é também formal. Villalva (2000) nos atenta ao fato de que essa

categorização é apenas diacrônica, pois divide os compostos em dois estágios do processo de lexicalização, não sendo sincrônica, uma vez que não os divide em dois modos diferentes de realização desse processo.

2.2.5. Categorização pelo componente da gramática em que são formados

Lee (1995), assumindo uma visão lexicalista da gramática, divide os compostos do PB em duas categorias: lexicais, cuja formação se dá no léxico, e pós-lexicais, cuja formação se dá no componente sintático.

Os compostos lexicais seriam os "compostos verdadeiros", uma vez que funcionam como unidades independentes nas operações morfológicas (por exemplo, *sócio-econômico* → *sócio-econômicos*; *guarda-roupa* → *guarda-roupinha*). Isto é, o autor considera que os elementos à esquerda funcionam como uma mera extensão morfológica do elemento mais à direita, uma vez que apenas esse último pode sofrer flexão. Além disso, se diferem de compostos pós-lexicais por poderem formar novas palavras através de afixação, tal como palavras comuns (por exemplo, *puxa-saco* → *puxa-saquismo*). Esse tipo de composto apresenta sempre a sequência [Determinante]-[Determinado] (como em *espaço nave*: uma nave para o espaço). Podem ser formados por N+N (*rádio-taxi*), A+A (*sócio-cultural*) e V+N (*puxa-saco*).

Já os compostos pós-lexicais são tidos como "pseudo-compostos", uma vez que, apesar de constituírem unidades semânticas, cada um de seus constituintes funciona de forma independente nas operações morfológicas. Compostos pós-lexicais, portanto, permitem que processos morfológicos ocorram entre seus constituintes (por exemplo, *fim de semana* → *fins de semana*; *hora-extra* → *horinha-extra*) e mais de uma vez (como em *presidente ministro* → *presidentes ministros*). Além disso, só podem se conectar àqueles afixos que constituem PWd (como em *ex-primeiro-ministro* e *super-dedo-duro*)⁴. Esse tipo de composto pode apresentar tanto a sequência [Determinante]-[Determinado] (como em *primeiro ministro*) como a sequência [Determinado]-[Determinante] (como em *trem-bala*). Podem ser formados por N+preposição+N (*pão-de-queijo*), N+A (*dedo-duro*), A+A (*surdo-mudo*) e A+N (*primeiro ministro*).

Os três processos de formação de composto lexical e os quatro processos de formação de composto pós-lexical resultam sempre em um composto de categoria gramatical Nome ou Adjetivo. Alguns desses processos podem gerar compostos de categorias gramaticais diferentes, como V+N, que pode gerar um Nome como *guarda-chuva* ou um adjetivo como *puxa-saco*.

4. Lee, porém, chama a atenção para o fato de que compostos pós-lexicais lexicalizados como "pão-duro" apresentam duas peculiaridades: (1) eles admitem derivação, como em "pão-durismo", e (2) comportam-se como compostos lexicais quando pluralizados, como em "pão-durismos". Isso ocorre, segundo o autor, porque, ao derivar "pão-durismos", o composto "pão-duro" é a própria entrada.

Nóbrega (2014) aponta que as relações gramaticais entre os membros do composto e sua estrutura morfológica – se é formado por radicais e/ou palavras – não são levadas em consideração nessa categorização. Ademais, Moreno (1997, 2002) critica essa categorização argumentando que a distribuição das marcas flexionais estudadas nos testes de Lee (1995) sofre influência também de fatores sintáticos e semânticos. Moreno afirma ainda que a ocorrência ou não de processos morfológicos entre os constituintes de um composto é um assunto controverso, uma vez que, em determinadas estruturas, não existe sistematicidade para a ocorrência desses processos internos. O autor afirma que há hesitação dos falantes ao determinar, por exemplo, quais marcações de plural são aceitáveis nos compostos em PB, e que compostos podem ser reanalisados de uma geração para outra quanto à sua natureza de composto ou unidade única. Disso resulta uma variedade de possibilidades para a flexão de compostos de estrutura morfológica [palavra + palavra] de combinação de categorias lexicais N-N (e.g., *navio escola*: *navios-escola*, *navios-escolas* e *navio-escolas*).

2.2.6. Segundo um critério semântico

A partir de um ponto de vista semântico, Lee cita a possibilidade de dividirmos os compostos em duas categorias: endocêntricos e exocêntricos. Os compostos endocêntricos são aqueles cujo significado é relacionado aos de seus constituintes (como em *rádio-táxi* e *bar-restaurant*) – nesse caso, o núcleo do composto determina sua referência –, enquanto os compostos exocêntricos são aqueles cujo significado é determinado por figuras de linguagem (como *puxa-saco* e *pé-de-moleque*) (Sandmann, 1990). Lee (1995) aponta que essa categorização semântica (endocêntricos *versus* exocêntricos) não apresenta paralelismo com a categorização morfossintática (lexicais *versus* pós-lexicais).

2.2.7. Segundo um critério híbrido (relação gramatical e morfologia)

Villalva (2003) divide os compostos, em um primeiro momento, em dois grandes grupos segundo sua morfologia: aqueles de composição morfológica (i.e., aqueles cujo primeiro membro é um radical); e aqueles de composição morfossintática (i.e., aqueles em que ambos os membros são palavras).

Em um segundo momento, a autora divide cada um dos dois grupos segundo a relação gramatical entre seus membros.

Os compostos de composição morfológica são divididos nos dois seguintes subgrupos: aqueles onde há relação de coordenação, que são sempre adjetivais e possuem estrutura n-ária (como *político-cultural* e *luso-brasileiro*); e aqueles onde há relação de modificação (ou de

atribuição, conforme a divisão proposta por Nóbrega (2014)), que sempre têm núcleo à direita e são binários (como *isocronia* e *pirotecnia*).

Já os compostos de composição morfossintática são divididos em três subgrupos. No primeiro subgrupo estão as estruturas de adjunção, ou, conforme a divisão proposta por Nóbrega (2014), as estruturas onde há relação de atribuição. Essas estruturas são sempre formadas por dois nomes, sendo o da esquerda um núcleo flexionável e o da direita um modificador nominal não flexionável (como *bomba-relógio*). No segundo subgrupo estão as estruturas de conjunção, ou, conforme a divisão proposta por Nóbrega (2014), as estruturas onde há relação de coordenação. Tais estruturas podem ser nomes ou adjetivos, não possuem núcleo, podem conter dois ou mais componentes (como *autor-compositor-intérprete*) e todos os componentes flexionam (como *autores-compositores-intérpretes*). Por fim, no terceiro grupo estão as estruturas de reanálise (i.e., a reinterpretação de uma estrutura sintática como uma palavra), ou, conforme a divisão proposta por Nóbrega (2014), as estruturas onde há relação de subordinação. A estrutura típica desse tipo de composto é um verbo na terceira pessoa do singular constituindo o primeiro membro e um substantivo constituindo o segundo membro, podendo resultar em uma forma instrumental, sempre masculina (como *conta-gotas*), ou em uma forma agentiva, comum de dois gêneros (como *porta-voz*).

2.3. Possibilidades estruturais dos compostos conforme os diferentes critérios de categorização

Considerando as três primeiras possibilidades de categorização tratadas nas seções anteriores (por combinações de categorias lexicais, pela relação gramatical e pela forma morfológica dos membros do composto), Nóbrega (2014) organiza as possibilidades estruturais de compostos segundo essas três possibilidades de categorização no seguinte quadro:

Combinações Categorias		
N-N, N-A, A-N, V-N, N-V, A-A, V-V, V-Adv, Adv-N, N-prep-N, N-Pron, Pron-N, Num-N		
Relações Gramaticais		
Subordinação	Atribuição	Coordenação
N-N, V-N, N-V	N-N, N-A, A-N, V-Adv, Adv-N, N-prep-N, N-Pron, Pron-N, Num-N	N-N, A-A, V-V
Estruturas Morfológicas		
[radical + radical]	[radical + palavra]	[palavra + palavra]
N-N 'aracnofobia' A-N 'loirólatra' N-V 'inseticida'	N-N 'hidroginástica' N-A 'cervejochato' A-N 'ecoagência' N-V 'teletransportar' A-A 'lusobrasileiro'	N-N 'peixe-espada' N-A 'mesa-redonda' A-N 'puro-sangue' V-N 'lança-perfume' N-V 'sangue-suga' A-A 'surdo-mudo' V-V 'vai-vém' V-Adv 'pisa-mansinho' Adv-N 'malcriação' N-prep-N 'pé-de-moleque' Pron-N 'seu-vizinho' N-Pron 'pai-nosso' Num-N 'trigêmeos'

Quadro 1 – Distribuição categorial, relacional e estrutural dos compostos do PB (Nóbrega, 2014)

2.4. Os padrões acentuais

Há duas propostas para a descrição da ocorrência de acento em palavras compostas: a estrutural, utilizada por Nespor e Ralli (1996), Nespor (1999) e Vigário (2003), que leva em conta a estrutura morfológica do composto e investiga o número de PWds formadas; e a processual,

utilizada por Lee (1995, 1997) e Bisol (1992), que leva em conta os processos fonológicos e morfológicos que ocorrem nos compostos e investiga seu local de formação na gramática.

De acordo com a proposta estrutural, os compostos podem ocorrer na forma de três estruturas diferentes, cada uma com uma distribuição acentual própria, a saber: 1. [radical + radical], com apenas um acento (como *psicólogo*); 2. [radical + palavra], com um ou dois acentos (como *sócio-histórico*); e 3. [palavra + palavra], com dois acentos (como *peixe-espada*) (Nespor, 1999).

Quanto à primeira estrutura ([radical + radical]), o padrão acentual pode variar nas línguas de duas maneiras, segundo Nespor (1999): por uma regra geral da língua ou por uma regra específica. Línguas como o francês e o holandês fazem uso de regras gerais dessas línguas. No francês, por exemplo, o acento é sempre atribuído à última sílaba fonológica (como em *anthropomorphe*, cuja última sílaba fonológica é /mɔʁf/), como em palavras comuns. Línguas como o italiano e o espanhol fazem uso de regras específicas. No italiano, por exemplo, o acento recai na antepenúltima sílaba da palavra *barómetro*, posição marcada nessa língua, sendo a penúltima sílaba a posição não marcada para o acento.

Nesse tipo de estrutura, a existência de apenas uma PWd por composto é evidenciada no PB não só pela existência de apenas um acento primário, mas também por processos fonológicos como a neutralização da pré-tônica (Nóbrega, 2014). Em PWds, as distinções /ɛ/ versus /e/ e /ɔ/ versus /o/ são neutralizadas em posição pré-tônica, como se pode observar na palavra *beleza*, que, apesar de se originar do adjetivo *b[ɛ]lo*, pode ser pronunciada tanto *b[e]leza* como *b[ɛ]leza*. O mesmo ocorre em compostos de estrutura [radical + radical], como se pode observar na palavra *psicologia*, que, apesar de o primeiro radical ser o mesmo de *psic[ɔ]logo*, pode ser pronunciada tanto *psic[o]logia* como *psic[ɔ]logia*, o que não seria possível caso o primeiro radical constituísse uma PWd independente. Outro fenômeno fonológico que ajuda a distinguir PWds de seus domínios hierarquicamente superiores é o alçamento da vogal pós-tônica (Nóbrega, 2014). Como o nome sugere, esse fenômeno ocorre apenas após a sílaba tônica de uma PWd (como em *cervj[ɐ]*). O fato de esse fenômeno não ocorrer na última sílaba do primeiro radical de compostos do tipo [radical + radical] (como *cervejologia*) evidencia que esse tipo de composto é realizado fonologicamente com apenas um acento primário, i.e., como uma única PWd.

Quanto à segunda estrutura ([radical + palavra]), o padrão acentual pode variar nas línguas de duas maneiras, segundo Nespor (1999): os compostos podem ter apenas um acento – i.e., constituindo apenas uma PWd – ou dois acentos – i.e., constituindo duas PWds. O grego moderno é exemplo do primeiro grupo (como se pode observar em *tamosaláta*, prato típico grego), enquanto

o holandês é exemplo do segundo grupo (como se pode observar em *áuto-immunitéit*, auto-imunidade).

O PB faz parte do segundo grupo, o que pode ser evidenciado não só pela existência de dois acentos primários, mas também por processos fonológicos como o alçamento da pós-tônica, o qual só ocorre em vogais pós-tônicas de PWds, como em (*cant[ɐ]*)_{PWd} (*líric[ɐ]*)_{PWd}. O fato de esse fenômeno ocorrer no interior de compostos do tipo [radical + palavra] (como em *psic[ɐ]afetivo* e *gastr[ɐ]intestinal*) evidencia que esse tipo de composto é realizado fonologicamente como duas PWds independentes. Outra evidência de que o PB faz parte do segundo grupo são os fenômenos fonológicos de sândi vocálico externo (SVE)⁵, como a elisão, que não podem ocorrer no interior de PWds. O fato de esse fenômeno ocorrer no interior de compostos do tipo [radical + palavra] (como em *psic'afetivo* e *gastr'intestinal*⁶) evidencia que esse tipo de composto é realizado fonologicamente como duas PWds independentes.

Quando à terceira estrutura ([palavra + palavra]), assim como na segunda estrutura, a existência de duas PWds na estrutura [palavra + palavra] pode ser evidenciada no PB pelos fenômenos de SVE e de alçamento da pós-tônica (Nóbrega, 2014). O fato de o SVE do tipo degeminação e o alçamento da pós-tônica poderem ocorrer no interior de compostos do tipo [palavra + palavra] (como em *val'-ingresso* e *bat[ɪ]-boca*, respectivamente) evidencia que esse tipo de composto é realizado fonologicamente como duas PWds independentes.

É relevante para o presente estudo mencionar que, uma vez que, na terceira estrutura, um dos acentos é mais proeminente que o outro, Nespor e Ralli (1996) assumem que essa estrutura constitua um PPh e, com base nisso, concluem que a diferença interpretativa entre um composto (como *mesa-redonda*, i.e., reunião de pessoas para discutir um assunto) e duas PWds semanticamente independentes (como *mesa redonda*, i.e., uma mesa com formato redondo) não é definida pela fonologia, mas por seu comportamento morfossintático. Para Nóbrega (2014), por outro lado, essa diferença é definida pela Enciclopédia (ou Lista 3, que indexa o conhecimento de mundo do falante e relaciona significantes a significados).

Considerando as informações expostas até agora nesta seção, Nóbrega (2014) reformula a listagem de unidades que constituem uma palavra fonológica individual no PB, proposta inicialmente por Moreno (1997), da seguinte forma, onde os trechos em **negrito** constituem sua reformulação:

5. O SVE (Sândi Vocálico Externo) é a mudança fonética ocorrida no encontro de vogais em fronteira de palavras. É classificado em três tipos: degeminação (quando dois fonemas idênticos se aglutinam em um único fone, como em *toalh[a]marela*), elisão (quando um fone é apagado, como em *toalh[u]medecida*) e ditongação (quando uma vogal alta é produzida como glide associado à sílaba correspondente à outra vogal, como em *toalh[aw]medecida*).

6. Neste trabalho, o apóstrofo representa a elisão da vogal.

(11) Formações que constituem uma palavra fonológica individual no PB

(Moreno 1997; Nóbrega, 2014)

- a. radical + marcador (se houver)
- b. radical + sufixos derivacionais (o produto também é um radical)
- c. cada membro de um composto **formado por palavras**
- d. prefixos tônicos (pré-, anti-, pós-, etc.)
- e. sufixos especiais: -zinhV, -mente e -íssimo
- f. compostos formados por radicais**

A proposta processual se diferencia da proposta estrutural no sentido de que, enquanto a última leva em conta a estrutura morfológica no mapeamento prosódico, a primeira se baseia nas distinções processuais envolvidas na composição. No âmbito da proposta processual, Bisol (1992) propõe o algoritmo acentual do PB, o qual é criticado por Lee (1995) com uma segunda proposta.

Segundo a proposta de Bisol (1992), a regra do acento é sensível ao peso silábico, i.e., à possibilidade de sílabas terem rima ramificada, terminando em consoante ou ditongo. A regra determina que a última sílaba de uma palavra deve portar acento se for pesada (como em *pomár* e *troféu*). Caso a última sílaba não seja pesada, as duas últimas sílabas da palavra formam um constituinte binário com peso à esquerda, ou seja, o acento recai na penúltima sílaba. Casos que fogem a essa regra são explicados pela extrametricidade, i.e., a possibilidade de que determinados segmentos sejam invisíveis às regras de construção dos constituintes métricos (como em *número*, *árvore* e *fósforo*, onde os segmentos sublinhados são considerados extramétricos).

Lee (1995), por outro lado, propõe que a aplicação da regra do acento em PB é diferente em verbos e não verbos, além de não recorrer aos conceitos de peso silábico e à extrametricidade. Segundo sua proposta, o domínio de aplicação da regra do acento em verbos é a palavra, cujas duas últimas sílabas formam um constituinte binário com núcleo à esquerda, isto é, o acento recai na penúltima sílaba da palavra (como em *compúto* e *falámos*), exceto em casos marcados (como em *baterá*); em não verbos, o domínio de aplicação da regra do acento é o radical derivacional, cujo constituinte binário formado pelas duas últimas sílabas tem núcleo à direita, isto é, o acento recai na última vogal que não seja temática (como em *café* e *almôço*, onde o segmento sublinhado é vogal temática), exceto em casos marcados (como em *abóbora*).

2.5. O objeto de análise do presente trabalho

Embora os diversos trabalhos apresentados neste capítulo proponham diferentes visões para o conceito de *composto*, nos restringimos no presente trabalho a estudar apenas aqueles compostos

morfossintáticos do tipo [palavra + palavra], onde cada palavra constitui um PWd independente e a estrutura é dominada por um único nó sintático terminal (X_0). Além desses compostos morfossintáticos, pretende-se também compreender se siglas e nomes próprios completos se comportam prosodicamente exatamente como compostos morfossintáticos. Isso se justifica pela observação de que, assim como em compostos morfossintáticos, em siglas e nomes próprios cada elemento também constitui PWd independente, apesar de a estrutura formada por esses elementos constituir um único nó sintático terminal – se diferenciando, assim, de palavras simples e de locuções. O estudo desses elementos se justifica também pelo fato de que eles, até o presente momento, constituem uma lacuna nos estudos da prosódia do PB. É importante mencionar aqui, também, que os resultados do presente estudo indicam que siglas apresentam um padrão de prosodização diferente dos outros elementos morfossintáticos que têm, por hipótese, o PWG como domínio. Cabe acrescentar também que, neste trabalho, não são estudados acrônimos pronunciados como uma única palavra fonológica (como ocorre em *USP*, que é pronunciado ['uspi]), mas apenas as siglas cujas letras são pronunciadas isoladamente (como ocorre em *KLM*, que é pronunciada ['ka] ['eli] ['emi]), uma vez que é esse o caso que, por hipótese, tem PWG como domínio prosódico.

Esse recorte no tratamento de elementos morfossintáticos que têm, por hipótese, PWG como domínio se justifica uma vez que: (1) algumas das construções apresentadas por Vigário (2003) são só próprias do PE, como as construções mesoclíticas; (2) o escopo do trabalho deve ser limitado para uma dissertação de Mestrado; e (3) outras manifestações do PWG, como palavras formadas por afixos acentuados (e.g., pré-aprovado, pós-doutorado, hotelzinho, fortemente; onde os afixos acentuados estão sublinhados) e palavras associadas a Cls (e.g., diga-me, com certeza, o menino; onde os Cls estão sublinhados), já foram abordados por estudos prévios em PB (Lee, 1995; Schwindt, 2000, 2001; Brisolara, 2008; Toneli, 2014; Guzzo, 2015; entre outros.).

Ademais, os experimentos feitos para este trabalho são inspirados em experimentos já realizados por outros autores (que foram feitos a partir de *corpora* de PE ou que não contemplam siglas e nomes próprios) e, portanto, são propostos como uma continuação desses experimentos. Dessa forma, os estudos descritos neste capítulo nos auxiliam a compor nosso *corpus* de forma que ele reflita de forma sistemática as estruturas tratadas nesses experimentos de outros autores.

2.6. Síntese do capítulo

Dentre as construções que, segundo a literatura, dão evidências para a existência de uma organização prosódica com características de composto, investigamos especificamente os compostos morfossintáticos, os nomes próprios e as siglas.

Entre as línguas nas quais o PWG se revela como um domínio prosódico relevante, estão o

baule, o inglês, o húngaro, o francês, o turco e o PE, conforme exemplificado neste capítulo.

Uma vez que a definição da noção de *composto* não é unânime entre os autores, neste capítulo analisamos algumas das principais visões acerca desse conceito, apresentadas por diferentes autores, como Villalva (que define a composição como "um processo de formação de palavras que consiste na concatenação de duas ou mais variáveis lexicais, que podem ser radicais ou palavras"), Lee (que apresenta diversas características próprias de compostos e que não estão presentes em palavras comuns), Mattoso Câmara (o qual afirma que, em um composto, "dois vocábulos fonológicos passam a constituir um só vocábulo formal") e Monteiro (o qual afirma que "denomina-se composto o vocábulo formado pela união de dois ou mais semantemas" e trabalha na distinção desse conceito do conceito de *locução*)

Neste capítulo, também apresentamos seis diferentes modelos já propostos para a categorização dos compostos:

1. por combinações de categorias lexicais;
2. pela relação gramatical entre os membros do composto;
3. pela forma morfológica dos membros do composto;
4. pela junção fonológica entre os membros do composto;
5. pelo componente da gramática em que são formados;
6. segundo um critério semântico.

Em seguida, apresentamos as duas propostas existentes para a descrição da ocorrência de acento em palavras compostas: a estrutural, que leva em conta a estrutura morfológica do composto e investiga o número de PWds formadas; e a processual, que leva em conta os processos fonológicos e morfológicos dos compostos e investiga seu local de formação na gramática.

Por fim, levando em conta a diversidade de estruturas que diferentes autores denominam *composto*, bem como a diversidade de categorizações dessas estruturas, tratamos de especificar a restrição conceitual que fazemos ao objeto de análise deste trabalho: aqui, estudamos apenas aqueles compostos morfossintáticos do tipo [palavra + palavra], onde cada palavra constitui uma PWd independente e a estrutura é dominada por um único nó sintático terminal (X_0). Ademais, neste estudo contribuímos com a descrição da prosodização de nomes próprios e siglas no PB.

Definido o objeto de análise deste trabalho, passemos agora à delimitação do quadro teórico no qual se desenvolve esta pesquisa e à apresentação de trabalhos prévios em PB que tratam da prosodização de elementos que têm como domínio o nível intermediário entre PWd e PPh.

3. Fonologia prosódica, a controvérsia a respeito do constituinte intermediário entre PW e PPh e trabalhos prévios sobre a prosodização de elementos nesse nível em PB

3.1. A Fonologia Prosódica

Com base na observação de que a estrutura relevante para explicar certos fenômenos fonológicos em muitas línguas do mundo não é de natureza segmental (do ponto de vista fonológico) e morfossintática, mas sim de natureza fonológica e especificamente suprasegmental, Selkirk (1984), Nespor & Vogel (1986), Hayes (1989), entre outros, propõem o modelo teórico que ficou conhecido como Fonologia Prosódica.

A Fonologia Prosódica investiga a organização da cadeia sonora em grupos prosódicos nas línguas e considera que essa organização é construída a partir da interface entre as informações sintática e fonológica. Dessa forma, a estrutura prosódica tem forte relação com a estrutura sintática, ainda que tais estruturas não sejam isomórficas.

A estrutura que a Fonologia Prosódica descreve é um conjunto de constituintes, cuja organização é hierárquica, fixa e universal. Uma sentença pode ser vista, portanto, como uma organização hierárquica de constituintes prosódicos, conforme exemplificado no diagrama 12, extraído de Vigário (2007). Cada constituinte é domínio para a aplicação de um conjunto diferente de processos fonológicos (Nespor & Vogel, 2007; página 1). Os constituintes prosódicos propostos por Nespor & Vogel (1986, 2007) são, conforme a ordem hierárquica, do nível mais alto para o mais baixo: o Enunciado (U), a Frase Entoacional (IP), a Frase Fonológica (PPh), o Grupo Clítico (C), a Palavra Prosódica (PWd), o Pé (Ft) e a Sílabas (σ).

(12)

Como pode ser observado em (12), a estruturação de uma sentença na hierarquia prosódica obedece princípios de boa-formação, conhecidos como *Strict Layer Hypothesis* (SLH) (Selkirk, 1984) e que são os seguintes:

- *A prosodic category of one level is exhaustively parsed into constituents of the next-lower level.*
- *Those next-lower level constituents are all of the same type.*
- *Prosodic structure is not recursive.*
- *Mismatch between syntactically recursive constituent structure and the linearly segmented structure in prosody.*⁷

Na proposta de Nespor & Vogel (1986), os princípios de formação de constituintes prosódicos são os que seguem abaixo, sendo os dois primeiros princípios fundamentados pela SLH (Selkirk, 1984):

7. Em tradução livre: uma categoria prosódica está exhaustivamente segmentada em constituintes de seu nível imediatamente inferior; esses constituintes do nível imediatamente inferior são todos do mesmo tipo; a estrutura prosódica não é recursiva; disparidade entre a estrutura de constituintes sintaticamente recursivos e a estrutura segmentada de forma linear na prosódia.

- i. *A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X_p , is composed of one or more units of the immediately lower category, X_{p-1} .*
- ii. *A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is part.*
- iii. *The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branch.*
- iv. *The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w).⁸*

Cada um dos constituintes prosódicos é domínio para a aplicação de determinadas regras fonológicas, de modo que tais regras atestam a existência e relevância desses constituintes. Nespor & Vogel (1986) afirmam, por exemplo, que a PWd é domínio para a aplicação da regra de sonorização de /s/ intervocálico no italiano setentrional padrão (exemplo 13a), a qual nunca se aplica entre palavras (exemplo 13b).

- (13)
a.	asilo	→ a[z]ilo	'asilo'
b.	la sirena	→ *la [z]irena	'a sirene'

Nessa mesma comunidade de fala, a regra de retração do acento teria a PPh como domínio de aplicação: em uma sequência de duas PWds, onde há acento na última sílaba da primeira PWd e na primeira sílaba da segunda PWd, o acento da primeira PWd se desloca para a esquerda de modo a evitar um choque de acentos (exemplo 14).

- (14)
<i>metá tórta</i>	→ <i>méta tórta</i>	'meio bolo'

Entre a PWd e o PPh estaria o C, o qual seria domínio de aplicação para a regra de elisão de [t] no catalão, regra que, por sua vez, atestaria a existência desse domínio, segundo as autoras. Nessa língua, o [t] é elidido quando está presente no encontro consonantal [nt] em fim de palavra (exemplo 15a), exceto se seguido por outra PWd do mesmo C (exemplo 15b).

8. Conforme tradução de Brisolara (2008): (i) Uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica, X_p , é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, X_{p-1} . (ii) Uma unidade de um dado nível da hierarquia está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior da qual ela é parte. (iii) As estruturas hierárquicas da Fonologia Prosódica ramificam-se enearcamente. (iv). A relação de proeminência relativa definida entre nós irmãos é tal que a um só nó é atribuído o valor forte (s) e a todos os outros nós é atribuído o valor fraco (w).

- (15) a. $[fent]_C-[això]_C \rightarrow fe[n] això$ 'fazendo isso'
 b. $[portant-ho]_C \rightarrow porta[nt]-ho$ 'trazendo-o'

Porém, a existência e a descrição de um domínio intermediário entre a PWD e o PPh é objeto de diversas contestações, as quais serão tratadas de forma detalhada na seção 3.2 desta dissertação.

É importante levar em conta que, embora, dentro de uma língua específica, o conjunto de processos fonológicos de um domínio específico possa ser idêntico ao conjunto de processos fonológicos de outro domínio, seria redundante a existência dessa correspondência exata de forma universal entre as línguas. Isto é, dois domínios de comportamentos universalmente idênticos devem ser considerados, na verdade, o mesmo domínio.

Considerando a hierarquia prosódica, esta dissertação tratará especificamente do domínio intermediário entre a PWD e a PPh, tradicionalmente referido como Grupo Clítico (C). Porém, esse nível da hierarquia tem sido alvo de extensa controvérsia entre os pesquisadores. No presente trabalho, defenderemos a proposta de Vigário (2007, 2010), a qual reinterpreta esse domínio como PWG.

3.2. A controvérsia a respeito do constituinte intermediário entre PW e PPh

É importante observarmos que é problemática a visão de que os clíticos (aqui definidos como palavras funcionais átonas; cf. Simioni, 2008) sejam prosodizados em um constituinte específico (C). Como evidência para que o C não integre a hierarquia prosódica, Peperkamp (1997) menciona também o fato de haver assimetria entre proclíticos e enclíticos no inglês, no alemão e no italiano quanto a seus comportamentos fonológicos. Para a autora, em uma abordagem que necessita C, deveria haver simetria entre próclise e ênclise. A regra de apagamento de vogal no inglês em sequências [clítico + hospedeiro] ou [hospedeiro + clítico], por exemplo, faz distinção entre ênclise e próclise: em casos de ênclise, o apagamento só ocorre se a segunda palavra for iniciada por consoante (e.g., *leave me alone* → $[limi]$ alone; *leave us alone* → $*[lias]$ alone), enquanto, em casos de próclise, o apagamento ocorre independentemente de a segunda palavra se iniciar por vogal ou consoante (e.g., *lot of bananas* → $[lɔrə]$ bananas; *lot of apples* → $[lɔrə]$ apples).

Outro argumento de Peperkamp (1997) se refere ao fato de o clítico ter diferentes constituintes prosódicos como hospedeiros em diferentes línguas, o que comprometeria a universalidade do C. Para a autora, em uma abordagem que considere o C como parte da hierarquia prosódica, a representação da associação dos clíticos a seus hospedeiros não deveria diferir de

língua para língua. Os hospedeiros dos clíticos são, por exemplo, a PWd no PE, a PPh no Hausa e a I no Bantu (Brisolara, 2008). A autora cita, ainda, três dialetos falados na Itália com diferentes formas de adjunção ou incorporação do clítico à estrutura prosódica, o que implica diferentes comportamentos acentuais em cada um – sendo a adjunção a união onde o clítico é visível às regras, e sendo a incorporação a união onde o clítico é invisível às regras. No napolitano, onde o clítico é adjungido à PWd, um clítico não muda o padrão do acento, mas, caso haja dois enclíticos, o primeiro deles recebe mais um acento (e.g., *cóna*, *cóntala*, *cóntatílla*). No lucaniano, onde o clítico é incorporado à PWd, a penúltima sílaba da sequência [hospedeiro + clítico] se torna sílaba tônica independentemente da quantidade de clíticos (e.g., *vínna*, *vənnílla*, *vinnəmílla*). No italiano padrão, onde o clítico é incorporado à PPh, enclíticos não alteram a atribuição do acento (e.g., *pórta*, *pórtami*, *pórtamelo*).

Além disso, a visão de que os clíticos são prosodizados em um constituinte específico entra em conflito com os princípios de boa formação propostos na Fonologia Prosódica. Em um modelo onde clíticos sejam prosodizados no domínio C, teríamos que interpretar que os clíticos são PWds. Essa interpretação se baseia no princípio da exaustividade de Nespor & Vogel (1986), que determina que cada unidade (no caso, o clítico) de um determinado nível da hierarquia está exaustivamente contida na unidade superior (no caso, o C) de que é parte. Dessa forma, se um clítico é dominado por C e C domina PWds, clíticos seriam PWds.

Contudo, considerar que clíticos sejam PWds vai contra a definição de PWd (Booij, 1983), uma vez que clíticos não portam acentoônico e PWds necessariamente o portam. Além disso, como afirma Simioni (2008), clíticos não refletem as propriedades próprias de PWds definidas por Bisol (2005): clíticos, ao contrário de PWds, não apresentam relação de proeminência entre as sílabas internas, uma vez que suas sílabas são todas átonas (e.g., *para*: (pa)_w(ra)_w); clíticos não são sensíveis a determinados processos fonológicos próprios da PWd como, em PB, a neutralização das vogais médias pré-tônicas (e.g., o substantivo *democracia*, que é PWd, pode ser pronunciado como [demokra'siə] e também como [demokra'siə]; já a preposição *de*, que é um clítico, pode ser pronunciada como [de], mas não como *[dɛ]); e clíticos não estão sujeitos a restrições fonotáticas próprias da PWd como, em PB, aquela que prescreve que PWds não são iniciadas por consoantes palatais (e.g., *lhe*) e, em holandês, aquela que prescreve que PWds devem conter pelo menos uma vogal diferente de [ə] (e.g., nessa língua, o artigo indefinido *een* e o artigo definido *het*, que são clíticos, são pronunciados respectivamente como [ən] e [ət]; palavras dessa língua prosodizadas como PWd não apresentam esse fone [ə]).

Para que o clítico não seja considerado uma PWd sem acento, Nespor & Vogel (2007) flexibilizam o princípio de exaustividade, permitindo saltos de constituintes prosódicos, de modo

que o clítico possa não ser mais dominado pelo C, e possa, em vez disso, se unir diretamente a sua PWd hospedeira. Alternativamente, Inkelas (1990) sugere a eliminação do C e a inclusão de estruturas recursivas na estrutura prosódica. Nesse trabalho, a autora propõe que o clítico formaria com seu hospedeiro uma PWd recursiva e defende que essa formação ocorreria no âmbito da sintaxe (pós-lexico), diferenciando tais PWds daquelas formadas na morfologia (léxico). A partir dessa diferenciação, a maior parte das evidências para a existência de C poderia ser reinterpretada, segundo a autora. Para Nespor & Vogel (2007), porém, tal solução tem um custo maior para a teoria, tanto quando consideramos a explicação de fenômenos fonológicos como quando consideramos a distinção crucial entre a estrutura prosódica e a estrutura sintática – a primeira não é recursiva, enquanto a segunda é recursiva. Ademais, o fato de PWds recursivas permanecerem diferenciadas de PWds simples continuaria a distinguir duas estruturas com funcionamentos diferentes.

3.3. Trabalhos prévios sobre a prosodização de elementos no constituinte intermediário entre PW e PPh em PB

3.3.1. Simioni (2008): Os 4 tipos de clíticos e a classificação do PB

Na teoria proposta por Selkirk (1984), a hierarquia prosódica se diferencia da hierarquia proposta por Nespor e Vogel por não conter nível prosódico entre PPh e PWd onde clíticos sejam prosodizados. Para a autora, os clíticos se prosodizam no nível de PWd ou de PPh, a depender do caso. Selkirk (1996) propõe que, de forma universal nas línguas, haja quatro tipos de clítico: (16i) o clítico livre, que se prosodiza diretamente na PPh; (16ii) o clítico afixal, que funciona como um afixo adjungido, formando uma PWd recursiva; (16iii) o clítico interno, que funciona como uma sílaba interna de sua PWd hospedeira; e (16iv) o clítico que se comporta como PWd.

(16)

Para Simioni (2008), o primeiro tipo é o que encontramos no PB, tanto no caso de proclíticos como no caso de enclíticos. A autora nega que os clíticos do PB sejam do tipo afixal (16ii) ao comparar o comportamento fonológico dos clíticos do PB com o de certos afixos de palavra. Essa comparação⁹ revela que, apesar de clíticos e afixos possuírem algumas similaridades no comportamento fonológico, cada caso possui sensibilidades particulares a certos fenômenos. Como exemplo de distinção no comportamento fonológico entre clíticos e afixos, a autora aponta que, na união do prefixo *an-* com a palavra *aeróbico*, a consoante nasal de *an* se torna ataque da sílaba seguinte – a[na]eróbico –, enquanto o mesmo fenômeno não ocorre em combinações [clítico + hospedeiro] com contexto fonético análogo (e.g., *sem esperança* → **se[ne]sperança*)¹⁰. Para a autora, se em ambos os casos há fronteira de PWd, a explicação para essa diferença de comportamento deve estar localizada em um constituinte prosódico superior. Para Vigário (2003), a ressilabação em *anaeróbico* é uma regra estritamente lexical, a qual não atua em *sem esperança* por já se tratar do âmbito pós-lexical. Alternativamente, Simioni (2008) defende que isso ocorre porque prefixos se adjungem à PWd – onde a regra de ressilabação atua –, enquanto clíticos se anexam à PPh – onde a regra de ressilabação não atua.

Simioni (2008) também nega que os clíticos do PB sejam do tipo interno (16iii) ao contrastar o comportamento fonológico dos clíticos do PB em posição pretônica com o de segmentos internos de palavra também pretônicos. Por exemplo, os clíticos do PB são sensíveis à regra de alçamento da átona final (e.g.: *me* → [mi]), enquanto o mesmo fenômeno não ocorre em segmentos internos de palavra pretônicos (e.g.: *elefante* → **[ɪ]l[ɪ]fante*). A autora argumenta ainda que o enclítico parece não contar para a regra do acento, evidenciando que haja fronteira de PWd entre o clítico e a PWd. Por exemplo, no caso de PWds associadas a proclíticos, a vogal da última sílaba da PWd continua categoricamente sensível à regra de alçamento da átona final (e.g.: *pede-se* → *ped[i]-s[i]*), o que não deveria ocorrer caso o clítico estivesse incorporado à PWd, uma vez que o alçamento da vogal átona na penúltima sílaba de uma PWd não é frequente no PB (e.g. *fôlego* → *fôl[ɪ]go*; *época* → *ép[ɜ]ca*). A autora aponta que mais um exemplo dessa mesma evidência é o fato de estruturas pré-proparoxítonas serem possíveis no português, a despeito da restrição nessa língua de que o acento não pode estar antes da antepenúltima sílaba (e.g.: *falávamos-lhe*). Tais estruturas seriam possíveis, segundo a autora, porque a PWd termina logo antes do clítico.

Por fim, a autora também nega que os clíticos do PB se comportem como PWds (16iv), pelas razões apontadas na introdução da seção 3.2 desta tese.

9. Os afixos usados para essa comparação são os prefixos legítimos conforme a definição de Schwindt (2001): aqueles que não portam acento de PWd, que não podem formar PWd independente e que se adjungem a uma PWd.

10. Nesse caso, é importante notar que no PB a palavra *sem* não se prosodiza como clítico, mas como PWd.

3.3.3. Bisol (2005) e Brisolara (2008): evidências para a prosodização do clítico em um domínio específico

Bisol (2005) defende que, em PB, o clítico é prosodizado no pós-léxico junto à PWd, formando um constituinte prosódico, que seria o C ou a PWd pós-lexical. A autora aponta, como evidência para a existência desse constituinte prosódico, a diferença de comportamento entre esse constituinte e o PPh quanto à elisão da vogal *e* em português brasileiro. Por exemplo, nas sequências de clíticos *de um*, *em um* e *entre um*, a elisão é possível: *dum dia pro outro*, *num espaço curto* e *entrum dia e outro*. O mesmo ocorre em sequências de clíticos e palavras funcionais, como *em outro*, *de outra* e *de esse*: *noutro dia*, *doutro dia* e *desse dia*. Por outro lado, o mesmo fenômeno não é possível em sequências de duas palavras lexicais, como *cidade antiga*, *grande amigo* e *leque azul*: **cidad'antiga*, **grand'amigo* e **lequ'azul*. Essa diferença de comportamento se explicaria, conforme a autora, pelo fato de a última estrutura se tratar de PPh, domínio onde a elisão da vogal /e/ seria bloqueada, enquanto os dois outros casos se tratam de C (ou PWd pós-lexical), onde a elisão é permitida.

Porém, essa lógica parece não se aplicar a sequências de clíticos e palavras lexicais, como *de amor*, *de atenção* e *de amigo*: **damor*, **datenção* e **damigo*. Para Bisol (2005), o fato de o clítico estar diante de um DTE (elemento designado terminal: "próximo à borda direita ou esquerda de um domínio, em que incide o maior número de posições fortes") é o que bloqueia a elisão da vogal /e/ nesse caso. Para Simioni (2008), por outro lado, o que parece estar em jogo é uma restrição de alinhamento (*Align (Lex, E; Pwd, E)*): quando ocorre elisão entre clítico e uma palavra, eles passam a compor uma única PWd; em casos onde a borda esquerda dessa PWd (como **damor*) não coincide com a borda esquerda da palavra lexical (no caso, *amor*), a elisão é bloqueada. Com esse argumento, Simioni (2008) defende que um nível prosódico intermediário entre a PWd e a PPh não é necessário para que se explique a elisão da vogal /e/.

Outro argumento de Bisol (2005) para sustentar a existência do C (ou a PWd pós-lexical) na hierarquia prosódica e sua relevância para a língua portuguesa é que, na comunidade de fala de Porto Alegre, C é o único contexto onde não há alçamento de vogal na preposição *de*, como, por exemplo, nos Cs "cor d[e] rosa" e "d[e] carro", em vez de "cor [dʒɪ] rosa" e "[dʒɪ] carro", respectivamente.

Para sustentar a afirmação de que clíticos são prosodizados no pós-lexico, Bisol (2005) afirma que clíticos não são sensíveis a regras lexicais, mas apenas a regras pós-lexicais. A autora cita regras pós-lexicais às quais sequências de clítico e hospedeiro são sensíveis no PB e, em cada caso, explica o porquê de a regra ser considerada pós-lexical. Entre essas regras, podemos citar: a neutralização das átonas (e.g., *ama-me* → *ama-m[ɪ]*), considerada pós-lexical por ser uma regra

dialetalmente variável; a sonorização da fricativa coronal (e.g., *lesmas amarelas* → *le[z]ma[z] amarelas*), considerada pós-lexical por se aplicar dentro e entre palavras; e a elisão de /a/ em sândi vocálico externo (SVE) (e.g., *finá estampa* → *fin' estampa*), considerada pós-lexical por se aplicar entre palavras. Vigário (2001), contudo, aponta que, no PE, C é sensível à redução vocálica, regra considerada lexical por apresentar exceções.

Brisolara (2008) observa que, em sequências [clítico + hospedeiro], a possibilidade de alçamento da vogal do clítico pronominal parece não depender da primeira vogal do hospedeiro, ou seja, a vogal do clítico em sequências como *me dá* e *me diz* pode ou não sofrer alçamento independentemente da vogal seguinte. Ao lado dos argumentos de Bisol, essa observação é um indício de que os clíticos não se comportam como sílabas pretônicas, mas como sílabas pós-tônicas finais, de forma que seja fundamental uma análise onde os clíticos possuam alguma independência. A autora também descarta, com base na argumentação de Bisol (2005), que essas sequências constituam palavras lexicais, e, com base na argumentação de (Peperkamp, 1997), que constituam C. Considerando, por um lado, semelhanças entre essas sequências e PWds – como ambos portarem apenas um acento e compartilharem sensibilidade a regras como a neutralização das átonas finais e a palatalização das plosivas coronais – e, por outro lado, que em PB essas sequências estão sujeitas apenas a regras pós-lexicais, a autora defende que tais sequências se prosodizam na forma de PWd pós-lexical, por recursividade.

3.3.4. Vigário (2007, 2010), Vigário & Fernandes-Svartman (2010) e Coelho (2013): o PWG

Sabe-se que pode variar nas línguas a quantidade de acentos tonais (*pitch accents* - PA) por I: em uma comparação feita por Frota & Vigário (2000), foram registrados PAs em 94% dos PPhs de um *corpus* lido por falantes de PB, enquanto, no mesmo *corpus* lido por falantes de PE, foram registrados PAs em apenas 27% PPhs não iniciais e não finais. No caso específico do PB, Tenani (2002), Fernandes (2007a, b) e Tenani & Fernandes-Svartman (2008) observam que é obrigatória a ocorrência de PA (acento tonal) em cada PWd cabeça de PPh e opcional em PWds não cabeça de PPh. Nesses trabalhos também foram registrados PAs em posições pré-tônicas, eventualmente relacionados com acento secundário, e somente em palavras com três ou mais sílabas pré-tônicas. Varia nas línguas, também, o domínio prosódico relevante para a atribuição tonal. Em PE, a marcação tonal de fronteiras se limita ao nível de I (Frota, 1997, 2000; Vigário, 1998). Em algumas línguas asiáticas (Pierrehumbert & Beckman, 1988; Jun, 1993) e em casos de focalização em PB (Fernandes 2007a, b), fronteiras de domínios inferiores também são tonalmente marcadas. Isso é importante pois a atribuição de PAs pode consistir em pista para a identificação de PWd, PPh e,

inclusive, PWG.

Especificamente no caso de compostos, Vigário (2007, 2010) critica o fato de que é generalizada a ideia de que sua organização prosódica envolve estruturas recursivas – onde PWds dominam outras PWds –, pois isso contraria o princípio da exaustividade da SLH. Vigário & Fernandes-Svartman (2010) afirmam que a existência da recursividade na estrutura sintática e sua não existência na estrutura prosódica é uma propriedade diferenciadora fundamental. Ademais, ao mesmo tempo em que Vigário (2007, 2010) mantém que exista um nível intermediário na hierarquia prosódica entre PPh e PWd, rejeita a ideia de que a prosodização dos clíticos seja uma característica central e intrínseca desse domínio, uma vez que, como Vigário (2001) e Peperkamp (1997) defendem, clíticos podem ter a PWd, a PPh ou a I como hospedeiros, sendo a PWd o hospedeiro mais frequente em PE. Vigário (2007) propõe, portanto, uma reformulação na definição desse nível: uma vez que, para a autora, esse nível agrupa palavras prosódicas e não necessariamente clíticos, é proposto que esse nível intermediário entre PPh e PWd, tradicionalmente chamado de Grupo Clítico, seja renomeado como Grupo de Palavras Prosódicas (PWG, do inglês, *Prosodic Word Group*). O PWG contempla, dessa forma, palavras compostas, nomes próprios, siglas, acrônimos, palavras lexicais formadas por afixos que constituem PWds independentes (como *-zinho* e *-prê*), entre outros. Dentro desse modelo, a autora propõe que o número de acentos tonais (*pitch accents* - PAs¹¹) por composto decorre da organização prosódica do composto em um PWG e do fato de o domínio relevante para a atribuição tonal poder ser não a PWd, mas o PWG. Entre as evidências para essa proposta estão as várias línguas com fenômenos os quais teriam como domínio esse constituinte.

Vigário & Fernandes-Svartman (2010) mencionam, como exemplo, que há línguas com elevada incidência de PA por I, mas que, dentro desse I, é permitido apenas um PA por composto – como o inglês (Ladd, 1996, Venditti et al., 1996), o holandês (Gussenhoven, 2004) e o sueco (Bailey, 1990). Em inglês, por exemplo, há apenas um PA (marcado aqui por um acento agudo) na palavra composta *yéllow-jacket* ("vespa"), em contraste com o sintagma de palavras não compostas *yéllow jácket* ("casaco amarelo"), onde há dois PAs. As autoras assumem que tal comportamento fonológico só pode ser descrito por uma análise que considere que as PWds de um composto sejam dominadas por um domínio prosódico distinto da PWd e da PPh, o PWG. Nessa análise de Vigário e Fernandes-Svartman (2010), assume-se que o inglês admite apenas um PA por PWG: *yellow-jacket* seria um PWG (dominado por um PPh) com um PA, enquanto, para as autoras, *yellow jacket* seriam dois PWGs (ambos dominados por um único PPh) com um PA cada.

A partir da análise de dados de PB que, além de palavras compostas, também inclui siglas,

11. O conceito de *pitch accent* é apresentado na seção 4.2.1.1 do quarto capítulo desta dissertação.

Vigário & Fernandes-Svartman (2010) verificam que a associação de PAs à cabeça de PWG é praticamente obrigatória, mas facultativa nas posições não cabeça de PWG, ocorrendo com maior incidência em PWGs longos, com 4 sílabas ou mais de distância silábica em relação ao acento de PWG. No mesmo estudo, as autoras observam um contraste entre PWd e PWG quanto às condições para a marcação com H(+L) inicial: em PWd pertencente a PWG ramificado, a probabilidade de associação de H(+L) aumenta quando o acento estiver pelo menos na quinta sílaba; já em PWd de PWG não ramificado, essa probabilidade aumenta quando o acento está pelo menos na quarta sílaba. Ainda nesse estudo, as autoras observam que siglas com três ou quatro PWds têm sempre dois PAs e veem nesse fenômeno um indício de que siglas desse tamanho não formam um único PWG, mas agrupam suas PWds internas em dois PWGs menores – resultado que parece consistir em evidência para a relevância do PWG em PB. As autoras deduzem, a partir disso, que o constituinte PWG esteja sujeito a restrições de minimalidade, sendo maximamente binário.

Em uma investigação preliminar sobre a ocorrência em PB do fenômeno de SVE no interior de PWG e de PPh, Coelho (2013) observa que, ao contrário do que se observa em PE (Vigário, 2007), parece não haver contraste sistemático entre esses dois constituintes quanto à ocorrência desse fenômeno. Esse resultado, porém, não é categórico e, por isso, contrastes pouco expressivos encontrados em Coelho (2013) são novamente investigados no presente trabalho, de forma a se verificar se tais contrastes ocorrem de forma sistemática no PB. Segundo Coelho (2013), esses contrastes são: (1) em contextos para ocorrência de ditongo crescente onde apenas V1 é acentuada, a ocorrência de ditongo parece se dar com facilidade levemente maior no interior de PPhs (como *urubu agitado*) do que no interior de PWGs (como *urubu-arara*), onde o fenômeno é bloqueado; (2) em contextos para ocorrência de ditongo crescente onde são acentuadas ambas as vogais do choque vocálico, a ocorrência de ditongo parece se dar com uma facilidade levemente maior no interior de PWGs (como *urubu-águia*) do que no interior de PPhs (como *bambu áspero*), onde o fenômeno é absolutamente bloqueado; (3) em contextos para ocorrência de ditongo decrescente onde V2 não é acentuada, ocorre o contrário: a ocorrência de ditongo parece se dar com uma facilidade levemente maior no interior de PWGs (como *Península Ibérica*), em especial se V1 for acentuada (como *forró universitário*), do que no interior de PPhs (como respectivamente *água escura* e *café escuro*).

3.3.5. Toneli (2014): Diagnósticos para a PWd e relevância do PWG

Toneli (2014), em um estudo centrado na PWd no PB, oferece importantes contribuições para o diagnóstico desse nível prosódico e, por extensão, também para seu nível prosódico hierarquicamente superior – o qual a autora assume ser o PWG –, além de tecer importantes considerações que sustentam especificamente a existência e relevância do PWG no PB.

A autora afirma que alguns radicais e afixos podem ser prosodizados como PWds independentes, uma vez que tais unidades portam acento primário ao mesmo tempo em que não interferem na realização do acento da PWd à qual se associam (e.g., *civilizadamente* → *civili['za]da['mẽj]te*; *hipopotamozinho* → *hipo['pɔ]tamo['zĩ]nho*). Essa afirmação é válida inclusive para prefixos monossilábicos (e.g., *pré-candidato*), uma vez que o português não sofre a síndrome da palavra mínima (a qual exige, em algumas línguas, um número mínimo de sílabas para a emergência de uma PWd).

Outro fato apresentado pela autora, que contribui para a assunção do estatuto de PWd para tais prefixos, é que eles não sofrem abaixamento vocálico de /ɛ/ para /e/ (e.g., *pré-candidato* → **pr[e]-candidato*). Dessa forma, o não alçamento de determinados radicais em algumas palavras (e.g., *f[ɔ]tomontagem*; *t[ɛ]lecomunicação*; *al[ɛ]grememente*), e o alçamento dos mesmos radicais em outras palavras (e.g., *f[o]tografia*; *t[e]légrafo*; *al[e]gramento*), implicaria que, no primeiro caso, tais radicais se comportam como PWds independentes dos radicais aos quais se associam (e.g., *[foto]PWd[montagem]PWd*), enquanto, no segundo caso, esses radicais se comportam como sílabas internas de uma única PWd formada conjuntamente com os radicais aos quais se associam (e.g., *[fotografia]PWd*). Esse teste também auxilia na categorização de cada letra de uma sigla como uma PWd independente. Por exemplo, a autora afirma que o fato de a palavra FM ser realizada como *[ɛ]fe eme* e não como **[e]feeme* é evidência de que estamos diante de duas PWds independentes.

Outro processo apontado pela autora como diagnóstico para a categorização de PWds é a redução da pauta vocálica postônica em três vogais (ɪ, ʊ, ɐ): uma vez que tal processo só ocorre dentro de uma PWd à direita de sua sílaba tônica, a ocorrência desse processo à esquerda de uma sílaba tônica implica a existência de uma fronteira de PWd. Por exemplo, a realização de *fotomontagem* como *fo[tʊ]montagem* implica que a sílaba *to* pertence a uma PWd diferente da PWd que contém a sílaba tônica *ta*. Por outro lado, a impossibilidade da realização de *fotografia* como **fo[tʊ]grafia* implica que a sílaba *to* é pré-tônica da mesma PWd que contém a sílaba tônica *fi*. Esse teste também auxilia na categorização de cada letra de uma sigla como uma PWd independente. Por exemplo, a autora afirma que a palavra FM poder ser realizada como *ef[ɪ] eme* é evidência de que estamos diante de duas PWds diferentes.

Segundo a autora, também auxiliaria no diagnóstico de PWds a regra (e o bloqueio dessa regra) de assimilação fonética de nasalidade pela vogal /a/: uma vez que tal processo só ocorre no interior de PWd, o bloqueio desse processo sugeriria a existência de fronteira desse domínio. Por exemplo, a possibilidade de realização de *banana* como *banãna* ou *bãñna* implica que cada uma das duas primeiras sílabas dessa unidade morfossintática pertence à mesma PWd, à qual também pertence a sílaba subsequente. Por outro lado, a impossibilidade da realização de *apressadamente* e

ultranaturalismo como **apressadãmente* e **ultrãnaturalismo*, respectivamente, implicaria que as sílabas que sofrem bloqueio de nasalização pertencem a PWds diferentes daquelas que contêm a consoante nasal. No presente estudo, porém, ressaltamos que outras variáveis, e não apenas a fronteira de PWd, atuam para o bloqueio dessa regra, como se pode observar pela impossibilidade de realização de *comportamento*, *amém* e *anão* como **comportãmento*, **ãmém* e **ãnão*, por exemplo. Dessa forma, consideramos que o bloqueio do fenômeno não necessariamente implica que se tratam de duas PWds independentes, enquanto a ocorrência do fenômeno necessariamente implica que estamos diante de uma PWd única.

A autora também afirma que, similarmente, também auxiliaria, no diagnóstico de PWds, a regra (e o bloqueio dessa regra) de harmonia vocálica¹²: uma vez que tal processo só ocorre no interior de PWd, o bloqueio desse processo sugere a existência de fronteira desse domínio. Por exemplo, a possibilidade de realização de *pepino* como *p[i]pino* implica que a primeira sílaba *pi* pertence à mesma PWd que a segunda sílaba *pi*. Por outro lado, a impossibilidade da realização de *hiperglicemia* como **hip[i]rglicimia* implica que a sílaba *per* pertence a uma PWd distinta daquela que contém a sílaba tônica *mi*. Porém, como no caso de assimilação de nasalidade, ressaltamos, no presente estudo, que outras variáveis, e não apenas a fronteira de PWd, atuam para o bloqueio dessa regra, como se pode observar pela impossibilidade de realização de *Regina* e *inesquecível* como **R[i]gina* e **inesqu[i]cível*, por exemplo – pelo menos na variedade paulistana do português. Dessa forma, consideramos que o bloqueio do fenômeno não necessariamente implica que se tratam de duas PWds independentes, enquanto a ocorrência do fenômeno necessariamente implica que estamos diante de uma PWd única.

Outro diagnóstico de PWds apontado pela autora refere-se ao fato de que, uma vez que a ditongação é bloqueada quando a vogal alta candidata à semivocalização é portadora de acento primário, o bloqueio desse fenômeno sugere a preservação do acento primário em um radical e, portanto, que ele mantém seu estatuto de PWd. Dessa forma, segundo a autora, a palavra *biologia* poder ser realizada como *[bjo]logia* indica que essa palavra representa uma única PWd, enquanto a palavra *biomédico* não poder ser realizada como **[bjo]médico* indica que o radical *bio* mantém seu acento primário e representa PWd distinta da PWd *médico*. No presente estudo, porém, observamos que a impossibilidade de a palavra *biomédico* poder ser realizada como **[biɔ]médico* ou **[biw]médico* contraria a afirmação de que *bio* constitua PWd independente: se *bio* constituísse PWd independente, seria sensível aos processos fonológicos próprios de PWd independente, como a elevação da vogal postônica (e.g., *tio-avô* → *[tʃiɔ]-avô*) e a ditongação dessa mesma vogal (e.g.,

12. A regra de harmonia vocálica se define pela assimilação da altura vocálica pela vogal pré-tônica quando diante de uma vogal tônica alta. Por exemplo, em *menino*, a vogal tônica /i/ é uma vogal alta, o que pode fazer com que a vogal pré-tônica /e/ seja também seja realizada como vogal alta: *m[i]nino*.

tio-avô → [tʃiw]-avô).

A autora também aponta, como evidência de fronteira de PWd, a possibilidade de elisão da primeira vogal (diferente de /e/) de um choque vocálico entre PWds diferentes, onde, conforme Bisol (2000), nenhuma das vogais é portadora de acento (e.g., *extra-eleições* → ex[tre]leições). O fato de esse fenômeno ser bloqueado no interior de PWd (e.g., *esmaecida* → *es[me]cida) sugere que, quando o fenômeno ocorre, estamos necessariamente diante de duas PWds independentes.

Outro tópico abordado por Toneli para diagnóstico de PWd em PB e levado em conta na comparação com o PE é a prosodização de siglas. Ao analisar siglas com três letras, i.e., PWGs com três PWds – as quais têm acento de PWG sempre na PWd mais à direita –, Vigário (2003) aponta que, no PE, poderá haver elisão entre a primeira e a segunda PWd (a qual não é portadora de acento de PWG) (e.g., *JSD* → jot' esse dê), mas não entre a segunda e a terceira PWd (a qual porta acento de PWG) (e.g., *TJF* → *tê jot' efe), o que indica que, assim como o acento de PPh (em qualquer posição), o acento de PWG também bloqueia elisão (em posição interna de PWG) nessa variedade da língua portuguesa. A autora ainda destaca que a proeminência de PPh não tem influência sobre esse bloqueio no interior de PWG, uma vez que o bloqueio se mantém quando o acento de PPh é deslocado para fora do PWG (e.g., *TSF regional* → *tê ess' efe regional). Tais dados, contudo, são preliminares e não contemplam a abrangência da análise feita por Vigário (2003) para o PE. Dessa forma, é um dos objetivos do presente estudo observar se, e de que forma, o mesmo comportamento fonológico se assemelha ou se difere daquele observado no PE.

Um fenômeno de natureza morfológica apontado por Toneli (2014) como diagnóstico de PWd é o apagamento sob identidade em estruturas coordenadas, como em sequências de advérbios formados pelo sufixo *-mente* (e.g., *cuidadosamente e vagarosamente* → *cuidadosa e vagarosamente*). O fenômeno, conforme afirma Moreno (1997), também permite a inserção de um vocábulo entre os advérbios (e.g., *ele caminhava lenta, muito lentamente*). Outro contexto possível para a ocorrência desse fenômeno é aquele que envolve palavras com mais de um radical morfológico (e.g., *macroeconomia e microeconomia* → *macro e microeconomia*). A ocorrência desse fenômeno atesta a existência de uma PWd, uma vez que, segundo Moreno, esse estatuto prosódico é condição para que o elemento seja apagado. Em casos onde o composto já foi lexicalizado como uma única PWd, portanto, o fenômeno é bloqueado (e.g., *monografia e biografia* → *mono e biografia; Vigário, 2003). Porém, Moreno aponta que, ainda que seja satisfeita essa condição – o estatuto prosódico de PWd –, nem sempre a possibilidade de ocorrência do fenômeno é garantida: não é possível, por exemplo, o apagamento de PWd em sequências de adjetivos formados pelos sufixos *-zinho(a)* (e.g., *canetazinhas e reguazinhas* → *canetas e reguazinhas).

Em relação ao PWG, Toneli (2014) sugere que o bloqueio da haplologia entre palavras que,

por hipótese, compõem um PWG ramificado (e.g., *antétítulo* → **antítulo*) e a permissão para esse fenômeno nas fronteiras acima de PPh (e.g., *A autoridade ditou regras à polícia* → *A autoridade ditou regras à polícia*) sejam evidência da existência de PWG. Ademais, a autora sugere que a atribuição de acento de foco seja a principal evidência de que as PWds de uma palavra composta sejam dominadas por um PWG, e não por um PPh. A autora afirma que as possibilidades de atribuição de acento de foco são mais abrangentes em PWG e mais restritas em PPh. Em PWGs, é possível a marcação de foco tanto na PWd em contraste semântico (e.g., *Os policiais encontraram gaLEgo-portugueses* [não afro-portugueses]; *Os átomos ganham eletronegatiVIDAde nas ligações químicas* [não eletropositivada]) como na PWd que não representa o contraste semântico (e.g., *Os policiais encontraram galego-portuGUEses* [não afro-portugueses]; *Os átomos ganham eLEtronegatividade nas ligações químicas* [não eletropositivada]). Em PPhs, por outro lado, é possível a marcação de foco apenas na PWd em contraste (e.g., *Os palhaços distribuía pirulitos amaRElos* [não azuis]); *Os palhaços distribuía refrigeRANtes amarelos* [não pirulitos]), mas não na PWd sem contraste (e.g., **Os palhaços distribuía piruLitos amarelos* [não azuis]); **Os palhaços distribuía refrigerantes amaRElos* [não pirulitos]). Toneli interpreta que marcação de foco na PWd sem contraste semântico só é possível em compostos porque as PWds estão ligadas a PWG e não diretamente a PPh. Dessa forma, há a ideia de conjunto e, portanto, a marcação de foco pode se dar em qualquer parte desse conjunto. Cabe acrescentar que, além das possibilidades apresentadas acima, onde a marcação de foco se dá na sílaba tônica das PWds, Toneli demonstra que é possível a marcação de foco também nas sílabas iniciais das PWds em alguns casos (e.g., *galego-PORtugueses*, *ARquiteticamente*, *eletoNEgatividade*).

3.3.6. Guzzo (2015): O Grupo Composto e a Palavra Recursiva

Considerando que o mecanismo de recursão foi introduzido na hierarquia prosódica essencialmente para demonstrar a dispensabilidade do C, Guzzo (2015) procura conciliar duas visões aparentemente opostas: (1) a de que há domínio prosódico entre PWd e PPh e (2) de que domínios prosódicos podem ser recursivos.

Nesse trabalho se defende que há, sim, um constituinte localizado entre PWd e PPh, mas que esse domínio não é o PWG nem o C, mas o grupo composto (CG), constituinte prosódico que se insere em um quadro teórico que permite estruturas não exaustivas (Vogel, 2008, 2009, 2010), mas que tradicionalmente não assumiria recursividade. A autora se opõe à proposição do PWG pois argumenta que o PWG se assemelha à noção de PWd recursiva em trabalhos como Schwindt (2013a), Peperkamp (1997a), entre outros, ao passo que defende que certos clíticos e compostos são prosodizados em um domínio completamente independente. A autora se opõe à proposição do C

devido à variabilidade no mapeamento prosódico entre diferentes tipos de sequências [clítico + hospedeiro] e entre diferentes tipos de composto, conforme descrito nos parágrafos seguintes. Para a autora, caso tivessem o mesmo mapeamento prosódico, todos os tipos de clítico e todos os tipos de composto deveriam apresentar o mesmo comportamento fonológico. A autora também se opõe à proposição de que compostos do tipo palavra-palavra sejam prosodizados na PPh, pois afirma que compostos desse tipo e sintagmas formados exatamente pelas mesmas palavras (como *cachorro-quente* vs. *cachorro quente*) são submetidos a processos fonológicos distintos¹³, e que, na estrutura sintática, compostos são nós sintáticos, não sintagmas¹⁴. Cada uma dessas questões será tratada mais detalhadamente nos parágrafos seguintes.

Quanto à recursividade, a autora rejeita a ideia de que a recursão simplifica a hierarquia: na tentativa de se aliviar a sobrecarga do número de domínios, surge a sobrecarga na formalização de regras. Mas, embora a autora assuma que esse não seja um mecanismo de *formação* de domínios prosódicos, é proposto que ele seja considerado um mecanismo de *adjunção* prosódica que atua de modo a manter a binariedade estrutural. Nesse sentido, a recursividade atua na formação de compostos complexos. No alemão, por exemplo, a palavra *Hauptbahnhof* ("estação ferroviária central") é um composto formado pelos elementos *haupt* ("principal") e *Bahnhof* ("estação ferroviária"), ao mesmo tempo que a própria palavra *Bahnhof* também é um composto, o qual é formado pelas palavras *Bahn* ("trem") e *Hof* ("pátio"). Sendo *haupt*, *Bahn* e *Hof* três PWds distintas, a autora sugere que *haupt* se adjunja por recursão ao composto *Bahnhof*: $[[\text{haupt}]_{\text{PWd}}[[\text{Bahn}]_{\text{PWd}}[\text{Hof}]_{\text{PWd}}]_{\text{CG}}]_{\text{CG}}$ (Guzzo, 2015, págs. 97-98). Essa proposta dá conta, também, de explicar sequências de clíticos como em *o de que falávamos*, onde os clíticos vão se ligando, da direita para a esquerda, à estrutura formada pelo(s) item(ns) à direita: *(o (de (que (falávamos))))*. Essa representação recursiva parece mais adequada que uma representação linear (onde todos os clíticos se adjungem ao mesmo hospedeiro ou onde cada clítico se adjunge ao seu próximo elemento, seja ele PWd ou outro clítico), pois a representação recursiva, diferentemente da representação linear, (i) torna claro qual é o hospedeiro dos clíticos que são seguidos por outro clítico, (ii) não supõe elementos entre o clítico e o hospedeiro, o que violaria localidade, e (iii) respeita a suposição de que clíticos se adjungem a itens prosodicamente proeminentes. O trabalho defende, porém, que também a estruturas recursivas deve ser aplicado o princípio de que um mapeamento prosódico idêntico requer uma sensibilidade idêntica a processos fonológicos. Dessa

13. A autora não apresenta exemplos desses processos.

14. No presente estudo, porém, consideramos que a a estrutura prosódica não tem obrigação de coincidir com a estrutura morfossintática. Conforme Nespor & Vogel (2007, página 2), "the prosodic constituents built on the basis of information contained in the morphological and syntactic components are not necessarily in a one-to-one relation with any of the constituents of the morphology or syntax" (em tradução livre: "os constituintes prosódicos construídos na base da informação contida nos componentes morfológico e sintático não estão necessariamente em uma relação um-para-um com qualquer um dos constituintes da morfologia ou sintaxe").

forma, diferentes tipos de estruturas com clíticos, sendo mapeadas da mesma forma, devem estar sujeitas aos mesmos processos; e, analogamente, diferentes compostos, sendo mapeados da mesma forma, devem estar sujeitos aos mesmos processos. Também segundo a autora, níveis recursivos podem ser domínio de aplicação de processos suprasegmentais, mas não de processos segmentais diferentes daqueles já observados no nível mais baixo do domínio.

Quanto à necessidade de um domínio independente entre a PWd e o PPh, a autora aponta que, em algumas línguas, nas quais o PB não se inclui, certas sequências [clítico + hospedeiro] e compostos exibem processos fonológicos que não correspondem àqueles verificados na PWd e na PPh. No italiano padrão, por exemplo, clíticos pronominais se submetem a um processo de abaixamento em que /i/ se torna [e] se seguido por outro clítico pronominal (e.g., *ti la racconto* → *te la racconto*; "eu te conto isso"), enquanto entre dois prefixos o fenômeno não ocorre (e.g., *ri-co-produrre* → **re-co-produrre*; "re-co-produzir"). No japonês, a regra de vozeamento, denominada *rendaku*, é aplicada apenas a compostos, determinando que, caso não haja obstruintes vozeadas no segundo elemento do composto, a obstruinte inicial dessa parte da estrutura será vozeada (e.g., *ju + toofu* → *judoofu*; "tofu fervido"); a regra não é aplicada em interior de palavra nem em contextos frasais.

Quanto à prosodização de clíticos e prefixos átonos, a autora sustenta que, no PB, prefixos adjungidos são prosodizados no domínio da PWd recursiva, prefixos integrados são prosodizados junto à raiz como PWds simples, clíticos pronominais são prosodizados no CG, e os demais clíticos são prosodizados na PPh. Tais afirmações têm base na comparação entre os fenômenos próprios de cada um desses tipos de clítico. Em uma comparação, aponta-se que prefixos integrados ou adjungidos se distinguem de clíticos, pois:

- não costumam apresentar elevação vocálica (e.g., *refazer* → **r[ɪ]fazer*; *de fazer* → *d[ɪ]fazer*), exceto os prefixos *-des* e *-en*;
- não apresentam processos de SVE em conjunção com o hospedeiro (e.g., *co-orientar* → **[ko]rientar*; *da amiga* → *[da]miga*).

Em outra comparação, aponta-se que clíticos não pronominais se distinguem dos clíticos pronominais, pois:

- apresentam fusão clítica (e.g.: *para + o* = *pro*; *lhe + o* = **lho*);
- não exigem uma classe morfológica específica como hospedeiro (e.g. *de ouro*, *de falar*, *de ontem*, *lhe vender*, respectivamente, [clítico + substantivo], [clítico + verbo], [clítico +

advérbio]; [clítico pronominal + verbo]);

- apresentam maior frequência de elevação vocálica (e.g., *s[ɪ] fazer frio* > *s[ɪ] chamar Gil*);
- e permitem a formação de sequências com outros clíticos em PWds recursivas (e.g., *o de que falávamos*).

Guzzo (2015) entende, portanto, que: (i) a elevação vocálica, o SVE e a haplologia seriam processos que ocorrem a partir do CG, e que (ii) clíticos pronominais formam estruturas composicionais, que são mais dependentes, enquanto os demais clíticos funcionam como elementos sintáticos, que são mais independentes. A autora observa, ainda, que análises que assumem que a prosodização de clíticos no PB ocorre no nível da PWd recursiva não são capazes de explicar as diferenças prosódicas entre prefixos e clíticos, enquanto as análises que assumem que a prosodização dos clíticos em PB ocorre no nível do PPh não são capazes de explicar as diferenças prosódicas entre clíticos pronominais e não pronominais.

Quanto à prosodização de compostos – definidos nesse trabalho como "uma combinação entre itens, dos quais pelo menos um deve ser uma raiz lexical, que resulta na formação de uma unidade lexical independente, (...) [ocupando] um único nó sintático terminal" –, a autora divide os compostos do PB em quatro categorias: (i) compostos formados por dois elementos neoclássicos (e.g., *psicologia*); (ii) compostos formados por um elemento neoclássico e uma palavra (e.g., *psicolinguística*); (iii) compostos formados por um afixo proeminente e uma palavra (e.g., *suavemente*); e (iv) compostos formados por duas palavras (também chamados compostos regulares ou compostos palavra-palavra) (e.g., *calça-bermuda*). A autora sustenta que aqueles formados por dois elementos neoclássicos (e.g., *psicologia*, *neurologia*) são prosodizados como PWds simples, uma vez que a regra de elevação da átona final é categoricamente bloqueada no primeiro elemento (e.g., **psic[ɐ]logia*). Compostos formados por um elemento neoclássico e uma palavra (e.g., *psicolinguística*, *neurolinguista*) são prosodizados como PWds recursivas, onde se sugere que o elemento neoclássico seja prosodizado como um pé métrico por ser um elemento que apresenta pouca incidência de elevação da átona final e por apresentar pouca independência com relação à atribuição do acento, o qual é atribuído segundo o algoritmo de acento secundário do PB (Collischonn, 1993). Compostos formados por afixo proeminente e palavra (e.g., *pré-escola*, *suavemente*) são prosodizados também como PWds recursivas, sendo que o afixo é prosodizado como PWd por ser um elemento que pode participar de composições também acima do nível da PWd (e.g., *vice-primeiro-ministro*) e por apresentar elevação vocálica categórica na pós-tônica. Já compostos de estrutura palavra-palavra (e.g., *calça-bermuda*) são prosodizados no CG, uma vez que não permitem elipse em coordenação (e.g., “peixe-espada” e “peixe-boi” > **peixes-espada e boi*)

nem a intercalação de elementos entre suas partes (e.g., **cachorro-muito-quente*). No caso de compostos desse tipo formados por três elementos, a autora afirma que essas estruturas são prosodizadas como CGs recursivos (e.g., [porta_{PWd}[[guarda]_{PWd}[chuva]_{PWd}]_{CG}]_{CG}).

Compostos do tipo palavra-palavra, que constituem um dos objetos de trabalho do presente estudo, apresentam, segundo a autora, elevação de vogais finais (e.g., *surdo-mudo* → *surd[ɔ]-mud[ɔ]*), SVE (e.g., *peixe-espada* → *peix[i]spada*; *porta-espada* → *port[i]spada*; *porta-espada* → *port[aj]spada*) e retração do acento (e.g., *sofá-cama* → [*'sofa*]-cama). O fenômeno de retração do acento é também observado em PPhs (e.g., *café-quente* → [*'kafɛ*] quente) e em compostos do tipo palavra-sufixo (e.g., *cafezinho* → [*'kafɛ*]zinho) e, em ambos os casos, tal fenômeno não tem ocorrência categórica no PB e se mantém a qualidade da vogal previamente acentuada.

3.4. Inserção teórica do presente trabalho

No âmbito da Fonologia Prosódica conforme proposta por Nespor & Vogel (1986) e da Fonologia Entoacional conforme proposta por Ladd (1996), no presente estudo consideramos os diversos problemas e propostas de soluções levantados por diversos autores (Inkelas, 1990; Peperkamp, 1997; Bisol, 2005; Simioni, 2008; Nespor & Vogel, 2007; entre outros) em relação ao domínio prosódico situado entre a PWd e o PPh. Consideramos também estudos (Vigário, 2003, 2007, 2010; Vigário & Fernandes-Svartman, 2010; Fernandes 2007a, b; Toneli, 2014; entre outros) que dão evidências de que esse domínio se enquadre especificamente na hipótese do PWG. A partir disso, em um experimento estendemos os estudos de focalização de Toneli (2014) a outros tipos de PWG, em outros dois experimentos estendemos ao PB os estudos de SVE em siglas e em compostos de Vigário (2003). Ademais, realizamos outros dois experimentos com o intuito de compreendermos a ocorrência de SVE em PWG: um deles sugerido por Vigário em comunicação pessoal, outro em continuidade ao trabalho de Coelho (2013).

3.5. Síntese do capítulo

Com base na observação de que a estrutura relevante para explicar certos fenômenos fonológicos em muitas línguas do mundo é de natureza fonológica e suprasegmental, foi proposto o modelo teórico que ficou conhecido como Fonologia Prosódica, o qual investiga a organização da cadeia sonora em grupos prosódicos nas línguas, e considera que essa organização é construída a partir da interface entre as informações sintática e fonológica. A estrutura que a Fonologia Prosódica descreve é um conjunto de constituintes, cuja organização é hierárquica, fixa e universal, onde cada constituinte é domínio para a aplicação de um conjunto diferente de processos fonológicos, os quais foram exemplificados neste capítulo.

Considerando a hierarquia prosódica, esta dissertação trata especificamente do domínio intermediário entre a PWd e a PPh, tradicionalmente referido como Grupo Clítico (C). Porém, esse nível da hierarquia tem sido alvo de extensa controvérsia entre os pesquisadores. Neste capítulo, vimos como diversos autores consideram problemática a visão de que os clíticos sejam prosodizados em um constituinte específico (C), uma vez que isso entra em conflito com os princípios de boa formação propostos na Fonologia Prosódica. Levando isso em consideração, Nespor & Vogel (2007) flexibilizam o princípio de exaustividade, permitindo saltos de constituintes prosódicos.

Em seguida passamos à análise de trabalhos prévios sobre a prosodização de elementos nesse nível da hierarquia prosódica. Na teoria proposta por Selkirk (1984), a hierarquia prosódica não contém nível prosódico entre PPh e PWd onde clíticos sejam prosodizados. Selkirk (1996) propõe que, de forma universal nas línguas, haja quatro tipos de clítico: (16i) o clítico livre, que se prosodiza diretamente na PPh; (16ii) o clítico afixal, que funciona como um afixo adjungido, formando uma PWd recursiva; (16iii) o clítico interno, que funciona como uma sílaba interna de sua PWd hospedeira; e (16iv) o clítico que se comporta como PWd. Simioni (2008) afirma o primeiro tipo é o que encontramos no PB, e explica, um a um, por que não seria nenhum dos outros três.

Bisol (2005) defende que, em PB, o clítico é prosodizado no pós-léxico junto à PWd, formando um constituinte prosódico, que seria o C ou a PWd pós-lexical. A autora aponta, como evidência para a existência desse constituinte prosódico, a diferença de comportamento entre esse constituinte e o PPh quanto à elisão da vogal *e* em português brasileiro. Outro argumento da autora é que, na comunidade de fala de Porto Alegre, C é o único contexto onde não há alçamento de vogal na preposição *de*, como, por exemplo, nos Cs "cor d[e] rosa" e "d[e] carro", em vez de "cor [dʒɪ] rosa" e "[dʒɪ] carro", respectivamente. Para sustentar a afirmação de que clíticos são prosodizados no pós-lexico, Bisol (2005) afirma que clíticos não são sensíveis a regras lexicais, mas apenas a regras pós-lexicais. A autora cita regras pós-lexicais às quais sequências de clítico e hospedeiro são sensíveis no PB e, em cada caso, explica o porquê de a regra ser considerada pós-lexical, por exemplo a neutralização das átonas, considerada pós-lexical por ser uma regra dialetalmente variável.

Ao mesmo tempo em que Vigário (2007, 2010) mantém que exista um nível intermediário na hierarquia prosódica entre PPh e PWd, rejeita a ideia de que a prosodização dos clíticos seja uma característica central e intrínseca desse domínio, uma vez que clíticos podem ter a PWd, a PPh ou a I como hospedeiros, sendo a PWd o hospedeiro mais frequente em PE. Vigário (2007) propõe, portanto, uma reformulação na definição desse nível: uma vez que, para a autora, esse nível agrupa palavras prosódicas e não necessariamente clíticos, é proposto que esse nível intermediário entre

PPh e PWd, tradicionalmente chamado de Grupo Clítico, seja renomeado como Grupo de Palavras Prosódicas (PWG, do inglês, *Prosodic Word Group*). O PWG contempla, dessa forma, palavras compostas, nomes próprios, siglas, acrônimos, palavras lexicais formadas por afixos que constituem PWds independentes (como *-zinho* e *-prê*), entre outros. Vigário & Fernandes-Svartman (2010) mencionam, como exemplo, que há línguas com elevada incidência de PA por I, mas que, dentro desse I, é permitido apenas um PA por composto – como o inglês, o holandês e o sueco. As autoras assumem que esse comportamento fonológico só pode ser descrito por uma análise que considere que as PWds de um composto sejam dominadas por um domínio prosódico distinto da PWd e da PPh, o PWG. Nesse mesmo estudo, as autoras observam que siglas com três ou quatro PWds têm sempre dois PAs e veem nesse fenômeno um indício de que siglas desse tamanho não formam um único PWG, mas agrupam suas PWds internas em dois PWGs menores – resultado que parece consistir em evidência para a relevância do PWG em PB. As autoras deduzem, a partir disso, que o constituinte PWG esteja sujeito a restrições de minimalidade, sendo maximamente binário.

Em uma investigação preliminar sobre a ocorrência em PB do fenômeno de SVE no interior de PWG e de PPh, Coelho (2013) observa que parece não haver contraste sistemático entre esses dois constituintes quanto à ocorrência desse fenômeno. Os experimentos de Coelho (2013) são retomados no presente trabalho.

Toneli (2014), em um estudo centrado na PWd no PB, oferece importantes contribuições para o diagnóstico desse nível prosódico e, por extensão, também para seu nível prosódico hierarquicamente superior – o qual a autora assume ser o PWG –, além de tecer importantes considerações que sustentam especificamente a existência e relevância do PWG no PB. Em relação ao PWG, Toneli (2014) sugere que o bloqueio da haplologia entre palavras que, por hipótese, compõem um PWG ramificado (e.g., *antetítulo* → **antítulo*) e a permissão para esse fenômeno nas fronteiras acima de PPh (e.g., *A autoridade ditou regras à polícia* → *A autorida' ditou regras à polícia*) sejam evidência da existência de PWG. Ademais, a autora sugere que a atribuição de acento de foco seja a principal evidência de que as PWds de uma palavra composta sejam dominadas por um PWG, e não por um PPh. A autora afirma que as possibilidades de atribuição de acento de foco são mais abrangentes em PWG e mais restritas em PPh.

Ao analisar siglas com três letras, Vigário (2003) aponta que, no PE, poderá haver elisão entre a primeira e a segunda PWd, mas não entre a segunda e a terceira PWd, o que indica que, assim como o acento de PPh (em qualquer posição), o acento de PWG também bloqueia elisão (em posição interna de PWG) nessa variedade da língua portuguesa. A autora ainda destaca que a proeminência de PPh não tem influência sobre esse bloqueio no interior de PWG, uma vez que o bloqueio se mantém quando o acento de PPh é deslocado para fora do PWG (e.g., *TSF regional* →

**tê ess' efe regional).*

Considerando que o mecanismo de recursão foi introduzido na hierarquia prosódica essencialmente para demonstrar a dispensabilidade do C, Guzzo (2015) procura conciliar duas visões aparentemente opostas: (1) a de que há domínio prosódico entre PWd e PPh e (2) de que domínios prosódicos podem ser recursivos. Nesse trabalho se defende que há um constituinte localizado entre PWd e PPh, denominado grupo composto (CG), constituinte prosódico que se insere em um quadro teórico que permite estruturas não exaustivas (Vogel, 2008, 2009, 2010), mas que tradicionalmente não assumiria recursividade. Embora a autora assuma que esse não seja um mecanismo de *formação* de domínios prosódicos, é proposto que ele seja considerado um mecanismo de *adjunção* prosódica que atua de modo a manter a binariedade estrutural. Nesse sentido, a recursividade atua na formação de compostos complexos. Essa proposta dá conta, inclusive, de explicar sequências de clíticos como em *o de que falávamos*, onde os clíticos vão se ligando, da direita para a esquerda, à estrutura formada pelo(s) item(ns) à direita: (*o (de (que (falávamos))))*).

Quanto à prosodização de compostos, Guzzo (2015) divide os compostos do PB em quatro categorias: (i) compostos formados por dois elementos neoclássicos (e.g., *psicologia*); (ii) compostos formados por um elemento neoclássico e uma palavra (e.g., *psicolinguística*); (iii) compostos formados por um afixo proeminente e uma palavra (e.g., *suavemente*); e (iv) compostos formados por duas palavras (também chamados compostos regulares ou compostos palavra-palavra) (e.g., *calça-bermuda*). Para cada uma dessas categorias, a autora apresenta um padrão diferente de prosodização, os quais foram apresentados em detalhes neste capítulo.

4. Materiais e métodos

O material e os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa, no que se refere à elaboração do *corpus*, sua gravação e posterior análise, são semelhantes aos empregados em Coelho (2013). Nesta seção, são descritos tais materiais e métodos, reelaborados de forma a darem conta de um volume maior e mais diversificado de dados.

4.1. Material

A elaboração do *corpus* utilizado neste estudo seguiu a mesma metodologia utilizada em Coelho (2013): levando em conta a literatura sobre o tema, foram levantadas quais seriam as variáveis potencialmente relevantes em PB para a ocorrência dos fenômenos segmentais e suprasegmentais que tivessem o PWG como domínio. Vigário & Fernandes-Svartman, por exemplo, trazem evidências da relevância de PWG na associação de eventos tonais em PB. Toneli (2014) atesta a relevância da atribuição de acento de foco para a proposição de PWG em PB. Ademais, para o estudo do fenômeno de SVE como evidência segmental para a proposição de PWG em PB, Coelho (2013) aponta a relevância das seguintes variáveis: (i) os diferentes contextos para ocorrência dos diferentes tipos de SVE; (ii) os domínios prosódicos nos quais poderá ocorrer SVE; (iii) a posição do acento principal de PPh e de PWG em relação ao contexto de SVE; e (iv) a presença ou ausência de acento de PWd nas vogais envolvidas no fenômeno. O levantamento de tais variáveis é importante para a elaboração de experimentos, visando à investigação de como cada variável pode influenciar na ocorrência dos fenômenos estudados que teriam PWG como domínio. Assim, foram elaborados experimentos levando em conta os resultados de Vigário & Fernandes-Svartman (2010), Coelho (2013) e Toneli (2014) sobre a relevância de PWG em PB.

O experimento relativo ao estudo de atribuição de acento de foco e associação de acento tonal em PWG, cujos resultados são apresentados na seção 5.1 do presente trabalho (capítulo 5), foi baseado nos resultados de Toneli (2014), segundo os quais, em PPh, o acento de foco recai sempre na PWd núcleo da focalização, o que não necessariamente ocorre em PWG. No experimento que realizamos para o presente trabalho, foram elaboradas sentenças com três tipos de elementos morfossintáticos que têm, por hipótese, o PWG como domínio – palavras compostas (e.g., *mini-drones*), nomes próprios (e.g., *Lara Veiga*) e siglas (e.g., *LH*) – e, também, sentenças com PPhs ramificados, i. e., compostos por 2 PWds (e.g., *velho monge*), para a comparação com as sentenças do primeiro tipo explicitado. Os quatro tipos de elementos morfossintáticos supracitados foram inseridos nas sentenças tanto em posição de sujeito como em posição de predicado. Além disso, foram criadas sentenças contextualizadoras, antecedendo as sentenças estudadas, para a produção

de foco em cada uma das PWds componentes desses PWGs ramificados. Por exemplo, na sentença *O mini-drone examinava as mega-lojas* há dois compostos (*mini-drone* e *mega-lojas*) com duas PWds cada (*mini* e *drone* na primeira PWd e *mega* e *lojas* na segunda PWd). Para cada uma dessas quatro PWds, foi elaborada uma sentença antecedente contextualizadora, condicionando a produção de foco em uma das duas PWds que compunha cada um dos compostos. Segue um exemplo de sentença contextualizadora para a produção de focalização na primeira PWd da palavra composta *mini-drone* apresentado às falantes, onde o elemento focalizado aparece sublinhado:

- (17) [Sentença contextualizadora: O mega-drone examinava as mega-lojas?]
Resposta: Não. O mini-drone examinava as mega-lojas.

Para os quatro experimentos que investigam o papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE, cujos resultados são apresentados na seção 5.2 do presente trabalho (capítulo 5), as variáveis investigadas foram essencialmente o mapeamento prosódico do elemento morfossintático ramificado estudado (PWG ou PPh) e o tipo de SVE (elisão, degeminação, ditongação crescente ou ditongação decrescente). Cada experimento, porém, seguiu o modelo de experimentos realizados em estudos de outros autores, conforme descrito a seguir.

O primeiro desses experimentos, no qual comparamos os casos em que PWGs coincidem com PPhs com casos em que PWGs não coincidem com PPhs, cujos resultados são apresentados na seção 5.2.1 deste trabalho (capítulo 5), é baseado em um experimento de Vigário (2003), realizado a partir de um *corpus* de PE. No nosso experimento, elaboramos sentenças que contemplassem dois tipos de SVE (elisão e ditongação), duas configurações acentuais (acento principal de PWG coincidente com acento principal de PPh – como em *O TJF foi extinto* – e não coincidente com acento principal de PPh – como em *O TJF regional foi extinto*¹⁵) e duas posições no interior de PWG com contexto para SVE (entre as duas primeiras e entre as duas últimas letras da sigla – como em, respectivamente, *JSD* e *TJF*).

Por sua vez, quanto ao segundo desses experimentos, onde comparamos o bloqueio de SVE por acento principal de PWG em *interior* de PWG com o bloqueio de SVE por acento principal de PWG em *fronteira* de PWG, considerando casos em que a fronteira de PWG coincide com a fronteira de PPh, seus resultados são apresentados na seção 5.2.2.1 do presente trabalho (capítulo 5). No nosso experimento, elaboramos sentenças que contemplassem quatro tipos de SVE (elisão, degeminação, ditongação crescente e ditongação decrescente) e dois tipos de PWG (ramificados

15. Aqui, o acento principal de PWG é marcado por marca-texto cinza e o acento principal de PPh é marcado por negrito.

versus não ramificados, como em, respectivamente, *Ele tem porta-óculos castanhos* e *Ele transporta óculos castanhos*).¹⁶

Já o terceiro desses experimentos, onde comparamos o bloqueio de SVE por acento principal de PWG em *interior* de PWG com o bloqueio de SVE por acento principal de PWG em *fronteira* de PWG, mas onde a fronteira de PWG não coincide com a fronteira de PPh, cujos resultados são apresentados na seção 5.2.2.2 do presente trabalho (capítulo 5), é baseado em um experimento de Vigário (2003), que utiliza um *corpus* de PE. No nosso experimento, elaboramos sentenças que contemplassem os quatro tipos de SVE (elisão, degeminação, ditongação crescente e ditongação decrescente) e dois tipos de PWGs (PWGs ramificados *versus* PWGs não ramificados, como em, respectivamente *O mega-óbvio problema não chegou a ser solucionado* e *A quinta ordem promulgada não chegou a ser obedecida*). A importância desse experimento se deve ao fato de que, segundo Abaurre (1996), o acento (em V2) relevante para o bloqueio de elisão e degeminação em PB é o acento principal de PPh, enquanto aqui testamos a hipótese de que o acento relevante seja o acento principal de PWG.

Finalmente, o quarto desses experimentos, onde comparamos PWGs e PPhs ramificados com o mesmo número de PWds, cujos resultados são apresentados na seção 5.2.3 do presente trabalho (capítulo 5), foi elaborado com base nos resultados de Coelho (2013). Buscando confirmar ou não as conclusões preliminares desse estudo, realizado a partir de um *corpus* de PB, foram investigadas especificamente as seguintes variáveis:

- Considerando os diferentes contextos para ocorrência dos diferentes tipos de SVE, foram investigados apenas aqueles que permitiam ditongação (tanto crescente como decrescente), uma vez que, com relação aos objetivos desse experimento, os outros tipos de SVE já foram investigados de forma satisfatória em Coelho (2013) – conferir capítulo 3 desta dissertação, seção 3.3.3.
- Com relação aos domínios prosódicos onde pode ocorrer SVE, foram investigados o PWG e o PPh, de forma a investigar eventuais contrastes na ocorrência de SVE entre esses dois domínios prosódicos.
- Quanto à presença de acento de PWd nas vogais envolvidas no SVE, foram investigados três contextos: sem acento em ambas as vogais (e.g., *planeta escuro*), com acento em ambas as vogais (e.g., *bambu áspero*), e com acento apenas na primeira vogal (e.g., *urubu alado*). Casos com acento apenas na segunda vogal já foram investigados de forma satisfatória em Coelho (2013) – conferir capítulo 3 desta dissertação, seção 3.3.3.

16. Esse experimento foi sugerido pela Professora Marina Vigário, da Universidade de Lisboa, em comunicação pessoal.

4.2. Métodos

Elaboradas todas as sentenças, foram feitas três randomizações, as quais foram dispostas em slides. Nessas randomizações, também foram inseridas sentenças distratoras. Cada slide – tanto aqueles com as sentenças a serem estudadas como aqueles com as sentenças distratoras – continha uma sentença antecedente contextualizadora, que induzia a produção de uma resposta neutra (como *O que aconteceu quando você misturou um urubu com uma arara?*) e que era lida para a informante em voz alta, e a sentença a ser estudada, a ser locucionada pela informante (como *Eu inventei o urubu-arara*). As sentenças distratoras e as contextualizadoras foram inseridas de forma a garantir maior naturalidade na locução das sentenças a serem analisadas. Esse procedimento foi necessário para garantir maior naturalidade às locuções, uma vez que as sentenças de um *corpus* para esta natureza de estudo têm, em geral, estrutura bastante semelhante para que sejam fixadas eventuais variáveis que possam interferir na ocorrência dos fenômenos estudados. A cada quarenta slides, havia um slide demarcando pausa para descanso da informante. As locuções foram gravadas digitalmente com um gravador Marantz, modelo PMD661, a uma frequência de 48000Hz, em canal monofônico, e com um microfone externo Sennheiser, modelo EW122-P G3. As gravações ocorreram em sala com isolamento acústico cedida pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

As três informantes deste estudo (AT, MF, VS) foram as mesmas em todos os experimentos e todas são do sexo feminino, de faixa etária entre 26 e 28 anos de idade e nascidas e crescidas na cidade de São Paulo (SP). Todas as informantes assinaram um formulário pessoal de consentimento, o qual é incluído como anexo nesta dissertação, dessa forma dando permissão para que seus dados pessoais e de voz fossem disponibilizados para propósitos científicos.

Os resultados apresentados neste trabalho foram obtidos através de transcrições realizadas por meio de análise perceptual e acústica da fala através do *software* Praat (Boersma & Weenink, 2015), além da extração de duração e de intensidade, utilizando-nos do mesmo *software*. A transcrição segmental das sentenças, que são alvo da investigação de ocorrência de SVE em PWG e PPh, foi feita de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Por sua vez, a análise suprasegmental, focando a transcrição tonal das sentenças e que é alvo da investigação de atribuição de acento de foco e de associação de acento tonal em PWG e PPh, foi feita com base nos pressupostos teóricos da Fonologia Entoacional (Pierrehumbert, 1980; Beckman & Pierrehumbert, 1986; Pierrehumbert & Beckman, 1988; Hayes e Lahiri, 1991; Ladd, 1996, 2008; Jun, 2005; entre outros), apresentados na seção 4.2.1 deste capítulo, e nos trabalhos sobre entoação do PB desenvolvidos no âmbito dessa mesma teoria (Cunha, 2000; Frota & Vigário, 2000; Tenani, 2002;

Fernandes, 2007a, b; Tenani & Fernandes-Svartman 2008; Serra, 2009; Truckenbrodt, Sandalo & Abaurre, 2009; Vigário & Fernandes-Svartman, 2010; Frota et al., 2015).

Com base nos resultados obtidos a partir da análise perceptual e acústica de cada sentença, foi feito, para cada um de nossos cinco experimentos, um levantamento quantitativo da ocorrência dos fenômenos fonológicos estudados para cada combinação de variáveis, isto é, foi observado com que frequência os fenômenos de SVE e não coincidências entre núcleo da focalização e atribuição de proeminência fonológica de foco ocorreram em cada contexto. Por exemplo, observamos qual foi a proporção da ocorrência de ditongo crescente no interior de PWGs ramificados em duas PWds tanto no contexto em que apenas a primeira vogal do choque vocálico sujeito à ditongação é acentuada (como em *Eu inventei o bambu-arroz*) como no contexto em que ambas são acentuadas (como em *Eu inventei o bambu-água*). O mesmo experimento é realizado, para fins de comparação, com PPhs ramificados com o mesmo número de PWds: observamos qual é a proporção da ocorrência de ditongo crescente tanto no contexto em que apenas a primeira vogal do choque vocálico sujeito a ditongação é acentuada (como em *Eu desenhei o bambu-aguado*) como no contexto em que ambas são acentuadas (como em *Eu desenhei o bambu-áspero*).

Isto é, para cada fenômeno fonológico, foram comparadas suas respectivas frequências de ocorrência e não ocorrência, levando em conta cada combinação de variáveis. Dessa forma, identificamos quais fatores determinam a ocorrência dos fenômenos estudados no domínio PWG. Ademais, também confrontamos o padrão de ocorrência desses fenômenos no PWG com o padrão de ocorrência dos mesmos fenômenos no PPh, de forma a determinar se tais padrões são similares ou distintos e, portanto, se esses fenômenos atestam ou não a relevância do PWG na fonologia do PB. Esse confronto foi feito com o auxílio da literatura prévia sobre a ocorrência desses fenômenos (SVE, atribuição de proeminência fonológica de foco e associação de acentos tonais) nos domínios PWd (Bisol, 1992, 1993, 1996a, b, 2000, 2003; Abaurre, 1996; Tenani, 2002; Battisti, 2004, 2005) e PPh (Abaurre, 1996; Frota & Vigário, 2000; Tenani, 2002; Fernandes, 2007a, b; entre outros).

Na Figura 1, exemplifica-se a metodologia de análise da ocorrência do SVE empreendida em nossa pesquisa. Analisando-se o espectrograma e a forma de onda da produção do PPh *o planeta escuro*, foi possível, para esse PPh, identificar: (i) cada palavra prosódica (PWd), clítico (Cl) e fone, bem como delimitar suas fronteiras; e (ii) a ausência – também percebida auditivamente – da vogal final da PWd *planeta* e da vogal inicial da PWd *escuro*, o que caracteriza elisão, fenômeno característico de PPh nesse tipo de contexto fonológico. Através da observação da figura, não se notam os formantes das vogais /a/ de *planeta* e /e/ de *escuro*, mas apenas a configuração acústica da plosiva /t/ de *planeta*, imediatamente anterior à fricativa /s/ de *escuro*.

Figura 1 – Segmentação (em fones, palavras prosódicas e clíticos) da sentença *Eu desenhiei o planeta 'scuro* (elisões marcadas por apóstrofe), produzida pela falante VS.

Na Figura 2, exemplifica-se a metodologia de análise suprasegmental realizada no desenvolvimento desta pesquisa. Após a pergunta *A FM dominava a NL?*, a informante produziu a resposta *Não, a LM dominava a NL*, com expressão de foco na letra *L* da sigla *LM*, por constituir informação nova. Analisando-se a duração, a intensidade e a elevação na curva da frequência fundamental das vogais tônicas da sigla *LM*, observa-se que a vogal tônica da PWd "ele" tem duração de 0,159s e é produzida com intensidade de 45,6dB, ambos valores superiores à vogal tônica da PWd "eme", que tem duração de 0,084s e intensidade de 39,3dB. Ademais, há um acento tonal *L*+H* associado à PWd "ele" e um acento tonal *H+L** associado à PWd "eme". Nesse caso, portanto, a proeminência fonológica de foco coincidiu com o núcleo da focalização.

Figura 2 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras e sílabas, da sentença *Não, a LM dominava a NL*, produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWD "ele".

Na próxima subseção deste capítulo, apresentaremos os pressupostos teóricos da Fonologia Entoacional, teoria que serve, no presente estudo, como ferramenta de análise da associação de acentos tonais às PWDs componentes dos PWGs e PPhs produzidos em contexto de focalização (experimento sobre atribuição de proeminência fonológica de foco descrito na subseção 4.1 deste capítulo).

4.2.1. Fonologia Entoacional

A partir da observação de que a entoação tem função lexical em línguas tonais como o mandarim e o tailandês, Ladd (1996, 2008), partindo dos diversos estudos sobre entoação já realizados anteriormente, discute se a entoação possui alguma estrutura fonológica também em línguas não tonais como o inglês e o francês e, se sim, qual é o funcionamento dessa estrutura.

A dificuldade dessa investigação reside no fato de que, diferentemente de vogais e consoantes, a fonética da entoação parece menos concreta, se constituindo apenas de uma escala de subidas e descidas. A própria definição de *stress* (acento) vem da comparação de uma sílaba portadora de acento com uma sílaba não portadora de acento. Dessa forma, Ladd propõe que, para entendermos entoação, é necessário irmos além da base paradigmática da Fonologia – definida pela escolha de um elemento em vez de outro dentro de um rol de possibilidades – e considerarmos contrastes sintagmáticos – os quais dependem de relações estruturais entre um elemento e outro

dentro de um mesmo enunciado. Ladd aponta essas duas dicotomias (linguístico *versus* paralinguístico e paradigmático *versus* sintagmático) como centrais para o desenvolvimento e entendimento de seu estudo sobre entoação.

O autor define a entoação como "o uso de características fonéticas *suprasegmentais* para conferir significados pragmáticos *pós-lexicais* de uma forma *linguisticamente estruturada*". Nessa definição, o termo *suprasegmental* comporta as características de intensidade, duração e frequência fundamental (F_0) (Ladd assume que a distinção entre F_0 e *pitch* (altura) seja simplesmente que o primeiro seja uma propriedade física, e que o segundo seja seu correlato psicofísico). O termo *pós-lexical* faz referência a significados que se aplicam a expressões e enunciados como um todo, excluindo contrastes lexicais como aqueles marcados por diferentes tons em mandarim (e.g., *huā* = flor; *huà* = fala) e por diferentes padrões acentuais em inglês (e.g., *pérmit* = autorização; *permít* = permitir). Ao considerar que a entoação é *linguisticamente estruturada*, o autor assume que a entoação possui características organizadas em entidades categoricamente distintas, excluindo características paralinguísticas como velocidade (*tempo*) e intensidade (*loudness*).

4.2.1.1. Conceitos fundamentais da Fonologia Entoacional

Em seu trabalho, Ladd (2008) defende e adota a teoria métrico-autossegmental para entoação (*Intonational Phonology AM*), apontando seus quatro princípios básicos: (i) a estrutura tonal sequencial; (ii) a distinção entre *pitch accent* ("acento tonal") e *stress* ("acento lexical"); (iii) a análise de acentos tonais em termos de níveis tonais; e (iv) as origens locais para tendências globais. Nos próximos parágrafos vamos descrever esses princípios com mais detalhes.

A (i) *estrutura tonal* consiste de uma cadeia de eventos tonais associados a certos pontos da cadeia segmental, sendo que não há especificação fonológica para o contorno de altura entre um evento e outro, de forma que essa parte do contorno seja descrita apenas em termos de transições de um evento para o outro. Observe-se o seguinte exemplo de pergunta-eco em inglês extraído de Ladd (2008, página 45):

(18) A: I hear Sue's taking a course to become a driving instructor.

B: Sue!?

Na análise britânica tradicional, esse contorno seria descrito como "subida-descida-subida". Contudo, quando produzida a mesma melodia em uma sequência longa, a cadeia melódica que

abrangeu o enunciado "Sue!?" inteiro não é simplesmente esticada ao longo de todas as sílabas adicionais, como se pode ver no seguinte exemplo, extraído de Ladd (2008, página 46):

(19) A: I hear Sue's taking a course to become a driving instructor.

B: A driving instructor!?

O contorno parece consistir de uma sequência de pelo menos dois eventos, sendo o primeiro uma subida seguida por uma descida, e o segundo sendo um tom de fronteira consistindo de uma subida nas últimas frações de segundo do enunciado. Ladd afirma que a linha baixa no trecho *-ing instruct-* é uma mera transição entre esses dois eventos, que pode ser extremamente curta (como na palavra *Sue*) ou tão longa quanto for necessário. Para o autor, o que "conta" para a identidade do tom é subida+descida acentual e a subida no final: são essas as características que nos levam a descrever os contornos em ambos os exemplos acima como "os mesmos".

Uma inovação central da teoria autossegmental é o estabelecimento de uma distinção explícita entre *eventos* e *transições*, isto é, algumas características pontuais da altura são linguisticamente importantes, enquanto muito do restante do contorno é meramente o que acontece entre uma dessas características importantes e outra. A teoria assume que as características importantes são eventos localizados e pontuais, não longas extensões do contorno.

Quanto à (ii) distinção entre acento tonal e acento, Ladd propõe que, embora o acento tonal seja uma pista fonética para a existência de acento lexical em uma sílaba, ele nem sempre está presente em uma sílaba que porta acento lexical, além de haver ainda outros correlatos acústicos do acento lexical – também opcionais – como a duração e a intensidade da sílaba.

Com relação a (iii), a teoria autossegmental analisa acentos tonais e tons relacionados a fronteiras a partir de níveis tonais ou alvos de altura: alto (H – *High*) e baixo (L – *Low*), se distinguindo de modelos vastamente aceitos anteriormente, como aquele que analisa a entoação em termos de "fonemas de altura" como *Low*, *Mid*, *High* e *Overhigh* (Pike, 1945; Wells, 1945) e aquele que assume que as unidades funcionais distintivas da entoação são "configurações" como subida e descida (Bolinger, 1951). Ao assumir apenas dois níveis tonais, em vez de quatro, a teoria autossegmental evita prever mais contrastes do que realmente existem de forma sistemática nas línguas. Para o sistema linguístico do inglês, por exemplo, não há relevância na distinção entre um

contorno que desça de uma altura de valor 3 para uma altura de valor 1 e um contorno que desça de uma altura de valor 4 para uma altura de valor 2. E, ao assumir que os níveis de altura H e L, e não configurações de subida e descida, são as entidades linguisticamente relevantes para a descrição entoacional, a teoria autossegmental considera que o importante na entoação é *alcançar* um nível de altura, não o movimento em si.

A teoria autossegmental estabelece uma distinção explícita entre especificações fonológicas abstratas e suas respectivas realizações fonéticas. Dessa forma, a realização fonética de um H ou L depende de diversos fatores (grau de ênfase, posição no enunciado, etc.) não relacionados a sua identidade abstrata como H ou L. Assim, a teoria prevê que modificações localizadas (mas repetitivas) ao longo das frases – item (iv) referido anteriormente – geram tendências globais nessas frases. Por exemplo, tanto em línguas tonais como em línguas como o inglês e o holandês, a frequência fundamental tende a abaixar sistematicamente ao longo de uma frase: uma série de modificações localizadas vai, uma a uma, abaixando o espaço tonal para todo o restante da oração – sendo *espaço tonal* a faixa de frequência abstrata compreendida entre a mais aguda e a mais grave realização fonética possível –, como se pode ver na Figura 3.

Figura 3 – Tendência geral de descendência do contorno de pitch com downsteps em pontos específicos da locução (Ladd, 2008)

4.2.1.2. Análise e transcrição entoacional

Na análise e transcrição entoacional, algumas convenções notacionais são adotadas, as quais foram padronizadas no sistema conhecido como ToBI (*Tones and Break Indices*) (Silverman *et al.*, 1992), adaptado da notação entoacional já utilizada por Pierrehumbert (1980). Para o presente trabalho, as convenções relevantes são:

- Todo acento tonal está associado a uma sílaba portadora de proeminência e consiste de um único tom H ou L, ou da combinação de dois tons. Nesse último caso, o tom central (alinhado com a sílaba portadora de proeminência) é marcado com um asterisco. Por exemplo: L+H*.
- Tons relacionados a fronteiras (*edge tones*) de constituintes do tipo tons de fronteira (*boundary tones* – associados a fronteiras de domínios mais altos, como, por exemplo,

sintagmas entoacionais ou enunciados fonológicos) são marcados com um símbolo de porcentagem: H% e L%; enquanto tons relacionados a fronteiras (*edge tones*) do tipo acento frasal (*phrase accent* – associados a fronteiras de domínios mais baixos que sintagmas entoacionais, como, por exemplo, PPh ou PWG) são marcados com um hífen: H- e L-. Um L% não indica necessariamente uma descida final, mas sim a ausência de uma subida final.

- Um tom H que ocorre após outro H mais alto que ele, como já mencionado, é marcado por um símbolo de exclamação a sua esquerda, sendo esse fenômeno chamado *downstep*: !H. Similarmente, um tom H que ocorre após outro H mais *baixo* que ele é marcado por um símbolo de exclamação invertido a sua esquerda, sendo esse fenômeno chamado *upstep*: ;H.

Para exemplificarmos uma transcrição feita com o ToBI, no que diz respeito à notação de tons, tomemos o seguinte exemplo de Ladd (2008, página 107):

5. Apresentação e análise de dados

Com o objetivo de se descrever o comportamento fonológico do PWG em PB, cinco experimentos foram realizados. No primeiro experimento apresentado a seguir, investigamos se a marcação de proeminência fonológica principal em elementos focalizados se dá da mesma forma em PWGs e PPhs ramificados com mesmo número de PWds. Nos quatro experimentos posteriores, investigamos se e como o acento de PWG tem influência em fenômenos de SVE.

5.1. A marcação de proeminência fonológica em elementos focalizados

Neste experimento, investigamos se, em PWGs ramificados focalizados, a proeminência fonológica principal pode recair sobre uma PWd diferente da PWd núcleo da focalização. Para os fins deste estudo, considera-se que a proeminência fonológica principal é marcada, em primeiro lugar, por um prolongamento na duração da vogal tônica (ver Massini, 1992; Moraes, 1998 sobre a duração como principal correlato de acento em PB). Ademais, o aumento na intensidade e a elevação da frequência fundamental também são correlatos da proeminência fonológica principal, sendo tratados como critérios secundários neste estudo.

Por exemplo, ao ouvir a pergunta *O mini-robô examinava as mega-lojas?*, o falante responde negativamente, corrigindo o sujeito dessa sentença: não se trata de um mini-robô, mas de um mini-drone. Nesse caso, a resposta será *Não, o mini-drone examinava as mega-lojas*. Nessa resposta, o núcleo da focalização é a PWd *drone*, pois é a PWd que constitui informação nova. Neste experimento, verificamos se, no PWG *mini-drone* das locuções dessa resposta, a PWd identificada como a portadora de proeminência fonológica principal é sempre aquela PWd núcleo da focalização (em nosso exemplo, *drone*) ou se, em alguns casos, a proeminência fonológica principal é marcada em outra PWd (em nosso exemplo, *mini*).

Além de PWGs ramificados de três tipos (palavras compostas, nomes próprios e siglas), também investigamos aqui se essa não coincidência entre núcleo da focalização e proeminência fonológica principal pode acontecer em PPhs ramificados focalizados (e.g., *O velho padre desenvolveu a nova droga?*; *Não, o velho **monge** desenvolveu a nova droga.*), de forma a entendermos se PWGs apresentam um comportamento similar ou distinto de PPhs quanto à marcação de proeminência fonológica principal em contexto de focalização.¹⁷

No que se refere a tais não coincidências, um comportamento distinto do PWG em relação ao PPh reforçaria a distinção desses dois domínios na hierarquia prosódica, uma vez que a marcação de proeminência fonológica principal se daria de maneira diferente, em contexto de focalização, a depender do domínio prosódico.

17. O elemento focalizado aparece em negrito.

Considerando-se aqui apenas os níveis prosódicos relevantes para este experimento, as sentenças que contemplam os PWGs ramificados são mapeadas, em domínios prosódicos, da seguinte forma:

(((Não)_{PWd})_{PWG})_{PPh},
 ((o)_{cl} ((mini)_{PWd}-(drone)_{PWd})_{PWG})_{PPh}
 (((examinava)_{PWd})_{PWG})_{PPh}
 ((as)_{cl} ((mega)_{PWd}-(lojas)_{PWd})_{PWG})_{PPh}.

Considerando-se os mesmos níveis prosódicos, as sentenças que não contemplam PWGs ramificados são mapeadas, em domínios prosódicos, da seguinte forma:

(((Não)_{PWd})_{PWG})_{PPh},
 ((o)_{cl} ((velho)_{PWd})_{PWG} ((monge)_{PWd})_{PWG})_{PPh}
 (((desenvolveu)_{PWd})_{PWG})_{PPh}
 ((a)_{cl} ((nova)_{PWd})_{PWG} ((droga)_{PWd})_{PWG})_{PPh}.

Neste experimento, investigamos PPhs ramificados (e.g., *velho monge*) e três tipos de PWG: palavras compostas (e.g., *mini-drone*), nomes próprios (e.g., *Lara Veiga*) e siglas (e.g., *LH*). Para cada uma dessas quatro categorias, analisamos duas sentenças diferentes, cada uma contendo duas manifestações desses elementos: uma em posição de sujeito e outra em posição de predicado (e.g., *O mini-drone examinava as mega-lojas*). Cada sentença foi locucionada quatro vezes, cada uma contendo o núcleo da focalização em uma das quatro PWds estudadas (sublinhadas no exemplo anterior).

Por exemplo, a sentença *A LH dominava a NH* contempla duas instâncias de siglas. Essa sentença foi locucionada como resposta para quatro perguntas contextualizadoras diferentes. Cada pergunta contextualizadora condiciona uma resposta cujo núcleo de focalização é uma PWd específica, sublinhada nos seguintes exemplos:

- (A WH dominava a NH?) Não, a LH dominava a NH.
- (A LW dominava a NH?) Não, a LH dominava a NH.
- (A LH dominava a WH?) Não, a LH dominava a NH.
- (A LH dominava a NW?) Não, a LH dominava a NH.

Para cada possibilidade de focalização em cada uma das sentenças locucionadas, indicamos, nos parágrafos a seguir se, e com que frequência, a PWd portadora de proeminência fonológica principal coincide ou não com aquela que é o núcleo da focalização.

O monge velho desenvolveu a droga nova é a primeira sentença que contempla **PPhs ramificados**. De todas as 36 locuções dessa sentença, apenas uma apresentou proeminência fonológica principal em PWd diferente da PWd núcleo da focalização.

Esse único caso de não coincidência aconteceu em uma das nove locuções na qual o núcleo da focalização (sublinhado a seguir) era a primeira PWd do PWG do predicado da sentença, sendo identificada, nesse caso, a segunda PWd desse PWG como portadora da proeminência fonológica principal (em negrito):

- (20) (O monge velho desenvolveu a terapia nova?)
 Não. O monge velho desenvolveu a droga **nova**.

Nesse caso, a vogal tônica “o” da PWd *droga* núcleo da focalização dura 0,102s, enquanto a vogal tônica “o” da PWd *nova* dura 0,203s, como mostra a Figura 4.

Figura 4 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul) e segmentação, em palavras, da sentença *O monge velho desenvolveu a droga nova*, produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd *droga*

Em todos os outros 35 casos, a proeminência fonológica principal foi identificada na PWd núcleo da focalização, como exemplificado na Figura 5. Nesse caso, a vogal tônica da PWd núcleo da focalização, *droga*, dura 0,122s, enquanto a vogal tônica de *nova*, segunda PWd da mesma PPh, dura 0,119s, não sendo clara, portanto, a identificação de distinções categóricas a partir da duração. Nesse exemplo, porém, podemos identificar a marcação de proeminência principal a partir da diferença de intensidade entre as vogais tônicas das PWds *droga* e *nova*, sendo a vogal tônica da primeira PWd (53,1dB) locucionada com mais intensidade que a vogal tônica da segunda PWd (36,6dB).

Figura 5 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *O monge velho desenvolveu a droga nova*, produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd *droga*

O velho monge desenvolveu a nova droga é a segunda sentença que contempla **PPhs ramificados**. De todas as 36 locuções dessa sentença, apenas uma apresentou proeminência fonológica principal em PWd diferente da PWd núcleo da focalização, e, por problemas técnicos, foi descartada uma das nove locuções cujo núcleo da focalização é a segunda PWd do PPh do predicado.

O único caso onde a proeminência fonológica principal não foi identificada no núcleo da focalização aconteceu em uma das oito locuções restantes onde a PWd núcleo da focalização (sublinhada a seguir) era a segunda PWd do PWG do predicado da sentença, tendo sido a primeira PWd desse PWG identificada como portadora da proeminência fonológica principal (em negrito, no exemplo abaixo):

- (21) (O velho monge desenvolveu a nova terapia?)
 Não. O velho monge desenvolveu a **nova droga**.

Nesse caso, a vogal tônica em *nova* apresentou duração de 0,123s e intensidade de 47dB, enquanto a vogal tônica de *droga* apresentou duração de 0,094s e intensidade de 39dB, como mostra a Figura 6.

Figura 6 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *O velho monge desenvolveu a nova droga*, produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd *droga*

Em todos os outros 34 casos, a proeminência fonológica foi identificada na PWd núcleo da focalização, como exemplificado na Figura 7, onde a vogal tônica da PWd *nova* dura 0,066s, enquanto a vogal tônica da PWd núcleo da focalização, *droga*, dura 0,148s.

Figura 7 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *O velho monge desenvolveu a nova droga*, produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd *droga*

O mini-drone examinava as mega-lojas é a primeira sentença que contempla **palavras compostas**. De todas as 36 locuções dessa sentença, apenas uma apresentou proeminência fonológica principal em PWd diferente da PWd núcleo da focalização.

Esse único caso aconteceu em uma das nove locuções na qual o núcleo da focalização (sublinhado a seguir) era a primeira PWd do PWG na posição de sujeito da sentença, tendo sido identificada a segunda PWd desse PWG como portadora de proeminência fonológica principal (elemento em negrito no exemplo abaixo):

- (22) (O ultra-drone examinava as mega-lojas?)
 Não. O mini-drone examinava as mega-lojas.

Nesse caso, a vogal da PWd núcleo da focalização, *mini*, dura 0,058s, enquanto a vogal tônica da PWd *drone* dura 0,126s, além de ter sido locucionada com maior intensidade, como mostra a Figura 8.

Figura 8 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *O mini-drone examinava as mega-lojas*, produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd *mini*

Em todos os outros 35 casos, a proeminência fonológica principal foi identificada na PWd núcleo da focalização, como exemplificado na Figura 9, onde a vogal tônica da PWd núcleo da focalização, *mini*, dura 0,081s, enquanto a vogal tônica de *drone* dura 0,073s.

Figura 9 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *O mini-drone examinava as mega-lojas*, produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWD *mini*

As *mini-bombas abalaram as mega-vilas* é a segunda sentença que contempla **palavras compostas**. De todas as 36 locuções dessa sentença, duas apresentaram proeminência fonológica principal em PWD diferente da PWD núcleo da focalização, e, por problemas técnicos, foi descartada uma das nove locuções cuja PWD núcleo da focalização era a segunda PWD do PWG do predicado.

Um dos casos em que a proeminência fonológica principal não foi identificada na PWD núcleo da focalização aconteceu em uma das oito locuções restantes onde a PWD núcleo da focalização (sublinhada no exemplo a seguir) era a primeira PWD do PWG do sujeito da sentença, tendo sido identificada a segunda PWD desse PWG como portadora de proeminência fonológica principal (elemento em **negrito** no exemplo abaixo):

- (23) (As ultra-bombas abalaram as mega-vilas?)
 Não. As mini-**bombas** abalaram as mega-vilas.

Nesse caso, a vogal tônica da PWD núcleo da focalização tem intensidade de 51,2dB, enquanto a vogal tônica da PWD *bombas* tem intensidade de 58,2dB.

Figura 10 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *As mini-bombas abalaram as mega-vilas*, produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd *mini*

O outro caso em que a proeminência fonológica principal não foi identificada na PWd núcleo da focalização aconteceu em uma das nove locuções onde o núcleo da focalização (sublinhado no exemplo a seguir) era a segunda PWd do PWG do predicado da sentença, tendo sido identificada a primeira PWd desse PWG como a portadora de proeminência fonológica principal (elemento em negrito no exemplo a seguir):

- (24) (As ultra-bombas abalaram as mega-vilas?)
 Não. As mini-bombas abalaram as **mega-vilas**.

Nesse caso, ambas as vogais tônicas das PWds *mega* e *vilas* duram 0,097s, mas a intensidade da vogal tônica de *mega* é um pouco maior: 51,6dB, frente a 48,2dB da vogal tônica de *vilas*, como mostra a Figura 11.

Figura 11 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *As mini-bombas abalaram as mega-vilas*, produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd *vilas*

Em todos os outros 33 casos, a proeminência fonológica principal foi identificada na PWd núcleo da focalização, como exemplificado na Figura 12, onde se pode observar que as vogais tônicas das PWds *mega* e *vilas* têm duração quase idêntica (0,075s e 0,076s, respectivamente); entretanto, há evento tonal $\uparrow H+L^*$ associado à primeira sílaba de *vilas* e não há evento tonal associado a *mega*.

Figura 12 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *As mini-bombas abalaram as mega-vilas*, produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd *vilas*

A *Bruna Moura examinava a Vera Mendes* é a primeira sentença que contempla **nomes próprios**. De todas as 36 locuções dessa sentença, nenhuma apresentou proeminência fonológica principal em PWd diferente da PWd núcleo da focalização. Em todos os casos, a proeminência fonológica principal foi identificada na PWd núcleo da focalização, como exemplificado na Figura 13, onde a vogal tônica da PWd núcleo da focalização, *Vera*, dura 0,132s, tem intensidade 42,1dB e tem evento tonal ;H+L* associado a ela, enquanto a vogal tônica de *Mendes* dura 0,082s, tem intensidade de 29,3dB e não tem evento tonal associado.

Figura 13 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *A Bruna Moura examinava a Vera Mendes*, produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd *Vera*

A *Nina Braga examinava a Lara Veiga* é a segunda sentença que contempla **nomes próprios**. De todas as 36 locuções dessa sentença, apenas uma apresentou proeminência fonológica principal em PWd diferente da PWd núcleo da focalização, e, por problemas técnicos, foi descartada uma das nove locuções em que a primeira PWd do PWG do sujeito era o núcleo da focalização.

O único caso em que a proeminência fonológica principal não foi identificada na PWd núcleo da focalização aconteceu em uma das nove locuções onde o núcleo da focalização (sublinhado no exemplo a seguir) era a primeira PWd do PWG do predicado da sentença, tendo sido a segunda PWd desse PWG identificada como portadora da proeminência fonológica principal (elemento em negrito no exemplo abaixo):

- (25) (A Nina Braga examinava a Joana Veiga?)
 Não. A Nina Braga examinava a Lara **Veiga**.

Nesse caso, a vogal tônica da PWd núcleo da focalização, *Lara*, dura 0,117s, enquanto a vogal tônica da PWd *Veiga* dura 0,181s. Contudo, isso pode se dever ao fato de estarmos diante de uma vogal tônica simples na PWd *Lara*, enquanto, na PWd *Veiga*, estamos diante de um ditongo. A proeminência em *Veiga*, porém, pode ser detectada através da curva da frequência fundamental, a qual mostra um evento tonal ;H+L* associado à sílaba tônica da PWd *Veiga*, como pode ser observado na Figura 14.

Figura 14 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *A Nina Braga examinava a Lara Veiga*, produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd *Lara*

Em todos os outros 34 casos, a proeminência fonológica principal foi identificada na PWd núcleo da focalização, como exemplificado na Figura 15, onde a PWd núcleo da focalização, *Lara*, cuja vogal tônica tem intensidade de 51,0dB, possui evento tonal H+L* associado à sílaba *la*, enquanto a PWd *Veiga*, cuja vogal tônica tem intensidade de 39,1dB, não possui eventos tonais associados a ela. Nesse caso, a duração da vogal tônica de *Veiga* (0,0121s) foi 0,015s maior que a duração da vogal tônica de *Lara* (0,106s). Contudo, não consideramos essa maior duração uma pista de proeminência fonológica pois, além de a diferença ser pequena, ela pode se dever, mais uma vez, ao fato de estarmos comparando uma vogal simples com um ditongo.

Figura 15 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *A Nina Braga examinava a Lara Veiga*, produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd *Lara*

A *LM* dominava a *NL* é a primeira sentença que contempla **siglas**. De todas as 36 locuções dessa sentença, apenas uma apresentou proeminência fonológica principal em PWd diferente da PWd núcleo da focalização.

Esse único caso aconteceu em uma das nove locuções onde o núcleo da focalização (sublinhado a seguir) era a primeira PWd do PWG do sujeito da sentença, tendo a segunda PWd desse PWG sido identificada como portadora da proeminência fonológica principal (elemento em negrito no exemplo abaixo):

- (26) (A FM dominava a NL?)
 Não. A LM dominava a NL.

Nesse caso, a vogal tônica da PWd núcleo da focalização, *ele*, dura 0,126s, enquanto a vogal tônica da PWd *eme* dura 0,203s. Contudo, isso pode se dever ao fato de estarmos diante de vogais de qualidades diferentes: respectivamente, [e] e [ɛ]. A proeminência da PWd *eme*, porém, pode ser detectada através da diferença de sua intensidade em relação à intensidade da PWd. A vogal tônica de "ele" tem intensidade de 50,9dB, enquanto a vogal tônica de "eme" tem intensidade de 57,7dB.

Figura 16 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *A LM dominava a NL*, produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd "ele" do PWG *LM*

Em todos os outros 35 casos, a proeminência fonológica principal foi identificada na PWd núcleo da focalização, como exemplificado na Figura 17, onde a vogal tônica da PWd núcleo da focalização, *ele*, dura 0,159s e tem intensidade de 45,8dB, enquanto a vogal tônica da PWd *eme* dura 0,084s e tem intensidade de 39,4dB.

Figura 17 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *A LM dominava a NL*, produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd "ele" do PWG *a LM*

A LH dominava a NH é a segunda sentença que contempla **siglas**. De todas as 36 locuções dessa sentença, cinco apresentaram proeminência fonológica principal em PWd diferente da PWd núcleo da focalização, e, por problemas técnicos, foi descartada uma das nove locuções cujo núcleo

da focalização era a segunda PWd do PWG do sujeito e uma das nove locuções cujo núcleo da focalização era a na primeira PWd do PWG do predicado.

Todos os casos em que a proeminência fonológica principal foi identificada em PWd diferente da PWd núcleo da focalização aconteceram em cinco das nove locuções onde o núcleo da focalização (sublinhado a seguir) era a segunda PWd do PWG do predicado da sentença, tendo a primeira PWd desse PWG sido identificada como portadora da proeminência fonológica principal (elemento em **negrito** no exemplo a seguir):

- (27) (A LH dominava a NW?)
 Não. A LH dominava a NH.

No caso ilustrado pela Figura 18, por exemplo, as vogais tônicas das PWds do PWG NH têm duração similar: a primeira dura 0,133s, enquanto a segunda dura 143s, i.e., apenas 0,01s de diferença. Além disso, deve-se considerar que tais vogais têm qualidades diferentes ([e] *versus* [a]), o que pode interferir em suas durações independentemente do contexto de focalização. A intensidade dessas vogais tônicas, porém, é consideravelmente diferente: a vogal tônica da PWd *ene* tem intensidade de 51,9dB, sinalizando sua proeminência fonológica, enquanto a vogal tônica da PWd núcleo da focalização, *agá*, tem 38,1dB de intensidade.

Figura 18 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *A LH dominava a NH*, produzida pela falante MF em contexto de focalização da PWd H do PWG NH

Em todos os outros 29 casos, a proeminência fonológica principal foi identificada na PWd núcleo da focalização, como exemplificado na Figura 19, onde a vogal tônica da PWd *ene* dura 0,036s e tem intensidade de 40,3dB, enquanto a vogal tônica da PWd núcleo da focalização, *agá*, dura 0,088s e tem intensidade de 43,1dB.

Figura 19 – Forma de onda, espectrograma, contorno da frequência fundamental (em azul), intensidade (em amarelo) e segmentação, em palavras, da sentença *A LH dominava a NH*, produzida pela falante VS em contexto de focalização da PWd *H* do PWG *NH*

No quadro a seguir, apresentamos as frequências de ocorrências nas quais a proeminência fonológica principal não é identificada na PWd núcleo da focalização, conforme foi descrito nos parágrafos anteriores desta subseção.

	Proeminência na 1ª PWd não focalizada do PPh ou PWG em posição de sujeito	Proeminência na 2ª PWd não focalizada do PPh ou PWG em posição de sujeito	Proeminência na 1ª PWd não focalizada o PPh ou PWG em posição de predicado	Proeminência na 2ª PWd não focalizada do PPh ou PWG em posição de predicado	Média
PPh ramificado	0%	0%	6%	6%	3%
Palavras compostas	11%	0%	0%	6%	4%
Nomes próprios	0%	0%	6%	0%	1%
Siglas	6%	0%	0%	28%	8%

Quadro 2 – Frequência de marcação de proeminência fonológica em elementos não focalizados

Os dados coletados, descritos nos parágrafos anteriores e apresentados no quadro 2, indicam que não é possível estabelecer diferenças significativas entre PPhs e PWGs ramificados no que diz respeito à marcação da focalização. Isto é, os dados sugerem que, se há uma diferença entre PPhs e PWGs ramificados, essa diferença não se manifesta e não se mostra relevante nos casos de marcação de focalização por proeminência fonológica principal estudados no presente trabalho.

Uma exceção, contudo, são as siglas: enquanto a média de ocorrências de casos em que a proeminência fonológica principal não é identificada na PWd núcleo da focalização em PPhs ramificados, palavras compostas e nomes próprios ficou entre 1% e 4%, a média desse tipo de ocorrência observada em siglas foi de 8%, o que representa quase três vezes mais que a média de 3% observada especificamente em PPhs ramificados. É importante mencionar que o alto valor dessa média foi impulsionado especialmente pelos casos de não coincidência entre proeminência fonológica principal e núcleo da focalização quando esse elemento era a 2ª letra da sigla do predicado. Esse foi o caso com maior ocorrência de não coincidências, 28%, todos eles na sentença *A LH dominava a NH*. O segundo caso com maior ocorrência de não coincidências (1ª PWd de palavras compostas) apresentou menos da metade desse valor: apenas 11%. Ao consideramos apenas os casos de focalização na 2ª letra da sigla do predicado dessa sentença específica, a ocorrência de não coincidências entre proeminência fonológica principal e núcleo da focalização foi de 56%.

Em suma, a partir deste experimento se pôde concluir que, como já apontado por Toneli (2014), PPhs ramificados apresentam pouca ou nenhuma possibilidade de marcação de proeminência fonológica principal em PWd diferente da PWd núcleo da focalização. Porém, diferentemente do que a autora propôs em seu estudo, nossos dados sugerem que palavras compostas também apresentam pouca ou nenhuma possibilidade de marcação de proeminência fonológica principal em PWd diferente da PWd núcleo da focalização. Da mesma forma, nossos resultados revelaram que nomes próprios apresentam o mesmo comportamento. Siglas foram o único tipo de composição investigada no presente estudo e que apresentou um índice alto e distinto na ocorrência de marcação de proeminência fonológica principal em PWd diferente da PWd núcleo da focalização.

Uma hipótese para a motivação desse comportamento distinto das siglas é o fato de que suas letras são códigos vazios de semantema: por isso, tais elementos teriam uma menor tendência a evidenciar um destaque semântico através da proeminência fonológica. Dessa forma, por hipótese, em algumas ocorrências se torna preferível que o foco contrastivo recaia não sobre o PWd alvo do contraste, mas sobre o PWG inteiro onde ocorre esse contraste.

5.2. O bloqueio de SVE por acento principal de PWG

5.2.1. Comparação entre PWGs coincidentes e não coincidentes com PPh

Neste experimento, investigamos se o acento principal de PWG pode bloquear fenômenos de SVE (elisão e ditongação) em interior de PWGs (considerando especificamente siglas de três letras). Ademais, fazemos uma comparação entre casos onde o acento principal de PWG coincide com o acento principal de PPh (e.g., *TJ**F***), doravante casos do tipo 1, e casos onde o acento principal de PPh é deslocado para uma posição diferente da posição do acento principal de PWG (e.g., *TJ**F** regional*), doravante casos do tipo 2¹⁸. Dessa forma, os casos do tipo 2 nos garantem que a (não) permissão dos fenômenos de SVE é influenciada especificamente pelo acento de PWG e não pelo acento de PPh, ao passo que os casos do tipo 1 nos fornecem um parâmetro de comparação. Além disso também observamos, em ambos os casos, a ocorrência de SVE entre as duas primeiras letras, i.e., em uma posição onde não recai acento principal de PWG ou acento principal de PPh (e.g., ***JSD***; ***JSD** regional*).

Considerando-se aqui apenas os níveis prosódicos relevantes para este experimento, as sentenças que contemplam os casos do tipo 1 são mapeadas, em domínios prosódicos, da seguinte forma:

((o)_{cl} ((T)_{PWd}(J)_{PWd}(F)_{PWd})_{PWG})_{PPh} (((foi)_{PWd})_{PWG} ((extinto)_{PWd})_{PWG})_{PPh}

Considerando-se os mesmos níveis, as sentenças que contemplam os casos do tipo 2 são mapeadas, em domínios prosódicos, da seguinte forma:

((o)_{cl} ((T)_{PWd}(J)_{PWd}(F)_{PWd})_{PWG} ((regional)_{PWd})_{PWG})_{PPh} (((foi)_{PWd})_{PWG} ((extinto)_{PWd})_{PWG})_{PPh}

Considerando que estamos lidando com dois tipos de SVE (elisão e ditongação), com os dois tipos de atribuição de acento principal em PWG mencionados (acento principal de PWG coincidente e não coincidente com acento principal de PPh) e com duas posições dentro de PWG com contexto para SVE (entre as duas primeiras – sem ocorrência de acento principal de PWG - e entre as duas últimas letras da sigla – com ocorrência de acento principal de PWG na última letra), são oito (2 tipos de SVE × 2 tipos de atribuição de acento principal em PWG × 2 posições com contexto para SVE) as combinações possíveis, as quais são ilustradas pelas seguintes sentenças do nosso *corpus* (onde os contextos favoráveis à ocorrência de SVE aparecem sublinhados):

18. Aqui, o acento principal de PWG é marcado por marca-texto cinza, o acento principal de PPh é marcado por negrito, e o contexto para ocorrência de SVE é marcado por sublinha.

	Tipo de SVE	Coincidência dos acentos principais de PWG de PPh	Contexto para SVE em relação ao acento principal de PWG
1. O <u>JSD</u> foi extinto.	Elisão	Tipo 1 (Coincidentes)	Sem acento de PWG
2. O <u>JSD</u> regional foi extinto.	Elisão	Tipo 2 (Não coincidentes)	Sem acento de PWG
3. O <u>TJF</u> foi extinto.	Elisão	Tipo 1 (Coincidentes)	Com acento de PWG
4. O <u>TJF</u> regional foi extinto.	Elisão	Tipo 2 (Não coincidentes)	Com acento de PWG
5. O <u>SFC</u> foi extinto	Ditongação	Tipo 1 (Coincidentes)	Sem acento de PWG
6. O <u>SFC</u> regional foi extinto.	Ditongação	Tipo 2 (Não coincidentes)	Sem acento de PWG
7. O <u>TSE</u> foi extinto.	Ditongação	Tipo 1 (Coincidentes)	Com acento de PWG
8. O <u>TSE</u> regional foi extinto.	Ditongação	Tipo 2 (Não coincidentes)	Com acento de PWG

Quadro 3 – Tipificação das sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre PWGs coincidentes e não coincidentes com PPh

A frequência de ocorrência de SVE nessas frases, nos contextos favoráveis à ocorrência desse fenômeno, é apresentada no quadro 4, onde tais contextos são sublinhados:

	Elisão	Ditongação	Ausência de SVE
1. O <u>JSD</u> foi extinto.	78%	0%	22%
2. O <u>JSD</u> regional foi extinto.	78%	0%	22%
3. O <u>TJF</u> foi extinto.	0%	0%	100%
4. O <u>TJF</u> regional foi extinto.	0%	0%	100%
5. O <u>SFC</u> foi extinto	0%	78%	22%
6. O <u>SFC</u> regional foi extinto.	0%	56%	44%
7. O <u>TSE</u> foi extinto.	11%	78%	11%
8. O <u>TSE</u> regional foi extinto.	22%	33%	44%

Quadro 4 – Frequência de ocorrência de SVE nas sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre PWGs coincidentes e não coincidentes com PPh

Confrontando-se a frequência da ocorrência dos fenômenos de SVE de cada sentença do tipo 1 (sentenças ímpares) com sua contraparte do tipo 2 (sentenças pares), constata-se que há pouca ou nenhuma diferença. Mais especificamente, não considerando as sentenças cujo contexto para SVE não possui acento principal de PWG nem de PPh (sentenças 1, 2, 5 e 6) e considerando apenas aquelas em cujo contexto para elisão recai acento de PWG (sentenças 3 e 4), é evidente que o acento principal de PPh não tem influência na ocorrência dos fenômenos de SVE em interior de PWG. Nas sentenças 7 e 8, em cujo contexto para ditongo recai acento de PWG, isso não é evidente.

Por exemplo, tanto na sentença 3 como na sentença 4, como se pode observar pela configuração formântica nas Figuras 20 e 21, o fenômeno de elisão é categoricamente bloqueado. Considerando-se que apenas na sentença 3 o acento principal de PPh está presente (coincidente com o acento principal de PWG) no contexto para elisão, mas que em ambas as sentenças o acento principal de PWG está presente nesse contexto, conclui-se que é o segundo, e não o primeiro, o responsável pelo bloqueio categórico de SVE. Em outras palavras, no caso da sentença 4, o acento principal de PPh está ausente do contexto de ocorrência de elisão; ali, há apenas acento principal de PWG, e o que se observa, ainda assim, é o bloqueio da elisão. Disso se deduz que o acento que impede a elisão, nesse caso, é o acento principal de PWG.

Figura 20 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença *O TjF foi extinto*

Figura 21 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença *O TjF regional foi extinto*

Nos demais pares de sentenças de tipo 1 com suas contrapartes de tipo 2, também é possível observar similaridade na possibilidade de ocorrência ou não ocorrência de cada tipo de SVE, corroborando nossa conclusão.

5.2.2. Comparação entre interior e fronteira de PWG

Nesta seção, apresentamos dois experimentos onde investigamos a influência do acento de PWG na ocorrência de SVE tanto em interior de PWG como em fronteira de PWG, fazendo uma comparação entre esses dois casos. No experimento apresentado na subseção 5.2.2.1, a frequência de SVE em interior de PWG é contrastada com a frequência desse mesmo fenômeno em uma fronteira de PWG que coincide com uma fronteira de PPh. No experimento apresentado na subseção 5.2.2.2, a fronteira de PWG não coincide com fronteira de PPh.

Todas as sentenças destes experimentos foram elaboradas de forma que, nos choques vocálicos estudados, apenas os acentos de PWG e PWd estivessem presentes, sendo o acento de PPh deslocado para um adjetivo à direita, por exemplo: ((porta-óculos)_{PWG} (castanho)_{PWG})_{PPh}.

5.2.2.1. Fronteira de PWG coincidente com fronteira de PPh

Neste experimento, investigamos a influência do acento de PWG na ocorrência de SVE em interior de PWG e em fronteira de PWG coincidente com fronteira de PPh, fazendo uma comparação entre esses dois casos.

Considerando-se aqui apenas os níveis prosódicos relevantes para este experimento, as sentenças com contexto para SVE em interior de PWG são mapeadas, em domínios prosódicos, da seguinte forma:

$((((\text{Ele})_{\text{PWd}})_{\text{PWG}})_{\text{PPh}} (((\text{tem})_{\text{PWd}})_{\text{PWG}})_{\text{PPh}} (((\text{porta})_{\text{PWd}}-(\text{óculos})_{\text{PWd}})_{\text{PWG}} ((\text{castanhos})_{\text{PWd}})_{\text{PWG}})_{\text{PPh}}.$

Considerando-se os mesmos níveis, as sentenças com contexto para SVE em fronteira de PWG são mapeadas, em domínios prosódicos, da seguinte forma:

$((((\text{Ele})_{\text{PWd}})_{\text{PWG}})_{\text{PPh}} (((\text{transporta})_{\text{PWd}})_{\text{PWG}})_{\text{PPh}} (((\text{óculos})_{\text{PWd}})_{\text{PWG}} ((\text{castanhos})_{\text{PWd}})_{\text{PWG}})_{\text{PPh}}.$

Considerando que estamos lidando com os quatro tipos de SVE (elisão, degeminação, ditongação crescente e ditongação decrescente) e com dois tipos de PWGs (PWGs ramificados *versus* PWGs não ramificados), são oito (4 tipos de SVE $\times$ 2 tipos de PWG) as combinações possíveis, as quais são representadas pelas seguintes sentenças do nosso *corpus*:

	Tipo de SVE	Presença de PWG ramificado
1. <i>Ele transporta óculos castanhos.</i>	Elisão	Ausente
2. <i>Ele transporta águias exóticas.</i>	Degeminação	Ausente
3. <i>Ele transporta iscas exóticas.</i>	Ditongação decrescente	Ausente
4. <i>Ele sugere óculos caríssimos.</i>	Ditongação crescente	Ausente
5. <i>Ele tem porta-óculos castanhos.</i>	Elisão	Presente
6. <i>Ele tem mata-ácaros russos.</i>	Degeminação	Presente
7. <i>Ele tem porta-iscas exóticos.</i>	Ditongação decrescente	Presente
8. <i>Ele tem vale-óculos caríssimos.</i>	Ditongação crescente	Presente

Quadro 5 – Tipificação das sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre interior e fronteira de PWG quando essa fronteira coincide com fronteira de PPh

As frequências de ocorrências de SVE nessas frases é apresentada no quadro 6, (onde os contextos favoráveis à ocorrência de SVE são sublinhados)¹⁹:

19. O fenômeno de elisão foi agrupado ao fenômeno de degeminação pois, embora sejam processos de ressilabação distintos, ambos são fenômenos de apagamento da vogal. Os fenômenos de ditongação crescente e decrescente também foram agrupados um ao outro, uma vez que ambos são fenômenos de formação de ditongo. Cabe acrescentar que esses dois grupos não poderiam ser unidos em um único grupo, pois há contextos fonológicos onde é possível a ocorrência de fenômenos de ambos os grupos (não concomitantemente), sendo importante, nesse caso, considerar essa distinção na interpretação dos dados.

	Elisão ou degeminação	Ditongação crescente ou decrescente	Ausência de SVE
1. <i>Ele transporta <u>ó</u>culos castanhos.</i>	22%	0%	78%
2. <i>Ele transporta <u>á</u>guias exóticas.</i>	22%	0%	78%
3. <i>Ele transporta <u>i</u>scas exóticas.</i>	0%	44%	56%
4. <i>Ele sugere <u>ó</u>culos caríssimos.</i>	0%	56%	44%
5. <i>Ele tem porta-<u>ó</u>culos castanhos.</i>	22%	0%	78%
6. <i>Ele tem mata-<u>á</u>caros russos.</i>	0%	0%	100%
7. <i>Ele tem porta-<u>i</u>scas exóticos.</i>	0%	0%	100%
8. <i>Ele tem vale-<u>ó</u>culos caríssimos.</i>	0%	22%	78%

Quadro 6 – Frequência de ocorrência de SVE nas sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre interior e fronteira de PWG quando essa fronteira coincide com fronteira de PPh

Ao compararmos as sentenças com contexto para elisão (sentenças 1 e 5), observamos que não há contraste na ocorrência desse fenômeno: tanto na fronteira entre os PWGs não ramificados *transporta óculos* como no interior do PWG ramificado *porta-óculos* foi constatada uma frequência de 22% na ocorrência de elisão.

Ao compararmos as sentenças com contexto para degeminação (sentenças 2 e 6), observamos que há um contraste de 22% na ocorrência desse fenômeno: na fronteira entre os PWGs não ramificados *transporta águias* foi constatada uma frequência de 22% na ocorrência de degeminação, e no interior do PWG ramificado *mata-ácaros* não foi constatada ocorrência de degeminação.

Ao compararmos as sentenças com contexto para ditongação decrescente (sentenças 3 e 7), observamos um contraste de 44% na ocorrência desse fenômeno: na fronteira entre os PWGs não ramificados, *transporta iscas*, foi constatada uma frequência de 44% de ocorrência de ditongação (como se pode observar pela rampa de *glide* na Figura 22), enquanto no interior do PWG ramificado, *porta-iscas*, não foi constatada ocorrência de ditongação (como se pode observar pela configuração formântica na Figura 23).

Figura 22 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença *Ele transporta iscas exóticas*

Figura 23 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença *Ele tem porta-iscas exóticos*

Ao compararmos as sentenças com contexto para ditongação crescente (sentenças 4 e 8), observamos um contraste de 34% na ocorrência desse fenômeno: na fronteira entre os PWGs não ramificados, *sugere* óculos, foi constatada uma frequência de 56% de ocorrência de ditongação (como se pode observar pela rampa de *glide* na Figura 24), enquanto no interior do PWG ramificado, *vale* óculos, foi constatada uma frequência de 22% de ocorrência de ditongação (na Figura 25, pode-se observar um exemplo onde a configuração formântica das vogais atesta a não ocorrência desse fenômeno).

Figura 24 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença *Ele sugere óculos caríssimos*

Figura 25 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença *Ele tem vale-óculos caríssimos*

Embora não tenha sido constatado contraste nas sentenças com contexto para elisão e seja discutível se são significativos (em termos de relevância estatística) os contrastes observados nas sentenças com contextos para degeminação e para ditongação crescente, nossos dados apontaram uma tendência clara ao bloqueio da ocorrência de SVE no interior de PWG e a inexistência desse bloqueio para alguns tipos de SVE – especialmente a ditongação decrescente – em fronteira de PWG coincidente com fronteira de PPh. Contudo, ainda são necessárias análises estatísticas para que essas tendências possam ser confirmadas ou infirmadas.

5.2.2.2. Fronteira de PWG não coincidente com fronteira de PPh

Neste experimento, investigamos a influência do acento de PWG na ocorrência de SVE em interior de PWG e em fronteira de PWG não coincidente com fronteira de PPh, fazendo uma comparação entre esses dois casos.

Considerando-se apenas os níveis prosódicos relevantes para este experimento, as sentenças com contexto para SVE em interior de PWG são mapeadas prosódicamente da seguinte forma:

((O)_{Cl} ((mega)_{PWd}-(ágil)_{PWd})_{PWG} ((felino)_{PWd})_{PWG})_{PPh}

((((não)_{PWd})_{PWG} ((chegou)_{PWd})_{PWG})_{PPh}

((a)_{Cl} ((ser)_{PWd})_{PWG} ((fotografado)_{PWd})_{PWG})_{PPh}.

Considerando os mesmos níveis, as sentenças com contexto para SVE em fronteira de PWG são mapeadas, em domínios prosódicos, da seguinte forma:

((A)_{Cl} ((quinta)_{PWd})_{PWG} ((arma)_{PWd})_{PWG} ((encontrada)_{PWd})_{PWG})_{PPh}

((((não)_{PWd})_{PWG} ((chegou)_{PWd})_{PWG})_{PPh}

((a)_{Cl} ((ser)_{PWd})_{PWG} ((apreendida)_{PWd})_{PWG})_{PPh}.

Considerando que estamos lidando com os quatro tipos de SVE (elisão, degeminação, ditongação crescente e ditongação decrescente) e com dois tipos de PWGs (PWGs ramificados *versus* PWGs não ramificados), são oito (4 tipos de SVE × 2 tipos de PWG) as combinações possíveis, as quais são representadas pelas seguintes sentenças do nosso *corpus* (onde os contextos favoráveis à ocorrência de SVE são sublinhados):

	Tipo de SVE	Presença de PWG ramificado
1. A <u>quinta</u> ordem promulgada não chegou a ser obedecida.	Elisão	Ausente
2. A <u>quinta</u> arma encontrada não chegou a ser apreendida.	Degeminação	Ausente
3. A <u>quinta</u> úvula curada não chegou a ser infectada.	Dit. decrescente	Ausente
4. A <u>breve</u> alta detectada não chegou a ser registrada.	Dit. crescente	Ausente
5. O mega- <u>óbvio</u> problema não chegou a ser solucionado.	Elisão	Presente
6. O mega- <u>ágil</u> felino não chegou a ser fotografado.	Degeminação	Presente
7. O mega- <u>útil</u> conselho não chegou a ser seguido.	Dit. decrescente	Presente
8. O semi-apto senhor não chegou a ser entrevistado.	Dit. crescente	Presente

Quadro 7 – Tipificação das sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre interior e fronteira de PWG quando essa fronteira não coincide com fronteira de PPh

As frequências de ocorrências de SVE nessas frases é apresentada no quadro 8, onde os contextos favoráveis à ocorrência de SVE são sublinhados.

	Elisão ou degeminação	Ditongação crescente ou decrescente	Ausência de SVE
1. A quinta <u>ord</u> em promulgada não chegou a ser obedecida.	0%	0%	100%
2. A quinta <u>ar</u> ma encontrada não chegou a ser apreendida.	67%	0%	33%
3. A quinta <u>úv</u> ula curada não chegou a ser infectada.	0%	0%	100%
4. A breve <u>al</u> ta detectada não chegou a ser registrada.	0%	22%	78%
5. O mega- <u>ób</u> vio problema não chegou a ser solucionado.	0%	0%	100%
6. O mega- <u>ág</u> il felino não chegou a ser fotografado.	0%	0%	100%
7. O mega- <u>ú</u> til conselho não chegou a ser seguido.	0%	0%	100%
8. O semi- <u>ap</u> to senhor não chegou a ser entrevistado.	0%	22%	78%

Quadro 8 – Frequência de ocorrência de SVE nas sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre interior e fronteira de PWG quando essa fronteira não coincide com fronteira de PPh

Ao compararmos cada sentença possuidora de contexto para ocorrência de um determinado tipo de SVE entre PWGs diferentes com a sentença possuidora de contexto para ocorrência desse mesmo tipo de SVE dentro de um PWG ramificado, o único contraste observado na frequência de ocorrência de SVE foi entre sentenças portadoras de contexto para degeminação – 67% de ocorrência de degeminação na sentença onde o contexto para esse fenômeno aparece na fronteira de PWGs e total ausência desse fenômeno onde o contexto para esse fenômeno aparece no interior de um PWG –, como se pode observar pela configuração formântica das vogais na Figura 26 e na

Figura 27. Na Figura 26, os formantes do choque vocálico em *quinta arma* configuram apenas uma vogal, enquanto, na Figura 27, os formantes do choque vocálico em *mega-ágil* configuram duas vezes a vogal /a/.

Figura 26 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença *A quinta arma encontrada não chegou a ser apreendida*

Figura 27 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença *O mega-ágil felino não chegou a ser fotografado*

Para todos os outros tipos de SVE, a frequência de ocorrência de SVE foi idêntica em fronteira de PWGs e no interior de PWGs ramificados – total ausência de SVE nas sentenças com contexto para elisão e ditongação decrescente e 22% de ocorrência de ditongação crescente nas

sentenças com contexto para esse fenômeno – como se pode observar pela configuração formântica das vogais na Figura 28 e na Figura 29, onde os formantes de ambos os choques vocálicos atestam a manifestação de duas vogais em cada um.

Figura 28 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença *Ele transporta óculos castanhos*

Figura 29 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença *Ele tem porta-óculos castanhos*

Porém, quanto ao contraste na frequência de degeminação, devemos considerar também a possibilidade de que a diferença entre a alta ocorrência desse fenômeno (67%) em *A quinta arma encontrada* e sua completa ausência em *O mega-ágil felino* tenha sido motivada por questões de distância silábica, e não pela diferença de constituição de PWGs (ramificados *versus* não ramificados). Isto é, uma vez que em *A quinta arma encontrada* há três sílabas entre o choque

vocálico e o acento principal de PPh e que em *O mega-ágil felino* há apenas duas, não se pode afirmar categoricamente que a diferença na constituição de PWGs (ramificados *versus* não ramificados) dessas sentenças é o fator responsável pelo contraste na frequência de ocorrência de degeminação.

Em suma, nossos dados sugerem que a influência do acento de PWG no bloqueio ou permissão de SVE é a mesma tanto no interior de um PWG ramificado quanto na fronteira de um PWG não ramificado com outro PWG.

5.2.3. Comparação entre PWG e PPh com o mesmo número de PWds

Neste experimento, investigamos potenciais contrastes identificados em Coelho (2013) entre PWG e PPh com o mesmo número de PWds. Dados desse estudo apontavam que:

(1) em contextos para ocorrência de ditongo crescente onde apenas V1 é acentuada, ditongações no interior de PPhs (como em *urubu-agitado*) ocorreriam com frequência maior que no interior de PWGs (como em *urubu-arara*), onde o fenômeno seria bloqueado;

(2) em contextos para ocorrência de ditongo crescente onde são acentuadas ambas as vogais do choque vocálico, ditongações no interior de PWGs (como em *urubu-águia*) ocorreriam com frequência maior que no interior de PPhs (como em *bambu-áspero*), onde o fenômeno seria bloqueado;

(3) em contextos para ocorrência de ditongo decrescente onde V2 não é acentuada, independentemente de V1 ser ou não acentuada, ditongações no interior de PWGs (como em *Península Ibérica* e em *forró universitário*) ocorreriam com frequência maior que no interior de PPhs (como respectivamente em *água escura* e em *café escuro*).

Esses apontamentos, contudo, são pouco conclusivos, pois os contrastes (1) e (3) podem ser alternativamente explicados pela distância silábica (quanto mais distante o acento da segunda PWd está do contexto para SVE, mais frequente é o fenômeno) em vez da prosodização das PWds em domínios prosódicos diferentes. Além disso, esse estudo havia sido feito com apenas duas falantes e com apenas uma sentença para exemplificar cada combinação de variáveis. Portanto, julgamos necessária a realização de um novo experimento que supere essas limitações de Coelho (2013) de forma a afirmarmos (ou negarmos) a existência desses três contrastes de forma sistemática na variedade dialetal do PB aqui considerada (variedade paulistana).

Considerando aqui apenas os níveis prosódicos relevantes para este experimento, as sentenças que contemplam PWGs ramificados são mapeadas prosodicamente da seguinte forma:

((Eu)_{PWd})_{PWG} ((inven_{tei})_{PWd})_{PWG})_{PPh} ((o)_{cl} ((urubu)_{PWd}-(arara)_{PWd})_{PWG})_{PPh}.

Considerando os mesmos níveis, as sentenças que não contemplam PWGs ramificados são mapeadas, em domínios prosódicos, da seguinte forma:

$(((\text{Eu})_{\text{PWd}})_{\text{PWG}} ((\text{desenhei})_{\text{PWd}})_{\text{PWG}})_{\text{PPh}} ((\text{o})_{\text{cl}} ((\text{urubu})_{\text{PWd}})_{\text{PWG}} ((\text{alado})_{\text{PWd}})_{\text{PWG}})_{\text{PPh}} .$

Levando-se em conta que estamos lidando com dois tipos de PWGs (PWGs ramificados *versus* PWGs não ramificados), com dois tipos de SVE (ditongação crescente *versus* ditongação decrescente) e com duas configurações acentuais para cada tipo de SVE (nos casos de ditongação crescente: acento de PWd apenas em V1 *versus* acento de PWd em V1 e V2; nos casos de ditongação decrescente: acento de PWd apenas em V1 *versus* ausência de acento de PWd), são oito (2 tipos de PWG $\times$ 2 tipos de SVE $\times$ 2 configurações acentuais por tipo de SVE) as combinações possíveis. Neste experimento, trabalhamos com duas sentenças para cada combinação de variáveis, totalizando dezesseis sentenças, conforme o quadro 9, onde os contextos favoráveis à ocorrência de SVE são sublinhados:

	Presença de PWG ramificado	Tipo de ditongação	Vogal portadora de acento no contexto para ocorrência de SVE
1a. Eu desenhei o urubu <u>al</u> ado.	Ausente	Crescente	V1
1b. Eu desenhei o bambu <u>ag</u> uado.	Ausente	Crescente	V1
2a. Eu desenhei o urubu <u>ág</u> il.	Ausente	Crescente	V1 e V2
2b. Eu desenhei o bambu <u>ás</u> pero.	Ausente	Crescente	V1 e V2
3a. Eu desenhei o planeta <u>es</u> curo.	Ausente	Decrescente	Ausente
3b. Eu desenhei a régua <u>es</u> treita.	Ausente	Decrescente	Ausente
4a. Eu desenhei o sabiá <u>es</u> curo.	Ausente	Decrescente	V1
4b. Eu desenhei o sofá <u>es</u> curo.	Ausente	Decrescente	V1
5a. Eu inventei o urubu <u>ar</u> ara.	Presente	Crescente	V1
5b. Eu inventei o bambu <u>ar</u> roz.	Presente	Crescente	V1
6a. Eu inventei o urubu <u>ág</u> uia.	Presente	Crescente	V1 e V2
6b. Eu inventei o bambu <u>ág</u> ua.	Presente	Crescente	V1 e V2
7a. Eu inventei o planeta <u>es</u> trela.	Presente	Decrescente	Ausente
7b. Eu inventei a régua <u>es</u> quadro.	Presente	Decrescente	Ausente
8a. Eu inventei o sabiá <u>es</u> quilo.	Presente	Decrescente	V1
8b. Eu inventei o sofá <u>es</u> tante.	Presente	Decrescente	V1

Quadro 9 – Tipificação das sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre PWG e PPh com o mesmo número de PWds

As frequências de ocorrências de SVE em cada uma dessas frases são apresentadas no quadro 10, onde os contextos favoráveis à ocorrência de SVE são sublinhados:

	Elisão	Ditongação	Ausência de SVE
1a. Eu desenhei o urubu <u>a</u> lado.	0%	44%	56%
1b. Eu desenhei o bambu <u>a</u> guado.	0%	56%	44%
2a. Eu desenhei o urubu <u>a</u> gil.	0%	0%	100%
2b. Eu desenhei o bambu <u>a</u> spero.	0%	0%	100%
3a. Eu desenhei o planeta <u>e</u> scuro.	78%	22%	0%
3b. Eu desenhei a régua <u>e</u> streta.	89%	11%	0%
4a. Eu desenhei o sabiá <u>e</u> scuro. ²⁰	0%	56%	44%
4b. Eu desenhei o sofá <u>e</u> scuro.	0%	62%	38%
5a. Eu inventei o urubu <u>a</u> rarara.	0%	33%	67%
5b. Eu inventei o bambu <u>a</u> roz.	0%	44%	56%
6a. Eu inventei o urubu <u>a</u> guia.	0%	0%	100%
6b. Eu inventei o bambu <u>a</u> gua.	0%	0%	100%
7a. Eu inventei o planeta <u>e</u> strela.	100%	0%	0%
7b. Eu inventei a régua <u>e</u> squadro.	67%	11%	22%
8a. Eu inventei o sabiá <u>e</u> squilo.	0%	44%	56%
8b. Eu inventei o sofá <u>e</u> stante.	0%	56%	44%

Quadro 10 – Frequência de ocorrência de SVE nas sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre PWG e PPh com o mesmo número de PWds

20. Das nove locuções dessa sentença, uma não pôde ser utilizada por problemas técnicos.

As frequências de ocorrências de SVE em cada combinação de variáveis são apresentadas no quadro 11:

	Elisão	Ditongação	Ausência de SVE
1a + 1b	0%	50%	50%
2a + 2b	0%	0%	100%
3a + 3b	83%	17%	0%
4a + 4b	0%	59%	41%
5a + 5b	0%	39%	61%
6a + 6b	0%	0%	100%
7a + 7b	83%	6%	11%
8a + 8b	0%	50%	50%

Quadro 11 – Frequência de ocorrência de SVE nos tipos de sentenças do experimento de comparação do papel do acento principal de PWG no bloqueio de SVE entre PPh e PPh com o mesmo número de PWds

Ao compararmos a ocorrência de SVE entre PPhs com contexto para ditongo crescente e acento de PWd apenas em V1 (sentenças 1a e 1b) e PWGs ramificados com essas mesmas características (sentenças 5a e 5b), observamos que PPhs apresentam 50% de ditongação e 50% de ausência de SVE, já PWGs ramificados apresentam 39% de ditongação e 61% de ausência de SVE. Portanto, embora tenha ocorrido um pouco mais de ditongação no interior de PPh do que no interior de PWG, não é possível afirmar que há contraste expressivo entre esses dois domínios.

Ao compararmos a ocorrência de SVE entre PPhs com contexto para ditongo crescente e acento de PWd em V1 e V2 (sentenças 2a e 2b) e PWGs ramificados com essas mesmas características (sentenças 6a e 6b), observamos que há ausência absoluta de SVE em ambos os casos. Portanto, não é possível afirmar que há contraste entre PPh e PWGs nesse caso.

Ao compararmos a ocorrência de SVE entre PPhs com contexto para ditongo decrescente e sem acento de PWd em ambas as vogais do choque vocálico sujeito a SVE (sentenças 3a [Figura 30] e 3b) e PWGs ramificados com essas mesmas características (sentenças 7a [Figura 31] e 7b), observamos que PPhs apresentam 83% de elisão e 17% de ditongação, enquanto PWGs ramificados apresentam 83% de elisão, 6% de ditongação e 11% de ausência de SVE. Portanto, não é possível afirmar que há contraste entre PPh e PWGs no que se refere à ocorrência de elisão (mesma porcentagem de ocorrência desse fenômeno). Quanto à ocorrência de ditongação e à ausência de ocorrência de SVE, houve contraste de 5%.

Figura 30 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença *Eu desenhei o planeta escuro*

Figura 31 – Segmentação (em fones e PWds) e espectrograma da sentença *Eu inventei o planeta-estrela*

Ao compararmos a ocorrência de SVE entre PPhs com contexto para ditongo decrescente e acento de PWd apenas em V1 (sentenças 4a e 4b) e PWGs ramificados com essas mesmas características (sentenças 8a e 8b), observamos que PPhs apresentam 59% de ditongação e 41% de ausência de SVE, enquanto PWGs ramificados apresentam 50% de ditongação e 50% de ausência de SVE. Portanto, não é possível afirmar categoricamente que há contraste expressivo entre PPh e PWGs nesse caso. Contudo, uma vez que, neste experimento, as porcentagens de ocorrência de SVE em PPh não são idênticas às porcentagens de ocorrência desse fenômeno em PWG, análises

estatísticas devem ser feitas para que conclusões seguras sobre diferenças entre PWG e PPh possam ser apresentadas.

Em suma, este experimento demonstrou que, além da ausência de contraste sistemático entre PPhs e PWGs com o mesmo número de PWds já indicada em Coelho (2013), tampouco se verificam aqueles potenciais contrastes sugeridos naquele estudo. Isto é, em PB não há contraste sistemático na ocorrência de SVE entre PPhs e PWGs com o mesmo número de PWds.

5.3. Síntese do capítulo

Cinco experimentos foram realizados. No primeiro experimento apresentado, investigamos se a marcação de proeminência fonológica principal em elementos focalizados se dá da mesma forma em PWGs e PPhs ramificados com mesmo número de PWds. Neste experimento, investigamos se, em PWGs ramificados focalizados, a proeminência fonológica principal pode recair sobre uma PWd diferente da PWd núcleo da focalização. Além de palavras compostas, nomes próprios e siglas, também investigamos aqui se essa não coincidência entre núcleo da focalização e proeminência fonológica principal pode acontecer em PPhs ramificados focalizados, de forma a entendermos se PWGs apresentam um comportamento similar ou distinto de PPhs. Para cada uma dessas quatro categorias, analisamos duas sentenças diferentes, e cada sentença foi locucionada quatro vezes, cada uma contendo o núcleo da focalização em uma das quatro PWds estudadas.

No Quadro 2, apresentamos as frequências de ocorrências nas quais a proeminência fonológica principal não é identificada na PWd núcleo da focalização. A partir desse experimento se pôde concluir que tanto PPhs ramificados como palavras compostas e nomes próprios apresentam pouca ou nenhuma possibilidade de marcação de proeminência fonológica principal em PWd diferente da PWd núcleo da focalização. Siglas foram o único tipo de composição investigada no presente estudo que apresentou um índice alto e distinto na ocorrência de marcação de proeminência fonológica principal em PWd diferente da PWd núcleo da focalização.

Nos quatro experimentos posteriores, investigamos se e como o acento de PWG tem influência em fenômenos de SVE. Nesses experimentos, não observamos comportamentos sistematicamente distintos entre PWGs e PPhs ramificados com o mesmo número de PWds em estruturas frasais análogas. Por outro lado, observamos que o acento de PWG tem influência na ocorrência de SVE mesmo quando não coincide com o acento de PPh, o que indica que o acento relevante para o bloqueio de SVE não é o acento de PPh, mas o de PWG. Corroborando essa análise, observamos que a influência do acento de PWG na ocorrência de SVE parece ser a mesma tanto em fronteira quanto em interior de PWG. Quanto à ocorrência de ditongação ser mais comum em fronteira ou em interior de PWG, um dos experimentos apontou que esse fenômeno é mais

comum em fronteira de PWG, enquanto outro experimento apontou que esse fenômeno acontece com a mesma frequência em ambos os contextos.

6. Considerações finais

No âmbito da Fonologia Prosódica conforme proposta por Nespor & Vogel (1986) e da Fonologia Entoacional conforme proposta por Ladd (1996), investigamos neste trabalho o comportamento prosódico de elementos morfossintáticos (compostos, nomes próprios e siglas) que têm, por hipótese, o PWG como domínio. Além disso, investigamos de que forma a prosodização desses elementos se difere da prosodização de PPhs ramificados com mesmo número de PWds. A partir de experimentos onde controlamos o papel das variáveis relevantes para a marcação de foco contrastivo e para a ocorrência de SVE, alguns padrões puderam ser observados.

Com relação à marcação de foco contrastivo em PWG, observamos no experimento 5.1 (estendendo a uma maior diversidade de elementos morfossintáticos os estudos de Toneli, 2014) que, tanto em PPhs ramificados como em palavras compostas e nomes próprios, parece não haver possibilidade de ocorrência de proeminência fonológica de foco em uma PWd diferente da PWd núcleo da focalização – sinalizada, em primeiro lugar, pela maior duração da sua vogal tônica e, em segundo lugar, pela maior intensidade dessa mesma vogal e maior elevação da curva da frequência fundamental associada a ela –, enquanto que, para siglas, existe essa possibilidade (ocorrência de proeminência fonológica de foco em uma PWd diferente da PWd núcleo da focalização), ainda que o fenômeno não seja frequente. Destaca-se aqui, portanto, o fato de que, uma vez que siglas são elementos que apresentam comportamento prosódico singular no PB, esse tipo de estrutura se revela um objeto de estudo promissor para futuros trabalhos.

É importante mencionar, contudo, que Toneli (2014) observa essa possibilidade também em palavras compostas, o que pode ser devido ao fato de a autora ter analisado variedades dialetais de Minas Gerais, enquanto no presente estudo analisamos a variedade paulistana do PB. Seria interessante, portanto, coletar um maior número de dados, produzido por falantes de ambas as variedades dialetais, para testar essa diferença.

Com relação ao bloqueio de SVE pelo acento de PWG em diferentes estruturas prosódicas, diferentemente do que havia sido sugerido em Coelho (2013), não observamos comportamentos sistematicamente distintos entre PWGs e PPhs ramificados com o mesmo número de PWds em estruturas frasais análogas (experimento 5.2.3). Por outro lado, observamos que, assim como observado no PE por Vigário (2003), o acento de PWG tem influência na ocorrência de SVE mesmo quando não coincide com o acento de PPh (experimento 5.2.1), o que indica que o acento relevante para o bloqueio de SVE não é o acento de PPh, mas o de PWG. Isto é, quando no experimento 5.2.3 houve bloqueio de SVE no interior de PPhs ramificados (e.g., *urubu ágil* → *urub[ua]gil*; **urub[ʔa]gil*; **urub' ágil*), isso pode ter ocorrido não por influência do acento de PPh, mas por influência do acento de PWG na fronteira esquerda do segundo PWG não ramificado

contido nesse PPh.

Corroborando essa análise, observamos no experimento 5.2.2.2 (no qual estendemos ao PB os estudos de Vigário, 2003) que a influência do acento de PWG na ocorrência de SVE parece ser a mesma tanto em fronteira quanto em interior de PWG. Porém, no experimento 5.2.2.1, observamos que a ditongação é mais comum em fronteira que em interior de PWG. Isto é, no experimento 5.2.2.2 observamos que a ocorrência de ditongação é a mesma (22%) tanto em *A quinta úvula curada não chegou a ser infectada* como em *O mega-útil conselho não chegou a ser seguido*; enquanto, no experimento 5.2.2.1, a ditongação é bloqueada em *Ele tem porta-iscas exóticos*, mas ocorreu em 44% das locuções de *Ele transporta iscas exóticas*. Essa contradição entre as conclusões dos dois experimentos pode se dever a diversos fatores, dentre os quais podemos citar a posterioridade da vogal alta (anterior no experimento 5.2.2.2 e posterior no experimento 5.2.2.1), a posição sintática das palavras sujeitas a SVE (sujeito no experimento 5.2.2.2 e predicado no experimento 5.2.2.1) e também uma insuficiência quantitativa desses dados.

Ademais, uma vez que tais padrões de comportamento prosódico, assim como estudos anteriores (Vigário & Fernandes-Svartman, 2010; Frota et al., 2015), apontam para o fato de que o PB tem uma prosódia própria e distinta do PE, e levando-se em conta que estudos anteriores já apontam um distanciamento também da prosódia de variedades africanas do português em relação ao PE (Braga, 2015; Santos, 2015), destacamos a necessidade da realização de experimentos similares aos do presente estudo com *corpora* de variedades africanas.

Ressaltamos ainda a importância dos estudos sobre a prosodização do PWG também no âmbito da alfabetização: considerando-se que as convenções ortográficas de uma língua não são representações diretas e inequívocas de sua fonologia, alguns desvios dessas convenções podem ser explicados por esse desalinhamento. Por exemplo, as grafias não convencionais <básicamente> e <cafézinho> (onde as palavras *basicamente* e *cafézinho* recebem um acento não prescrito pelas normas ortográficas do PB) são evidências de que os falantes que as produzem interpretam que cada uma dessas palavras é constituída por duas PWds independentes, pois esses falantes estariam, por hipótese, aplicando as regras de acentuação a cada uma dessas PWds de forma independente. Essa hipótese é reforçada em casos onde esses mesmos falantes não acentuam graficamente as palavras *cafeteria* e *basiquinha*, pois eles estariam, por hipótese, interpretando que cada uma dessas palavras é constituída por uma única PWd e que, portanto, as regras de acentuação devem levar em conta cada uma dessas palavras como um todo.

Também destacamos a necessidade de que sejam conduzidos novos estudos que continuem a investigar o comportamento do domínio PWG no PB – domínio esse que, de acordo com os resultados que obtivemos, mostra-se relevante para a descrição prosódica dessa variedade da língua

–, tanto no sentido de que os nossos experimentos sejam replicados por outros pesquisadores – de forma a validá-los ou a encontrar falhas que nós não pudemos encontrar neste trabalho – como no sentido de se aprofundar o que foi apresentado aqui. Contudo, ainda que haja essa necessidade, ressaltamos que os resultados alcançados por este trabalho contribuíram para a reflexão sobre a relevância da proposição do domínio PWG em PB e, de uma maneira geral, trouxeram contribuições para os estudos sobre domínios prosódicos em português.

Referências bibliográficas

- ABAURRE, M. B. M. (1996) Acento frasal e processos fonológicos segmentais. *Letras de Hoje*, v. 31, n. 2, pp. 41-50.
- ALVES, I. M. (2007) *Neologismo: criação lexical*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- AMIOT, D. & DAL, G. (2007) Integrating neoclassical combining forms into a lexeme-based morphology. In: BOOIJ, G. et al (eds.) *On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting*, Universidade de Bolonha, 2007, p. 323-336.
- AZEREDO, J. C. (2008) *Gramática Houaiss de Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAILEY, LESLIE (1990). A feature-based analysis of Swedish pitch accent and intonation. Ph.D. Dissertation, University of Delaware.
- BATTISTI, E. (2004) Haplologia sintática e efeitos da economia. *Organon (UFRGS)*, v. 18, n. 36, pp. 31-39.
- _____, E. (2005) Haplologia no português do sul do Brasil: Porto Alegre. In: *Letras de Hoje*, v. 40, n. 3, pp. 73-88
- BECHARA, E. (2006) *Moderna Gramática Portuguesa*, Lucerna, Rio de Janeiro.
- BECKMAN, M. & PIERREHUMBERT, J. (1986) Intonational structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, n. 3, pp. 255-310.
- BISOL, L. (1992) Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, v. 23, pp. 83-101.
- _____. (1993) Sândi vocálico externo. *Gramática do Português Falado*, v. 2. Campinas: Editora da Unicamp, pp. 21-38.

- _____. (1996a) Sândi externo: o processo e a variação. *Gramática do Português Falado*, v. 5. Campinas: Editora da Unicamp, pp. 55-96.
- _____. (1996b) O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*, v. 31, n. 2, pp. 159-168.
- _____. (2000) A Elisão, uma Regra Variável. *Letras de Hoje*, v. 35, n. 1, pp. 319-330.
- _____. (2003) Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 15, n. 2, pp. 177-200.
- _____. (2005) O clítico e seu hospedeiro. *Letras de hoje*. Porto Alegre. V. 40, no 3, 2005, pp. 163-184.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. (2015) Praat: Doing Phonetics by Computer [Computer program]. Version 6.0.04.
- BOLINGER, D. (1951) Intonation: levels versus configurations. *Word* 7: 199-210. Reprinted in Bolinger 1965: pp. 3-16.
- BOOIJ, G. E. (1983) Principles and parameters in prosodic phonology. *Linguistics* 21.1, p. 249-280, 1983.
- BOPP DA SILVA, T. (2010) *Formação de Palavras Compostas em Português Brasileiro: uma Análise de Interfaces*. Tese (Doutorado em Letras) – UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- BRAGA, G. (2018) *Prosódia do português de São Tomé: o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras*. Dissertação (Mestrado em letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- BRISOLARA, L. (2008) Os clíticos pronominais do português brasileiro e sua prosodização. Tese de doutorado. Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- _____. (2013) *Sândi Vocálico Externo: Uma Investigação por evidências segmentais para o Grupo de Palavras Prosódicas no Português Brasileiro: Parte II*. Relatório final de

Iniciação Científica, Universidade de São Paulo.

COLLISHONN, G. (1993) Um estudo do acento secundário em português. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

CUNHA, G. (2000) *Entoação regional no português do Brasil*. Tese de doutorado em Linguística – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FERNANDES, F. (2007a). Tonal association in neutral and subject narrow focus sentences in Brazilian Portuguese: a comparison with European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* (special issue: Prosody in Ibero-Romance and Related Languages, Guest-edited by G. Elordieta & M. Vigário) 5(2)/6(1), pp. 91-115.

_____, F. (2007b). *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

FROTA, S.; VIGÁRIO, M. (2000) Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: CASTRO, R. V.; BARBOSA, P. (Orgs.) *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, v.1, p. 533-555.

FROTA, S.; CRUZ M.; FERNANDES-SVARTMAN, F.; COLLISCHONN, G.; FONSECA, A.; SERRA, C.; OLIVEIRA, P. & VIGÁRIO, M. (2015) Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In FROTA, S. & PRIETO, P. (eds). *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press, p. 235-283.

FROTA, S. (1997) On the prosody and intonation of focus in European Portuguese. In: MARTÍNEZ- GIL, F.; MORALES-FRONT, A. (Eds.). *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1997, p. 359-392.

_____. (2000) *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.

GUEVARA, E.; SCALISE, S. (2009) Searching for universals in compounding. In: SCALISE, S.;

- BISETTO, A.; MAGNI, E. *Universals of Language Today*. Amsterdam: Springer, 2009, p. 101-128.
- GUSSENHOVEN, C. (2004) *The phonology of tone and intonation*. New York: Cambridge University Press, 2004.
- GUZZO, N. B., (2015) *A prosodização de clíticos e compostos em Português Brasileiro*. 229f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.
- HALL, T.A. (1999) Phonotactics and the Prosodic Structure of German Function Words. In: HALL, T.A. & KLEIHENZ, U. (orgs.) *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 99-131.
- HANNAHS, S. J. (1995a) Glide formation, prefixation, and the phonological word in French. In Jon Amastae, Grant Goodall, Mario Montalbetti & Marianne Phinney (eds.), *Contemporary research in Romance linguistics*, 13–24. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishers.
- HANNAHS, S. J. (1995b) *Prosodic structure and French morphophonology*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- HAYES, B.; LAHIRI, A. (1991) Bengali intonational phonology. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 9, n. 1, 1991, p. 47-96.
- HAYES, B. (1989) Compensatory lengthening in Moraic Phonology. *Linguistic Inquiry* 20, pp. 253-306.
- INKELAS, S. (1990) *Prosodic Constituency in the Lexicon*. New York: Garland Publishing.
- JUN, S. (1993) *The phonetics and phonology of Korean prosody*. PhD thesis, Ohio State University. Published 1996 by Garland Press, New York.
- JUN, S. (2005). Prosodic Typology. *The Phonology of Intonation and Phrasing*. New York: Oxford University Press. JUN, S. (2005). Prosodic Typology. *The Phonology of Intonation and*

Phrasing. New York: Oxford University Press.

KABAK, B. & VOGEL, I. (2001) The phonological word and stress assignment in Turkish. *Phonology* 18. 315–360.

KEHDI, V. (2002) *Formação de Palavras em Português*. São Paulo: Ática, 2002.

KENSTOWICZ, M. (1994) *Phonology in generative grammar*. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

KLEINHENZ, U. (1996) The Prosody of German Clitics. In: ALEXIADOU, A. et al. (orgs.) *ZAS Papers in Linguistics* 6, pp. 81-95.

LADD, D. R. (1996) *Intonational Phonology*. Cambridge: CUP, 1996.

_____. (2008) *Intonational Phonology*, 2nd edition. Cambridge: CUP, 2008.

LEBEN, W. & AHOUA, F. 1997. Prosodic domains in Baule. *Phonology* 14. 113–132.

LEE, S. H. (1995) *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas, 1995.

_____. (1997) Sobre os compostos do PB. *DELTA*, 13(1), p. 17-33, 1997.

MASSINI-CAGLIARI, G. (1992) *Acento e Ritmo*. São Paulo: Editora Contexto.

MATTOSO CÂMARA JR., J. (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

MONTEIRO, J. L. (2002) *Morfologia Portuguesa*, 4ª edição. Editora Pontes.

MORAES, J A. (1998) Intonation in Brazilian Portuguese. In: Daniel Hirst & Albert Di Cristo (eds). *Intonation Systems. A Survey of Twenty Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998, p 179-194.

MORENO, C. (1997) *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical*. Tese de

Doutorado. Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

_____. (2002) *A formação de compostos no português*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 37, n. 1, 2002.

NESPOR, M. & VOGEL, I. (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.

_____. (2007) *Prosodic phonology. With a new foreword*. Berlin: Mouton de Gruyter.

NESPOR, M.; RALLI, A. (1996) Morphology-phonology interface: phonological domains in Greek compounds. *The Linguistic Review*, 13(3-4), p. 357-382, 1996.

_____. (1999) The phonology of clitic groups. In: H Van Riemsdijk (ed.). *Clitic*. Eurotyp. Theme Group 8. Berlin. Mouton, p.865-890, 1999.

NÓBREGA, V. A. (2014) Tópicos em composição: estrutura, formação e acento. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2014.

PEPERKAMP, S. (1997). The prosodic structure of compounds. In: MATOS, G., MIGUEL, M., DUARTE, I. & FARIA, I. (eds.) *Interfaces in Linguistic Theory*. Lisboa: APL / Colibri, pp. 259-279.

_____. (1997a) *Prosodic words*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1997a.

PIERREHUMBERT, J. & BECKMAN, M. (1988) *Japanese Tone Structure*. Cambridge, Mass.: M. I. T. Press.

PIERREHUMBERT, J. (1980) *The phonology and phonetics of English intonation*. Ph.D. Dissertation, M.I.T.

PIKE, K. L. (1945) *The intonation of American English*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

RALLI, A. *Compounding in Modern Greek*. Nova Iorque/Londres: Springer, 2013.

SANDMANN, A. J. (1990). *O Que é um Composto?*, Delta 6, pp. 01-18.

SANDMANN, A. J. (1991) *Competência Lexical*. Editora da UFPR, Curitiba.

SANTOS, V. G. (2015). *Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau: a entoação do contorno neutro*. 226 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SCHWINDT, L. C. (2000) O prefixo do português brasileiro: análise morfofonológica. Tese de Doutorado. Rio Grande do Sul: PUCRS, 2000.

_____. (2001) O prefixo no português brasileiro: uma análise prosódica e lexical. Delta, São Paulo, vol. 17, n.2, 2001.

SCHWINDT, L. C. (2013a) Palavra fonológica e derivação em português brasileiro: considerações para a arquitetura da gramática. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (eds.) *Fonologia: teorias e perspectivas*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2013a.

SELKIRK, E. (1984) *Phonology and Syntax. The Relation between Sound and Structure*. Cambridge, MA: MIT Press.

_____. (1996) The prosodic structure of function words. In J. Morgan & K. Demuth (orgs.) *Signal to Syntax: Bootstrapping From Speech to Grammar in Early Acquisition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 187-213.

SERRA, C. R. (2009) *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVERMAN, K. & BECKMAN, M. & PITRELLI, J. & OSTENDORF, M. & WIGHTMAN, C. & PRICE, P. & PIERREHUMBERT, J. & HIRSCHBERG, J. (1992) ToBI: a standard for labeling English prosody. *ICSLP 2 (Banff)*: 867-70.

SIMIONI, T. (2008) O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em português brasileiro. *Alfa*, v. 52,

n.2, p. 431-446, 2008.

TENANI, L. (2002). *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

TENANI, L. & FERNANDES-SVARTMAN, F. (2008) Prosodic phrasing and intonation in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese. In: *Proceedings of Fourth Conference on Speech Prosody*. Campinas: RG/CNPq, pp. 445-448.

TONELI, P. (2014) *A palavra prosódica em português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

TRUCKENBRODT, H.; SANDALO, F.; ABAURRE, B. (2009). Elements of Brazilian Portuguese intonation. *Journal of Portuguese Linguistics* 8, pp. 75-114.

VENDITTI, J. & JUN, S. & BECKMAN, M. (1996) Prosodic cues to syntactic and other linguistic structures in Japanese. Korean and English. In James L. Morgan and Katherine Demuth (eds.). *Signal to syntax: boot-strapping from speech to grammar in early acquisition. Part IV: Speech and the acquisition of phrase structure*. Hillsdale. NJ: Lawrence Erlbaum, pp. 287-311.

VIGÁRIO, M. C. & FERNANDES-SVARTMAN, F. R. (2010) A atribuição de acentos tonais em compostos no português do Brasil. In: BRITO, A. M.; SILVA, F.; VELOSO, J.; FIEIS, A. (Orgs.) *XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*. Porto: Tip. Nunes, Ltda – Maia, v. 1, pp. 769-786.

VIGÁRIO, M. (1998) *Aspectos da prosódia do português europeu: Estruturas com advérbios de exclusão e negação frásica*. Braga: Universidade do Minho/CEHUM.

_____. (2000) *Estruturas Morfológicas: Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

_____. (2001) The prosodic word in European Portuguese. Tese de doutorado. Universidade de

Lisboa, Lisbon, Portugal.

- _____. (2003) *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- _____. (2007) O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, M. & COUTINHO, M. A. (Orgs.) *XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*. Lisboa: Colibri Artes Graficas, pp. 673-688.
- _____. (2010) Prosodic structure between the Prosodic Word and the Phonological Phrase: recursive nodes or an independent domain? *The Linguistic Review*, v. 27, n. 4, pp. 485-530, 2010.
- VILLALVA, A. (2003) *Formação de palavras: composição*, in: Maria Helena Mira Mateus et al., Gramática da Língua portuguesa, 5ª edição, revista e aumentada, Lisboa, Caminho, 971-983.
- VOGEL, I. (1990) English compounds in Italian: the question of the head. In W.U. Dressler, H.C. Luschutzky, O.E. Pfeiffer, and J.R. Rennison (eds.) *Contemporary Morphology*. Berlin: Mouton de Gruyter. 99-110.
- _____. (2008) Universals of Prosodic Structure. In S. Scalise, E. Magni, E. Vineis, A. Bisetto (eds.) *Universals of Language Today*. Amsterdam, Springer. pp. 59-82.
- _____. (2009) The Status of the Clitic Group. In J. Grijzenhout and B. Kabak (eds.) *Phonological Domains: Universals and Deviations*. Berlin: Mouton de Gruyter. pp. 15-46.
- _____. (2010) The phonology of compounding. In S. Scalise, I. Vogel (eds.) *Compounding: theory and analysis*. Amsterdam: John Benjamins. pp. 145-63.
- WELLS, R. (1945). The pitch phonemes of English. *Lg* 21: 27-40.

Anexos

A: *Corpus*

Experimento descrito na seção 5.1

Perguntas contextualizadoras

O ultra-drone examinava as mega-lojas?
 O mini-robô examinava as mega-lojas?
 O mini-drone examinava as super-lojas?
 O mini-drone examinava as mega-feiras?
 A Leila Braga examinava a Lara Veiga?
 A Nina Almeida examinava a Lara Veiga?
 A Nina Braga examinava a Joana Veiga?
 A Nina Braga examinava a Lara Coelho?
 A WH dominava a NH?
 A LW dominava a NH?
 A LH dominava a WH?
 A LH dominava a NW?
 As ultra-bombas abalaram as mega-vilas?
 As mini-armas abalaram as mega-vilas?
 As mini-bombas abalaram as mini-vilas?
 As mini-bombas abalaram as mega-cidades?
 A Márcia Moura examinava a Vera Mendes?
 A Bruna Assis examinava a Vera Mendes?
 A Bruna Moura examinava a Cláudia Mendes?
 A Bruna Moura examinava a Vera Costa?
 A FM dominava a NL?
 A LF dominava a NL?
 A LM dominava a FL?
 A LM dominava a NF?
 O jovem monge desenvolveu a nova droga?
 O velho padre desenvolveu a nova droga?
 O velho monge desenvolveu a velha droga?
 O velho monge desenvolveu a nova terapia?
 O padre velho desenvolveu a droga nova?
 O monge jovem desenvolveu a droga nova?
 O monge velho desenvolveu a terapia nova?
 O monge velho desenvolveu a droga velha?

Sentenças estudadas

Não. O mini-drone examinava as mega-lojas.
 Não. O mini-drone examinava as mega-lojas.
 Não. O mini-drone examinava as mega-lojas.
 Não. O mini-drone examinava as mega-lojas.
 Não. A Nina Braga examinava a Lara Veiga.
 Não. A Nina Braga examinava a Lara Veiga.
 Não. A Nina Braga examinava a Lara Veiga.
 Não. A Nina Braga examinava a Lara Veiga.
 Não. A LH dominava a NH.
 Não. A LH dominava a NH.
 Não. A LH dominava a NH.
 Não. A LH dominava a NH.
 Não. As mini-bombas abalaram as mega-vilas.
 Não. As mini-bombas abalaram as mega-vilas.
 Não. As mini-bombas abalaram as mega-vilas.
 Não. As mini-bombas abalaram as mega-vilas.
 Não. A Bruna Moura examinava a Vera Mendes.
 Não. A Bruna Moura examinava a Vera Mendes.
 Não. A Bruna Moura examinava a Vera Mendes.
 Não. A Bruna Moura examinava a Vera Mendes.
 Não. A LM dominava a NL.
 Não. A LM dominava a NL.
 Não. A LM dominava a NL.
 Não. A LM dominava a NL.
 Não. O velho monge desenvolveu a nova droga.
 Não. O velho monge desenvolveu a nova droga.
 Não. O velho monge desenvolveu a nova droga.
 Não. O velho monge desenvolveu a nova droga.
 Não. O monge velho desenvolveu a droga nova.
 Não. O monge velho desenvolveu a droga nova.
 Não. O monge velho desenvolveu a droga nova.
 Não. O monge velho desenvolveu a droga nova.

Experimento descrito na seção 5.2.1

Perguntas contextualizadoras

O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu?

Sentenças estudadas

O JSD foi extinto.
 O JSD regional foi extinto.
 O TJF foi extinto.
 O TJF regional foi extinto.
 O SFC foi extinto
 O SFC regional foi extinto.
 O TSF foi extinto.
 O TSF regional foi extinto.

Experimento descrito na seção 5.2.2.1

Perguntas contextualizadoras

O que ele faz?
 O que ele faz?
 O que ele faz?
 O que ele faz?
 O que você ia me dizer?
 O que você ia me dizer?
 O que você ia me dizer?
 O que você ia me dizer?

Sentenças estudadas

Ele transporta óculos castanhos.
 Ele transporta águias exóticas.
 Ele transporta iscas exóticas.
 Ele sugere óculos caríssimos.
 Ele tem porta-óculos castanhos.
 Ele tem mata-ácaros russos.
 Ele tem porta-iscas exóticos.
 Ele tem vale-óculos caríssimos.

Experimento descrito na seção 5.2.2.2

Perguntas contextualizadoras

O que aconteceu com a quinta ordem que promulgaram?
 O que aconteceu com a quinta arma que foi encontrada?
 O que aconteceu com a quinta úvula que foi curada?
 O que aconteceu com a breve alta que foi detectada?
 O que aconteceu com aquele problema tão óbvio?
 O que aconteceu com aquele felino tão ágil?
 O que aconteceu com aquele conselho tão útil?
 O que aconteceu com aquele senhor não muito apto?

Sentenças estudadas

A quinta ordem promulgada não chegou a ser obedecida.
 A quinta arma encontrada não chegou a ser apreendida.
 A quinta úvula curada não chegou a ser infectada.
 A breve alta detectada não chegou a ser registrada.
 O mega-óbvio problema não chegou a ser solucionado.
 O mega-ágil felino não chegou a ser fotografado.
 O mega-útil conselho não chegou a ser seguido.
 O semi-apto senhor não chegou a ser entrevistado.

Experimento descrito na seção 5.2.3

Perguntas contextualizadoras

O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu?
 O que aconteceu quando você misturou um urubu com uma arara?
 O que aconteceu quando você misturou um urubu com uma águia?
 O que aconteceu quando você misturou um planeta com uma estrela?
 O que aconteceu quando você misturou um sabiá com um esquilo?
 O que aconteceu quando você misturou o bambu com o arroz?
 O que aconteceu quando você pôs água no bambu?
 O que aconteceu quando você misturou a régua com o esquadro?
 O que aconteceu quando você misturou o sofá com a estante?

Sentenças estudadas

Eu desenhei o urubu alado.
 Eu desenhei o urubu ágil.
 Eu desenhei o planeta escuro.
 Eu desenhei o sabiá escuro.
 Eu desenhei o bambu aguado.
 Eu desenhei o bambu áspero.
 Eu desenhei a régua estreita.
 Eu desenhei o sofá escuro.
 Eu inventei o urubu-arara.
 Eu inventei o urubu-águia.
 Eu inventei o planeta-estrela.
 Eu inventei o sabiá-esquilo.
 Eu inventei o bambu-arroz.
 Eu inventei o bambu-água.
 Eu inventei a régua-esquadro.
 Eu inventei o sofá-estante.

B. Formulário Perfil do Informante

Formulários de perfil e de consentimento das informantes que participaram desta pesquisa.

Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa

Laboratório de Fonética
Centro de Linguística

Perfil do Informante

Nome²¹:

Sexo:

F ☐

M ☐

Idade:

Naturalidade:

Habilitações literárias/Formação académica:

Ocupação profissional:

Língua(s) materna(s):

Onde viveu nos últimos 10 anos:

Algum tipo de alteração auditiva, discursiva ou de escrita/leitura:

21. A identidade do informante nunca será revelada; qualquer referência ao indivíduo será feita através de um código específico, garantindo sempre o anonimato.

Universidade de Lisboa
FACULDADE DE LETRAS
Laboratório de Fonética (CLUL)

Alameda de Universidade
1600-214 Lisboa
Portugal

Departament de Traducció i
Ciències del llenguatge
Universitat Pompeu Fabra

Campus de la Comunicació-Poblenou
C/ Roc Boronat, 138
08018 Barcelona, Espanha

Consentimento informado

..... (nome próprio e apelidos), maior de idade, com documento de identificação nº e com domicílio em, nascido/a a do ano

RECONHECE:

Ter sido informado/a de que, em cumprimento da Lei de Protecção de Dados Pessoais (Lei n.º 67/98 de 26 de Outubro), que transpõe para a Ordem Jurídica Portuguesa a Directiva 95/46/CE, do Parlamento Europeu e do seu Conselho, de 24 de Outubro de 1995, os seus dados pessoais registados em audio e/ou vídeo pela equipa de investigadores da Universidade de Lisboa, ou por colaboradores desta equipa, devidamente identificados, se destinam ao arquivo de Projectos de Investigação desta universidade. Estes dados apenas serão utilizados com a única finalidade de realizar investigação no âmbito da Linguística.

Autorizar a Universidade de Lisboa, através da equipa de investigação liderada pela Prof. Sónia Frota, Directora do Laboratório de Fonética (CLUL/FLUL), bem como a Universidade Pompeu Fabra (Barcelona, Espanha), através do *Grup d'Estudis de Prosòdia* (coordenado pela Prof. Pilar Prieto), universidade parceira da Universidade de Lisboa no âmbito dos projectos de investigação em prosódia, a reproduzir e publicar por qualquer meio as gravações em que participo, com as finalidades únicas de investigação e ensino, e sem qualquer fim lucrativo. Os dados resultantes dos estudos de prosódia poderão ser tornados públicos no âmbito dos sítios de internet do Atlas Interactivo da Prosódia do Português e do Atlas Interactivo da Entoação das Línguas Românicas, projectos sem fins lucrativos destinados à investigação, ensino e aprendizagem no âmbito da língua portuguesa e das línguas românicas.

Autorizar a cedência dos dados tornados públicos pela Universidade de Lisboa e pela Universidade Pompeu Fabra a outras instituições de investigação, com a finalidade única de realização de projectos de investigação em ciências da linguagem e sempre que estas instituições não realizem actividades com fins lucrativos que envolvam estes dados.

Ter sido informado/a de que posso exercer os direitos de acesso, rectificação, cancelamento ou contestação mediante uma comunicação escrita, acompanhada de fotocópia de documento de identificação, dirigida a Laboratório de Fonética (CLUL/FLUL), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Alameda de Universidade, 1600-214 Lisboa.

Para os efeitos acima descritos, assino esta autorização.

_____ de _____ de 20____ .

(Assinatura)